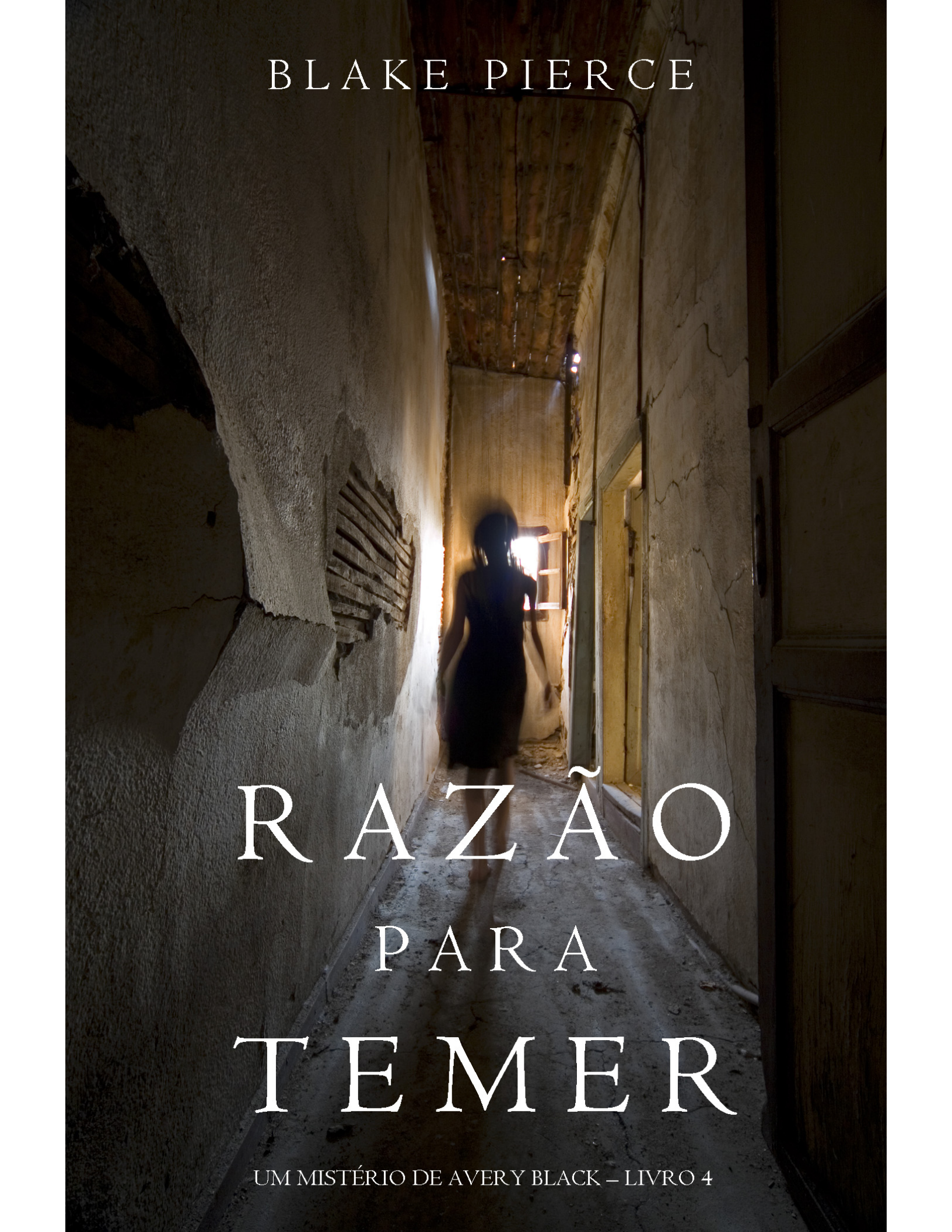




BLAKE PIERCE

RAZÃO
PARA
TEMER

UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 4



RAZÃO PARA TEMER

(UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 4)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright © 2017 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este e-book está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este e-book e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright ozgurdonmaz, usada sob licença de istock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

ÍNDICE

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

PRÓLOGO

Aos trinta e nove anos, Denice Napier não se lembrava de um inverno tão frio quanto aquele. Mesmo que não desse bola para o frio, era o vento congelante que a incomodava. Ela sentiu uma rajada passando pela margem do Rio Charles quando sentou na cadeira dobrável, vendo seus filhos patinando, e respirou fundo. Era metade de janeiro, e a temperatura não tinha passado de menos doze pela última semana e meia.

Seus filhos, mais espertos do que ela admitia, sabiam que temperaturas tão drásticas significavam que a maior parte do Rio Charles estaria completamente congelada. Por isso ela havia ido até a garagem e pegado dois patins de gelo pela primeira vez no inverno. Ela os amarrou, afiou as lâminas e empacotou três garrafas térmicas de chocolate quente—uma para ela e uma para cada uma das crianças.

Ela olhava para eles naquele momento, patinando de um lado a outro sem se preocupar e em uma velocidade que só crianças eram capazes. O lugar que haviam escolhido era reto, porém estreito, com árvores ao redor e a cerca de dois quilômetros e meio de casa. Uma completa lâmina de gelo. Havia cerca de seis metros entre uma margem e outra e depois um espaço maior de nove metros até chegar ao rio congelado. Desajeitada, Denice havia caminhado pelo gelo e utilizado pequenos cones alaranjados para delimitar o espaço das crianças.

Ela olhava para eles—Sam, nove anos, e Stacy, doze—rindo juntos e realmente gostando da companhia um do outro. Aquilo não era algo que acontecia sempre, e por isso Denice estava disposta a enfrentar o frio mais vezes.

Também havia algumas outras crianças no local. Denice conhecia algumas delas, mas não o suficiente para iniciar uma conversa com seus pais, que também estavam sentados por ali. A maioria das outras crianças no gelo eram mais velhas, provavelmente estavam na oitava ou nona série, pelo que Denice via. Havia três garotos fazendo um jogo muito desorganizado de hóquei e outra menina praticando uma manobra nos patins.

Denice olhou seu relógio. Ela havia dado as crianças mais dez minutos antes de ir embora. Talvez eles se sentariam em frente à lareira e assistiriam

algo na Netflix. Ou talvez até um daqueles filmes de super-heróis dos quais Sam estava começando a gostar.

Seus pensamentos foram interrompidos por um grito penetrante. Ela olhou para o gelo e viu que Stacy havia caído. Ela estava gritando, com o rosto olhando em direção ao gelo.

Todos os instintos maternos passaram por Denice naquele momento.
Perna quebrada, tornozelo torcido, concussão...

Ela pensara em cada cenário possível quando começou a andar pelo gelo. Deslizou e escorregou em direção a Stacy. Sam também patinou na direção da irmã e estava olhando para o gelo, também. No entanto, Sam não estava gritando. Ele parecia congelado, na verdade.

- Stacy? – Denice perguntou, quase sem poder escutar a si mesma por conta dos gritos da filha. – Stacy, amor, o que aconteceu?

- Mãe? – Sam disse. – O que... O que é isso?

Confusa, Denice finalmente chegou até Stacy e se ajoelhou ao lado dela. Ela parecia estar ilesa. Parou de gritar assim que sua mãe chegou, mas estava tremendo. Também estava apontando para o gelo e tentando abrir a boca para dizer algo.

- Stacy, o que foi?

Então Denice viu a forma debaixo do gelo.

Era uma mulher. Seu rosto era uma sombra pálida azul e seus olhos estavam arregalados. Ela olhava pelo gelo e tinha uma expressão congelada de terror. Cabelos loiros serpenteavam seu crânio, congelado em posição de desordem.

O rosto que olhava para ela, com olhos abertos e pele pálida, o revisitaria em seus pesadelos durante meses.

Mas naquele momento, tudo o que Denice pode fazer foi gritar.

CAPÍTULO UM

Avery não se lembrava da última vez em que havia ido as compras tão despreocupada. Ela não tinha certeza de quanto dinheiro gastara porque havia parado de prestar atenção nisso na segunda parada. Na verdade, ela quase não olhou para os recibos. Rose estava com ela e isso, na verdade, não tinha preço. Poderia ser que ela sentisse algo diferente quando as contas chegasse, mas naquele momento não valia a pena pensar nisso.

Com evidências da extravagância nas sacolas de marca em seus pés, Avery olhou pela mesa para Rose. Elas estavam sentadas em algum lugar chique no Leather District de Boston, em um lugar que Rose havia escolhido e se chamava Caffè Nero. O café era muito caro, mas era o melhor que Avery tomara em muito tempo.

Rose estava no telefone, mandando mensagem para alguém. Geralmente, isso irritaria Avery, mas ela estava aprendendo a aceitar as coisas. Se ela e Rose fossem um dia ter uma relação direta, teriam que entender e deixar passar algumas coisas. Ela tinha que lembrar a si mesma que havia uma diferença de vinte e dois anos entre as duas e que Rose estava se tornando mulher em um mundo diferente daquele em que ela fora criada.

Quando Rose terminou de escrever, deixou o telefone na mesa e olhou Avery com um olhar que pedia perdão.

- Desculpe – ela disse.

- Não precisa – Avery respondeu. – Posso perguntar quem é?

Rose pareceu pensar naquilo por um momento. Avery sabia que a filha também estava disposta a entender e deixar passar algumas coisas em prol do relacionamento delas. Ela ainda não havia decidido quanto de sua vida pessoal queria dividir com sua mãe.

- Marcus – Rose disse, suavemente.

- Ah, não sabia que vocês ainda estavam juntos.

- Não estamos. Não mesmo. Bem... Não sei, talvez estamos.

Avery sorriu, lembrando do tempo em que homens eram confusos e intrigantes ao mesmo tempo.

- Bom, vocês estão namorando?

- Acho que podemos dizer que sim – Rose disse. Ela não estava falando muito, mas Avery podia ver as bochechas de sua filha ficando vermelhas.

- Ele te trata bem? – Avery perguntou.

- Na maior parte do tempo. Nós queremos coisas diferentes. Ele não é um cara com muitos objetivos. Parece sem direção.

- Bem, você sabe que eu não me importo de ouvir você falar sobre essas coisas – Avery disse. – Estou sempre disposta a escutar. Ou falar. Ou te ajudar com caras que estão te machucando. Com meu trabalho... você é praticamente a única amiga que eu tenho. – Ela lamentou internamente quão brega aquilo havia soado, mas já era tarde para voltar atrás.

- Eu sei disso, mãe – Rose disse. Depois, sorrindo, continuou. – E você não tem noção de quão triste isso soa.

Elas riram juntas mas, em segredo, Avery admirou-se ao ver como Rose se parecia com ela naquele momento. Quando qualquer conversa se tornava muito emotiva ou pessoal, Rose tendia a trocar o assunto com silêncio ou humor. Em outras palavras, o fruto nunca caía longe do pé.

No meio da risada, uma fina garçonete apareceu, a mesma que havia tirado seus pedidos e levado o café até a mesa.

- Querem mais? – Ela perguntou.

- Para mim não – Avery respondeu.

- Também não – Rose disse. Ela levantou-se quando a garçonete saiu. – Na verdade preciso ir – ela disse. – Tenho a reunião com o supervisor acadêmico em uma hora.

Aquilo era outra coisa da qual Avery tinha medo de tornar algo grande demais. Ela estava animada porque Rose havia finalmente decidido ir para a faculdade. Aos dezenove anos, havia marcado reuniões com supervisores de faculdades em Boston. Até onde Avery sabia, aquilo significava que ela estava pronta para cuidar de sua vida, mas não totalmente pronta para deixar de lado assuntos familiares—que potencialmente incluíam resolver seu relacionamento com sua mãe.

- Me ligue depois para contar como foi – Avery disse.

- Pode deixar. Obrigada de novo, mãe. Foi bem divertido. Temos que fazer isso de novo logo.

Avery assentiu e viu sua filha sair. Ela tomou o último gole de seu café e levantou-se, segurando as sacolas. Depois de colocar todas nos ombros, saiu da cafeteria em direção ao carro.

Quando seu telefone tocou, foi quase impossível atender com tantas sacolas nos ombros. Tanto que ela se sentiu um pouco estúpida. Avery nunca fora uma dessas mulheres que gostavam de ir às compras. Mas havia

sido um belo exercício de reconciliação com Rose, e isso era o que importava.

Depois de ajeitar as sacolas no ombro, ela finalmente conseguiu pegar o telefone no bolso de seu casaco.

- Avery Black – atendeu.

- Black – disse o sempre rude supervisor do Departamento de Homicídios do A1, Dylan Connelly. – Onde você está agora?

- Leather District – ela disse. – O que foi?

- Preciso que você venha até o rio Charles, fora da cidade, perto de Watertown, o mais rápido possível.

Ela escutou a urgência no tom de voz dele e seu coração bateu mais forte.

- O que foi? – Ela disse, quase com medo de perguntar.

Depois de uma longa pausa, ouviu um suspiro profundo.

- Encontramos um corpo sob o gelo – ele disse. – E você vai ter que ver para acreditar.

CAPÍTULO DOIS

Avery chegou ao local exatamente vinte e sete minutos depois. Watertown, em Massachusetts, a cerca de trinta quilômetros de Boston, era apenas uma das cidades que compartilhava o rio Charles com a capital. A barragem de Watertown ficava acima da ponte da cidade. A área ao redor da barragem era em sua maioria rural, como o local do crime em que ela estava estacionando naquele momento. Ela estimava que a barragem ficava a cerca de vinte e cinco quilômetros dali, e a cidade de Watertown a cerca de seis quilômetros pela rodovia.

Quando caminhou ao lado do rio, Avery viu uma longa faixa de fita delimitando a cena do crime. A cena era muito grande, e a fita amarela desenhava um retângulo enorme de duas árvores perto dos bancos até dois polos de aço que a polícia havia enterrado no gelo sólido do rio. Connelly estava em pé na margem, falando com dois agentes. No gelo, uma equipe de três pessoas estava abaixada, olhando algo.

Ela passou por Connelly e acenou. Ele olhou o relógio, deu um olhar impressionado, e respondeu o aceno.

- Os peritos podem te contar tudo – ele disse.

Estava tudo bem por ela. Mesmo que estivesse começando a gostar mais dele a cada caso, era melhor ir pouco a pouco. Avery seguiu em direção ao gelo, imaginando se aquelas poucas vezes patinando quando era adolescente iriam servir para algo agora. Aparentemente, no entanto, aquelas habilidades já não existiam. Ela caminhou devagar, com cuidado para não escorregar. Odiava se sentir vulnerável e sem controle total, mas o gelo era realmente muito escorregadio.

- Tudo bem – um dos peritos disse, vendo ela vir em direção a eles. – Hatch já caiu com a bunda no gelo umas três vezes aqui.

- Cale a boca – outro membro da equipe disse, presumidamente Hatch.

Avery finalmente chegou até onde estavam os peritos. Eles estavam abaixados, olhando um pedaço quebrado de gelo. Abaixo dele, ela viu o corpo nu de uma mulher. Ela parecia ter vinte e poucos anos. Apesar de sua pele estar pálida e parcialmente congelada, ela parecia linda. Maravilhosa, na verdade.

Os peritos haviam trabalhado para tirar o corpo dali com estacas de plástico. A ponta de cada estaca tinha uma curva em forma de U, coberta

com o que parecia ser algum tipo de algodão. À direita do gelo quebrado, um simples cobertor esperava pelo corpo.

- Ela foi encontrada assim? – Avery perguntou.

- Sim – disse a mulher que ela assumiu ser Hatch. – Pelas crianças. A mãe ligou para a polícia local e uma hora e quinze depois, aqui estamos nós.

- Você é Avery Black, certo? – O terceiro membro perguntou.

- Sou.

- Você precisa checar algo antes de tirarmos ela?

- Sim, se vocês não se importarem.

Os três recuaram um pouco. Hatch e o membro ao lado que havia rido dela por cair no gelo seguravam as estacas de plástico. Avery se aproximou. Seus dedos estavam a menos de quinze centímetros do gelo quebrado e da água.

O gelo quebrado a permitiu ver a mulher da testa até os joelhos. Ela parecia quase uma estátua de cera. Avery sabia que aquilo tinha a ver com temperaturas extremas, mas havia algo a mais na perfeição dela. Ela era incrivelmente magra—talvez tivesse só um pouco mais do que quarenta e cinco quilos. Seu rosto tinha uma sombra azul, mas além disso, não havia manchas, arranhões, cortes, contusões, nem sequer espinhas.

Avery também percebeu que além do cabelo encharcado e parcialmente congelado, não havia nenhum outro pelo no corpo. As pernas estavam perfeitamente raspadas, assim como a região do púbis. Parecia uma boneca de tamanho real.

Com um último olhar para o corpo, Avery recuou.

- Terminei – ela disse aos peritos.

Eles avançaram e, contando até três, puxaram o corpo vagarosamente da água. Quando o tiraram, deixaram em um ângulo para que a maior parte do corpo já ficasse no cobertor de isolamento. Avery notou que havia também uma maca abaixo do cobertor.

Com o corpo completamente fora da água, ela percebeu outras duas coisas que achou estranhas. Primeiro, a mulher não usava nenhuma joia. Ela se ajoelhou e viu que as orelhas eram furadas, mas estavam sem brincos. Depois, tornou sua atenção para o segundo ponto estranho: as unhas dos pés e das mãos da mulher estavam muito bem cortadas—a ponto de parecer que haviam sido feitas recentemente.

Aquilo era estranho, e era o que mais havia chamado sua atenção. Com a carne congelada ficando azul debaixo das unhas, havia algo sinistro

naquilo. *É quase como se ela tivesse sido polida*, pensou.

- Terminamos? – Hatch perguntou.

Ela assentiu.

Quando os três cobriram o corpo e depois cuidadosamente caminharam em direção à margem com a maca, Avery permaneceu na área de gelo quebrado. Ela olhou dentro da água, pensando. Colocou a mão no bolso, procurando um pedaço pequeno de lixo, mas tudo o que pode encontrar foi um laço de cabelo que havia usado mais cedo naquele dia.

- Black? – Connelly chamou da margem. – O que você está fazendo?

Ela olhou para trás e viu ele, em pé, perto do gelo, mas com muito cuidado para não pisar ali.

- Trabalhando – ela respondeu. – Por que você não patina até aqui e ajuda?

Ele virou os olhos e virou as costas para o gelo. Ela jogou o laço na água e assistiu ele subir e descer por um momento. Depois, devagar, percebeu a lenta corrente de água debaixo do gelo. Ela levava para à esquerda, longe, na direção de Watertown.

Então ela foi jogada em outro lugar, Avery pensou, olhando para o rio na direção de Boston. Na margem, Connelly e o agente com quem ele estava falando estavam atrás da equipe de peritos.

Avery continuou no gelo, agora totalmente em pé. Ela estava ficando com frio e podia ver sua respiração vaporizar no ar. Mas algo naquela temperatura gelada parecia chamar sua atenção. Aquilo a permitia pensar, a usar o barulho do gelo se quebrando como um metrônomo que organizava seus pensamentos.

Nua e sem cicatrizes nem hematomas. Estupro está fora de cogitação. Sem joias, então pode ter sido um assalto. Mas na maioria dos casos um corpo depois de ser assaltado teria sinais de luta... e essa mulher não tem nada. E essas unhas e a falta de pelos?

Ela caminhou até a margem, olhando para o rio congelado, onde ele fazia uma curva e seguia na direção de Boston. Era estranho pensar em quão bonito o rio Charles era olhando da Boston University, sendo que vinte minutos atrás um corpo havia sido jogado ali.

Ela puxou seu casaco em volta do pescoço e caminhou até a margem. Chegou em tempo de ver as portas de trás da van dos peritos se fecharem. Connelly estava se aproximando, mas olhava além dela, para o rio congelado.

- Você olhou bem para ela? – Avery perguntou.
- Sim, parece um brinquedo ou algo assim. Pálida, gelada e...
- E perfeita – Avery disse. – Você percebeu que não havia pelos nela?

Nem hematomas, nem manchas.

- Nem joias – Connelly acrescentou. Suspirando fundo, ele perguntou. – Já posso perguntar sobre seus primeiros pensamentos?

Ela não queria que Connelly tivesse espaço para perguntar aquilo naquele momento. Mas ele tinha, desde que ele e O'Malley haviam oferecido a ela uma promoção para sargento dois meses atrás. Em troca, eles pareciam mais dispostos a aceitar as teorias dela do que a questionar de onde ela tirava as palavras que saíam de sua boca.

- As unhas estavam perfeitamente feitas – ela disse. – É como se ela tivesse acabado de sair do salão antes de ser jogada no rio. E está faltando pelos por todos os lados. Uma dessas coisas já seria estranha, mas as duas juntas me assustam de verdade.

- Você acha que alguém a limpou antes de mata-la?

- Parece que sim. É quase como a funerária deixando o defunto apresentável para o velório. Quem fez isso a limpou. A raspou e fez as unhas.

- Alguma ideia do por quê?

Avery encolheu os ombros.

- Só posso especular agora. Mas posso te dizer uma coisa que você provavelmente não vai gostar.

- Ah, não – ele disse, sabendo o que viria a seguir.

- Esse cara fez tudo no tempo dele... não digo no assassinato, mas em como o corpo estava quando foi encontrado. Ele fez intencionalmente. Foi paciente. Baseada em casos similares, posso quase te garantir que esse não vai ser o único corpo.

Com outro suspiro profundo, Connelly pegou seu telefone do bolso.

- Vou convocar uma reunião no A1 – ele disse. – Vou avisá-los que temos um assassino em série em potencial.

CAPÍTULO TRÊS

Avery imaginou que se fosse aceitar a posição de sargento, precisava resolver sua antipatia pela sala de conferências do A1. Ela não tinha nada contra a sala em si. Mas sabia que uma reunião tão logo após a descoberta de um corpo significava que haveria conversas paralelas e discussões, a maioria delas usadas para derrubar suas teorias.

Talvez como sargento, isso vai acabar, ela pensou enquanto entrava na sala.

Connelly estava na ponta da mesa, mexendo em alguns papéis. Ela imaginou que O'Malley chegaria logo. Ele parecia estar muito mais presente em qualquer reunião em que ela estava desde que eles haviam a oferecido a promoção.

Connelly olhou para os agentes.

- As coisas estão rápidas nesse caso – ele disse. – O corpo tirado do rio foi identificado cinco minutos atrás. Patty Dearborne, vinte e dois anos. Aluna da Boston University e natural de Boston. Até agora, é o que sabemos. Os pais serão informados assim que essa reunião acabar.

Ele deslizou pela mesa uma pasta que continha duas folhas. Uma mostrava uma foto de Patty Dearbone retirada de seu Facebook. A outra tinha três fotos, todas tiradas no rio Charles mais cedo, naquele dia. O rosto de Patty Dearbone estava presente em todas elas, com suas pálpebras cor púrpura fechadas.

Em um pensamento mórbido, Avery tentou ver o rosto da jovem da mesma maneira que o assassino poderia ter visto. Patty era linda, mesmo morta. Tinha um corpo que Avery achava muito magro, mas que faria salivar homens em um bar. Ela usou essa mentalidade tentando imaginar porque o assassino escolheria essa vítima se não houvesse motivos sexuais.

Talvez ele queira mais do que beleza. A pergunta, claro, é se ele está procurando essas belezas para bajula-las ou destruí-las. Ele aprecia a beleza ou quer destruí-la?

Ela não sabia por quanto tempo estava pensando nisso. Tudo o que sabia era que tinha dado um pequeno pulo quando Connelly pediu ordem na reunião. Havia um total de nove pessoas na sala de conferências. Ela viu que Ramirez havia chegado. Ele estava sentado perto de Connelly, olhando

a mesma pasta que fora distribuída minutos atrás. Ele aparentemente sentiu que ela o olhava: retribuiu o olhar e sorriu.

Avery retribuiu o sorriso quando Connelly começou. Ela desviou o olhar, sem querer ser óbvia. Mesmo que quase todo mundo ali soubesse que ela e Ramirez tinham algo, os dois ainda queriam tentar manter as coisas escondidas.

- Todo mundo já deve estar sabendo de tudo – Connelly disse. – Para aqueles que não estão, a mulher foi identificada como Patty Dearborne, veterana da Boston University. Foi encontrada no rio Charles, fora de Watertown, mas é nativa de Boston. Como a Detetive Black pontuou no briefing que vocês receberam, a corrente do rio nos faz crer que o corpo foi jogado em outro lugar. Os peritos acham que o corpo estava na água por no máximo vinte e quatro horas. Essas duas coisas nos levam a crer que ela foi deixada em algum lugar de Boston.

- Senhor – o Oficial Finley disse. – Me perdoe por perguntar, mas por que sequer pensar na possibilidade de suicídio? O briefing diz que não havia cicatrizes nem sinais de luta.

- Eu eliminei essa possibilidade quando vi que a vítima estava nua – Avery disse. – Suicídio até seria uma possibilidade a ser considerada, mas é muito pouco provável que Patty Dearborne tenha se despido antes de se jogar no rio Charles.

Ela quase odiou a si mesma por destruir a ideia de Finley. Ela o vira tornar-se um ótimo policial semana a semana. Ele havia amadurecido no último ano, transformando-se de um bobão em um agente que todos reconheciam por trabalhar duro.

- Mas não tem marcas – outro agente disse. – isso diz muito coisa.

- Pode ser uma evidência de que *não foi* um suicídio – Avery disse. – Se ela tivesse pulado de qualquer altura maior que dois ou três metros, teria que haver contusões visíveis no corpo pelo impacto.

- Os peritos concordam com isso – Connelly disse. – Eles vão enviar um relatório mais detalhado depois, mas eles têm certeza disso. – Ele então olhou para Avery e fez um gesto para a mesa com sua mão. – O que mais você sabe, Detetive Black?

Ela levou um momento para pensar nas coisas que tinha dito a Connelly —detalhes que estavam no briefing. Havia mencionado as unhas, a falta de pelos e a ausência de joias.

– Outra coisa a se dizer – acrescentou, - é que o assassino que deixa suas vítimas nesse nível de apresentação mostra ou uma estranha admiração pela vítima ou algum tipo de arrependimento.

- Arrependimento? – Ramirez perguntou.

- Sim. Ele deixou ela como uma boneca, o mais linda possível, porque talvez ele não *queria* matar ela.

- A ponto de raspa-la nas regiões baixas? – Finley perguntou.

- Sim.

- E diga para eles por que você acha que estamos lidando com um assassino em série, Black – Connelly disse.

- Porque mesmo que isso *fosse* um erro, o fato de o assassino ter feito as unhas e raspado ela mostra paciência. E quando você junta isso com o fato de que a mulher estava linda e sem marcas, isso me faz pensar que ele é atraído pela beleza.

- O que nos leva de volta à linha de pensamento de que talvez ele não *queria* mata-la.

- Então você acha que pode ser um encontro que deu errado? – Finley perguntou.

- Não podemos ter certeza – ela disse. – Minha primeira reação é não. Se ele foi intencional a esse ponto e cuidadoso com o jeito que ela estaria depois de jogar o corpo, acho que ele teve o mesmo cuidado em seleciona-la.

- Seleciona-la para o que, Black? – Connelly perguntou.

- Acho que é isso o que precisamos descobrir. Com sorte os peritos vão ter algumas respostas para nos levar ao caminho certo.

- E o que fazemos até lá? – Finley perguntou.

- Trabalhamos – Avery disse. – Investigamos a fundo a vida de Patty Dearborne, esperando encontrar alguma pista que vai nos ajudar a encontrar o cara antes que ele faça isso de novo.

Quando a reunião terminou, Avery caminhou pela sala de conferências para falar com Ramirez. Alguém precisava informar os pais de Patty Dearborne e ela sentiu que precisava fazer isso. Falar com pais aflitos, mesmo sendo algo incrivelmente difícil e emocional, era geralmente uma das melhores coisas a se fazer para conseguir pistas. Ela queria Ramirez junto, mesmo querendo manter o balanço entre a vida profissional e pessoal dos dois. Era algo difícil, mas que eles estavam devagar aprendendo a fazer.

Antes que ela chegasse até Ramirez, no entanto, O'Malley entrou na sala. Ele estava falando no telefone, claramente com pressa. Seja lá qual fosse o assunto, deveria ser algo importante para fazê-lo perder a reunião sobre o caso Patty Dearborne. Ele ficou na porta, esperou que todos, com exceção de Avery, Ramirez e Connelly saíssem, e a fechou. Terminou a ligação com um quase rude "Sim, depois", e depois respirou fundo.

- Perdão por perder a reunião - disse. - Algo importante apareceu?

- Não - Connelly disse. - Temos a identidade da mulher e agora precisamos avisar a família. Estamos trabalhando com a hipótese de que quem fez isso vai fazer de novo.

- Black, você pode me mandar um relatório rápido explicando os detalhes?

- Sim senhor, - ela disse. Ele nunca pedia coisas pequenas assim para ela. Ela imaginou se aquele era mais um dos testes dele. Vinha percebendo que ele estava sendo mais brando com ela nas últimas semanas, disposto a dar a ela mais responsabilidades sem interferências. Tinha certeza que aquilo tinha tudo a ver com a proposta para se tornar sargento.

- Já que os dois estão aqui - O'Malley disse, olhando para Avery e Ramirez, - eu gostaria de ter uma palavra com vocês. Algumas, na verdade... e eu não tenho muito tempo, então vou ser rápido. Primeiro... Por mim está tudo bem se vocês têm algo fora do trabalho. Pensei muito em separar vocês aqui no A1, mas porra, vocês trabalham melhor juntos. Então, enquanto vocês puderem tolerar as piadas internas e especulações, vocês vão continuar sendo parceiros. Está bem?

- Sim senhor - Ramirez disse. Avery assentiu, concordando.

- A outra coisa... Black. O assunto de sargento... Vou precisar de uma decisão logo. Em quarenta e oito horas. Tentei ser paciente, deixar você pensar. Mas já se passaram dois meses. Acho que é justo.

- É justo - ela disse. - Vou te informar até amanhã.

Ramirez a olhou, surpreso. Na verdade, a resposta surpreendeu até ela mesma. No fundo, no entanto, ela achava que sabia o que queria.

- Agora, o caso dessa mulher no rio - O'Malley disse. - É oficialmente seu, Black. Ramirez está com você, mas vamos manter isso de um jeito profissional.

Avery estava um pouco envergonhada e sentiu-se ficando vermelha. *Ah, não, ela pensou. Primeiro uma tarde de compras e agora ficando vermelha na frente de um cara. Que merda está acontecendo comigo?*

Para superar aquele momento, Avery voltou a falar do caso.

- Eu gostaria de ser responsável por avisar a família.
- Podemos mandar outra pessoa – Connelly sugeriu.
- Eu sei. Mas por mais terrível que pareça, pais recebendo notícias assim são geralmente as melhores fontes de informação. Tudo está aberto, vivo.
- Deus, isso foi muito sem coração – Connelly disse.
- Mas efetivo – O'Malley disse. – Muito bem, Black. São quatro e cinquenta agora. Com sorte, você vai encontra-los saindo do trabalho. Vou fazer alguém te enviar o endereço em dez minutos. Agora vamos ao trabalho. Dispensados.

Avery e Ramirez saíram. No corredor, os cumpridores de horário estavam começando a sair. Para Avery, no entanto, o dia estava longe de acabar. Na verdade, com a tarefa de dar a notícia da morte de uma filha para seus pais, Avery sabia que aquela seria uma longa noite.

CAPÍTULO QUATRO

A família Dearborne morava em uma pequena casa em Somerville. Avery leu as informações que haviam sido enviadas a ela enquanto Ramirez dirigia. Patty Dearborne fora uma excelente aluna em seu ano de veterana na Boston University, e estava prestes a se tornar conselheira de uma empresa de saúde comportamental. Sua mãe, Wendy, era uma enfermeira que trabalhava entre duas áreas hospitalares diferentes. O pai de Patty, Richard, era um gerente de negócios em desenvolvimento de uma grande empresa de telecomunicações. Eles eram uma família ficha limpa, sem nem um rastro de sujeira em seus registros.

E Avery estava prestes a conta-los que sua filha estava morta. Não só morta, mas que havia sido jogada no rio congelado, completamente nua.

- Então – Ramirez disse enquanto dirigia pela suas estreitas de Somerville. – Você vai aceitar a posição de sargento?

- Ainda não sei.

- Alguma ideia?

Ela pensou no assunto por um momento e depois balançou a cabeça.

- Não quero falar sobre isso agora. É algo pequeno comparado ao que estamos prestes a fazer.

- Ei, você se escalou para fazer isso – ele disse.

- Eu sei – ela respondeu, ainda sem ter certeza do porquê. Sim, a ideia de ter boas pistas era verdade, mas ela sentia que havia algo a mais. Patty Dearborne era só três anos mais velha que Rose. Era muito fácil ver o rosto de Rose naquele corpo congelado. Por algum motivo bizarro, aquilo fez com que Avery pensasse que precisava dar a notícia à família. Talvez fosse uma necessidade maternal, mas ela sentiu que devia aquilo aos pais por algum motivo estranho.

- Então me deixe perguntar - ele disse. – O que te faz ter certeza que ele vai matar de novo? Talvez seja um ex-namorado que perdeu a cabeça. Talvez seja só ela.

Ela sorriu rapidamente porque sabia que ele não estava discutindo. Não mesmo. Ela sabia que ele gostava de entender como a mente dela funcionava. Refutar suas teorias era um jeito simples de fazer isso.

- Porque baseado no que sabemos sobre o corpo, o cara é cuidadoso e meticoloso. Um ex-namorado enraivado não seria tão cuidadoso para não

deixar marcas. As unhas dizem muito para mim. Alguém levou tempo para cuidar delas. Espero que os pais possam me dar mais ideias de que tipo de mulher Patty era. Se soubermos mais sobre ela, vamos saber exatamente quanto do cuidado foi feito por quem jogou esse corpo no rio.

- Falando nisso – Ramirez disse, apontando. – Chegamos. Você está pronta?

Ela respirou fundo. Avery amava seu trabalho, mas essa era uma parte que ela definitivamente receava.

- Sim, vamos – disse.

Antes que Ramirez dissesse algo mais, Avery abriu a porta e saiu.

Ela estava preparada.

Avery sabia que duas pessoas nunca respondiam ao luto da mesma forma. Por isso ela não ficou tão surpresa quando, quinze minutos depois, Wendy Dearborne estava quase em estado de choque enquanto Richard Dearborne estava agitado e falando alto. Em certo momento, ela temeu que ele se tornasse violento quando jogou um vaso da mesa da cozinha no chão, quebrando-o.

O peso da notícia pairava na sala. Avery e Ramirez ficaram quietos, falando apenas quando perguntavam algo. Em silêncio, Avery viu duas fotos de Patty na sala; uma estava acima da lareira e a outra estava pendurada na parede. As suspeitas de Avery estavam certas. A garota era completamente linda.

Wendy e Richard estavam, ambos, sentados no sofá da sala. Wendy havia se controlado, deixando escapar alguns soluços enquanto encostava a cabeça no ombro de Richard.

Com lágrimas caindo, Richard olhou para Avery.

- Podemos vê-la? Quando podemos vê-la?

- Nesse momento, os peritos ainda estão tentando determinar o que aconteceu com ela. Como vocês podem imaginar, a água fria e as temperaturas gélidas tornam mais difícil encontrar pistas ou evidências. Nesse meio tempo, tem algumas perguntas que eu gostaria de fazer que podem nos ajudar a encontrar respostas.

Os dois tinham olhares confusos e absolutamente horrorizados, mas estava claro que Wendy não ajudaria. Ela estava perdida, em silêncio, olhando em volta da sala tentando se certificar do lugar onde estava.

- Claro, pode perguntar o que quiser – Richard disse. Avery imaginou que o homem estava tentando ser forte—talvez tentando encontrar respostas para si próprio.

- Eu sei que vai ser uma pergunta estranha - Avery disse. – Mas Patty era o tipo de garota que se preocupava muito com as unhas, maquiagem, essas coisas?

Richard deixou escapar um soluço e balançou a cabeça. Ele ainda estava chorando, mas pelo menos conseguia formar palavras quando não estava puxando o ar.

- Não mesmo. Na verdade ela era meio moleque. Era mais fácil achar sujeira nas unhas dela do que unhas feitas. Ela se arrumava às vezes em ocasiões especiais. Às vezes prestava muita atenção no cabelo, mas não é— não *era*—uma garotinha dessas meigas, sabe?

Corrigir a si mesmo com o “era” pareceu despertar algo em Richard Dearborne. Avery tentou esconder seu coração partido por ele. Aquilo fora suficiente para fazê-la decidir-se por não fazer a próxima pergunta planejada—uma pergunta sobre a frequência com que Patty depilava as pernas. Avery imaginou que a resposta era óbvia se ela era mesmo uma menina moleque. Não havia necessidade de perguntar aquilo a alguém que havia acabado de perder a filha.

- Você sabe sobre algum inimigo que Patty tinha? Alguém com quem ela teve problemas?

A pergunta levou um tempo para ser absorvida. Quando foi, a ponta de raiva que ela havia visto nos olhos de Richard Dearborne retornou. Ele levantou do sofá, mas foi segurado por sua mulher.

- Aquele filho da puta – Richard disse. – Sim, sim, tem alguém que eu apostaria *qualquer coisa* que... Deus...

- Senhor Dearborne? – Ramirez perguntou. Ele tinha se levantando devagar, talvez antecipando algum movimento de raiva de Richard.

- Allen Haggerty. Era um namorado de escola que não entendeu quando as coisas terminaram no segundo ano da faculdade.

- Ele causou problemas? – Ramirez perguntou.

- Sim. Tantos que Patty teve que prestar queixas contra ele. Ele ficava esperando do lado de fora das aulas dela. Ficou tão chato que Patty morou aqui no último ano porque não se sentia segura nos dormitórios.

- Ele chegou a ser violento? – Avery perguntou.

- Se foi, Patty nunca disse nada. Eu sei que ele tentou tocar ela— abraços, beijos, coisas assim. Mas nunca soube nada sobre ele tentar bater nela.

- O bilhete...

A voz de Wendy Dearborne era leve como o vento. Ela ainda não olhava para Avery e Ramirez. Seus olhos estavam abaixados, sua boca parcialmente aberta.

- Que bilhete? – Avery perguntou.

- Um bilhete que Patty nunca nos mostrou, mas nós encontramos no bolso dela enquanto lavava a roupa quando ela morava aqui – Richard disse. – O idiota deixou um bilhete no dormitório dela. Ela nunca disse, mas nós achamos que esse foi o fator que fez ela se mudar para cá. Não lembro de todas as palavras, mas falava sobre como ele pensava em se matar porque não podia tê-la, mas como isso às vezes o irritava. Coisas obscuras, do tipo se ele não pudesse tê-la, ninguém poderia.

- Você ainda tem esse bilhete? – Avery perguntou.

- Não. Quando nós perguntamos a Patty sobre isso, ela o jogou fora.

- Quando tempo ela ficou aqui? – Avery perguntou.

- Até o verão passado – Richard respondeu. – Ela disse que estava cansada de viver com medo. Tomamos a decisão de que se algo acontecesse com Allen novamente, nós iríamos diretamente à polícia. E agora... Agora *isso*...

Um silêncio pesado tomou conta da sala, até que finalmente ele olhou para os dois. Avery podia sentir a raiva e o luto do pai naquele olhar.

- Eu sei que foi ele – Dearborne disse.

CAPÍTULO CINCO

Quando Avery e Ramirez chegaram à quadra do endereço de Allen Haggerty, ela recebeu as informações dele por e-mail. Ficou surpresa em encontrar pouca coisa no arquivo. Ele tinha três multas de velocidade até os dezessete anos e fora rapidamente detido em um protesto basicamente pacífico em Nova York cinco anos antes, mas nada que fosse considerado grave.

Talvez ele só enlouqueceu um pouco quando Patty quis deixa-lo, ela pensou. Ela sabia que isso acontecia às vezes. Aquela era, na verdade, a desculpa mais utilizada por maridos violentos que batiam nas esposas. Eles falavam sobre ciúmes, descontrole e sentimento de vulnerabilidade.

Ninguém estava em casa, por isso, uma hora e meia depois de que os Dearbone haviam sido avisados de que sua filha estava morta, já havia um comunicado relatando que a polícia estava à procura dele. Enquanto andavam pela vizinhança, Ramirez mais uma vez demonstrou o quão conectado estava à ela.

- Isso tudo te faz pensar na Rose, não faz? – Ele perguntou.

- Faz – ela admitiu. – Como você sabe?

Ele sorriu.

- Porque eu conheço suas caras muito bem. Eu sei quando você está puta. Sei quando você está envergonhada, brava, feliz. Também vi que você desviou o olhar das fotos da Patty muito rápido na casa dos Dearbone. Patty não era muito mais velha que Rose. Eu percebi. Por isso você insistiu em dar a notícia aos pais dela?

- Sim. Boa percepção.

- Acontece às vezes – ele disse.

O telefone de Avery tocou às 10:08. Connelly estava na linha, parecendo cansado, mas animado.

- Localizamos Allen Haggerty saindo de um bar no Leather District – ele disse. – Temos dois caras segurando ele para você. Em quanto tempo você chega lá?

Leather District, ela pensou. *Foi lá que eu e Rose estávamos hoje, pensando em quão bem nossas vidas estavam e como nós estávamos arrumando nossa relação. E agora tem um potencial assassino no mesmo lugar. É... estranho. Como um ciclo, de um jeito estranho.*

- Black?

- Dez minutos – ela respondeu. – Qual é o bar?

Ela anotou as informações e, então, Ramirez dirigiu até a mesma área da cidade onde ela estivera, menos de doze horas antes, aproveitando a vida com sua filha.

Saber que aquilo era algo que Wendy Dearborne nunca mais poderia fazer fez doer seu coração. E também a deixou com um pouco de raiva.

Na verdade, ela não podia esperar para pegar aquele filho da puta.

Os dois agentes que haviam localizado Allen Haggerty pareciam felizes em tê-lo detido. Um deles era um cara que Avery havia conhecido muito bem—um homem mais velho que poderia estar aposentado há anos. Seu nome era Andy Liu e ele sempre parecia ter um sorriso no rosto. Mas agora, parecia irritado.

Os quatro se encontraram fora da viatura de Andy Liu. No banco de trás, Allen Haggerty olhava para eles, confuso e claramente irritado. Algumas pessoas passando a caminho do bar na sexta-feira à noite tentavam ver o que estava acontecendo sem parecerem óbvios.

- Ele trouxe problemas para vocês? – Ramirez perguntou.

- Não mesmo – o parceiro de Andy respondeu. – Ele só está um pouco bêbado. Nós estávamos quase levando ele para o batalhão, para a sala de interrogatório, mas O'Malley disse que queria que vocês falassem com ele antes que a gente tomasse essa decisão.

- Ele sabe por que vocês querem falar com ele? – Avery perguntou.

- Nós contamos para ele da morte de Patty Dearborne – Andy disse. – Foi aí que ele ficou doido. Tentei manter as coisas em ordem no bar, mas no fim, tive que algema-lo.

- Tudo bem – Avery disse. Ela olhou para dentro da viatura e franziu a testa. – Você se importa de me emprestar seu carro por um segundo?

- Fique à vontade – Andy disse.

Avery entrou no lado do motorista enquanto Ramirez sentou no banco do carona. Eles olharam tranquilamente para Allen no banco de trás.

- Então, como isso aconteceu? – Allen perguntou. – Como ela morreu?

- Isso não está claro ainda – Avery disse, sem razões para ser vaga com ele. Ela aprendera muito tempo antes que a honestidade era sempre a

melhor maneira de se aproximar se você queria ler seu suspeito do melhor jeito possível. – O corpo dela foi encontrado em um rio congelado, debaixo do gelo. Nós não temos informações suficientes para saber se ela morreu congelada ou se foi morta antes de ser jogada no rio.

Isso pode ter sido um pouco áspero, Avery pensou ao olhar a expressão chocada de Allen. Ainda assim, ver aquela expressão genuína no rosto dele era tudo o que ela precisava para ter um bom pressentimento de que Allen Haggerty não tinha nada a ver com a morte de Patty.

- Quando foi a última vez que você a viu? – Avery perguntou.

Claramente, ele estava tendo problemas em pensar sobre aquilo. Avery tinha certeza que quando a noite acabasse, Allen lembraria muito mais do que os poucos anos com o seu amor perdido.

- Um pouco mais de um ano atrás, eu acho – ele finalmente respondeu. – E foi pura coincidência. Eu passei por ela quando ela estava saindo da mercearia. Nós nos olhamos por dois segundos e depois ela se apressou. E eu não a culpo. Eu fui um babaca com ela. Fiquei totalmente obcecado.

- E desde então não houve contato? – Avery perguntou.

- Não. Eu encarei os fatos. Ela não me queria mais. E ficar obcecado por alguém que não te quer não é o melhor jeito de conquistar, sabe?

- Você sabe de alguém na vida dela que poderia ser capaz de fazer algo assim com ela? – Ramirez perguntou.

Novamente, houve sinais de luta nos olhos de Allen enquanto ele pensava. Nesse momento, o telefone de Avery tocou. Ela olhou para a tela e viu o nome de O'Malley.

- Alô? – Ela disse, respondendo rapidamente.

- Onde você está? – Ele perguntou.

- Falando com o ex-namorado.

- Alguma chance dele ser quem nós estamos procurando?

- Dificilmente – ela disse, e continuou vendo a tristeza nos olhos de Allen no banco de trás.

- Bom. Preciso de você de volta no A1 rápido.

- Está tudo bem? – Avery perguntou.

- Depende do seu ponto de vista – O'Malley respondeu. Acabamos de receber uma carta do assassino.

CAPÍTULO SEIS

Mesmo antes de que Avery e Ramirez chegassem ao batalhão, Black sabia que a situação havia saído do controle. Ela teve que manobrar o carro com cuidado no estacionamento do A1 para não bater nas vans de reportagem. O lugar era um circo completo e eles ainda nem haviam entrado.

- Parece ruim – Ramirez disse.

- Pois é – ela respondeu. – Como a imprensa soube sobre essa carta se ela chegou direto aqui?

Ramirez só pode encolher os ombros quando eles saíram do carro e correram para dentro. Alguns repórteres apareceram no caminho, sendo que um deles praticamente parou na frente de Avery. Ela quase esbarrou nele, mas desviou em tempo. Escutou-o chama-la de vaca, mas aquela era sua última preocupação.

Eles chegaram até a porta, com repórteres clamando por comentários e flashes por todos os lados. Avery sentiu seu sangue fervendo e daria tudo naquele momento para socar um dos repórteres no nariz.

Quando finalmente entraram no esquadrão e fecharam as portas atrás de si, ela viu que lá dentro as coisas não estavam muito melhores. Ela havia visto o A1 em estado de urgência e desordem antes, mas não àquele ponto. *Talvez haja um vazamento no A1*, ela pensou enquanto caminhava rapidamente em direção ao escritório de Connelly. Antes de chegar lá, no entanto, viu uma confusão no corredor. O'Malley e Finley estavam caminhando por ali.

- Sala de conferências – Connelly disse.

Avery assentiu, virando à direita no corredor. Ela viu que ninguém mais estava indo em direção à sala de conferências, dando a entender que a reunião seria restrita. E aquele tipo de reunião nunca era agradável. Ela e Ramirez seguiram Connelly até a sala. Quando O'Malley e Finley também entraram, Connelly bateu a porta e a trancou.

Ele jogou um pedaço de papel na mesa. Estava coberto por um pedaço de plástico, o que fez com que deslizesse quase perfeitamente na direção de Avery. Ela pegou o papel e olhou.

- Leia – Connelly disse. Ele estava frustrado e parecia um pouco pálido. Seu cabelo estava bagunçado e havia raiva em seu olhar.

Avery fez o que ele pediu. Sem mexer na folha, leu a carta. A cada palavra lida, a sala ficava mais fria.

Gelo é bonito, mas mata. Pense em uma linda camada fina de geada no seu para brisas em uma manhã de outono. O mesmo lindo gelo está matando plantas vivas.

Há eficiência nessa beleza. E a flor volta... sempre volta. Renasce.

O frio é erótico, mas mutila. Pense em estar com muito frio saindo de uma tempestade de inverno e, depois, enrolando-se nu com um amante debaixo dos lençóis.

Você está gelado ainda? Pode sentir a frieza de ser muito esperto?

Haverá mais. Mais corpos gelados, flutuando na pós-morte.

Eu os desafio a me parar.

Vocês vão sucumbir ao frio antes de me encontrar. E enquanto estiverem congelando, imaginando o que aconteceu, como as flores queimadas pela geada, eu terei ido.

- Quando isso chegou? – Avery perguntou, colocando a carta na mesa para que Ramirez pudesse ler.

- Em algum momento, hoje. – Connelly disse. – O envelope não estava aberto até uma hora atrás.

- Como a porra da imprensa já sabe? – Ramirez perguntou.

- Porque todas as redes locais receberam uma cópia.

- Puta merda – Ramirez disse.

- Nós sabemos quando a mídia recebeu as cópias? – Avery perguntou.

- Foi enviada por e-mail um pouco mais de uma hora atrás. Nós acreditamos que isso foi feito para dar tempo de aparecer nos jornais das onze.

- O e-mail foi enviado de onde? – Avery perguntou.

- Essa é a pior parte... bem, *uma* das piores partes – O'Malley disse. – O e-mail é registrado como sendo de uma mulher chamada Mildred Spencer. Ela tem setenta e dois anos, é viúva e só tem esse e-mail para ter contato com seus netos. Nós já falamos com ela, mas tudo indica que a conta foi hackeada.

- Podemos rastrear quem hackeou?

- Ninguém no A1 tem essa capacidade. Ligamos para a Polícia do Estado para tentar fazer isso.

Ramirez havia acabado de ler e jogou a carta para o centro da mesa. Avery a puxou e olhou novamente. Ela não a leu mais uma vez, apenas a

estudou: o papel, a letra a mão, a estranha colocação das frases no papel.

- Algum pensamento inicial, Black? – Connelly perguntou.

- Alguns. Primeiro, onde está o envelope de onde isso veio?

- Na minha mesa. Finley, pegue para nós.

Finley fez o que lhe foi requisitado enquanto Avery continuou olhando para a carta. A letra a mão parecia primitiva, mas também infantil. Parecia que alguém havia feito muito esforço para melhorá-la. Também havia algumas palavras chave que se destacavam por serem estranhas.

- O que mais? – Connelly perguntou.

- Bem, algumas coisas para analisar. O fato de que ele nos enviou uma carta deixa claro que ele quer que nós saibamos sobre ele—sem saber sua identidade. Então, mesmo que não seja um jogo, é algo pelo qual ele quer os créditos. Ele também *gosta* de ser caçado. Ele *quer* que a gente o procure.

- Alguma pista nisso tudo? – O'Malley perguntou. – Eu já li essa porra dez vezes e não achei nada.

- Bem, as palavras que ele usa em alguns lugares são estranhas. A menção a um para-brisas em uma carta onde as únicas outras coisas concretas as quais ele faz referência são flores e lençóis parece estranha. Acho que vale a pena notar que ele usou as palavras *erótico* e *amante*. Junte isso ao fato da vítima encontrada hoje ser muito linda e tem que haver algo aí. A menção a *pós-vida* e *renascimento* também é estranha. Mas nós poderíamos pegar um milhão de caminhos se não tivermos mais informações.

- Algo mais? – Ramirez perguntou com seu habitual sorriso escondido. Ele amava ver Avery trabalhando. Ela tentou ignorar aquilo para prosseguir.

- O jeito que ele quebra as linhas... quase como estrofes fragmentadas e um poema. Quase todas as cartas que eu vi em outros casos estudados onde o assassino entrou em contato com a polícia estavam em blocos de texto.

- Como isso pode ser uma pista? – Connelly perguntou.

- Pode não ser – Avery disse. – Só estou jogando ideias aqui.

Uma batida foi ouvida na porta. Connelly abriu e Finley entrou. Ele fechou a porta e a trancou. Depois, com cuidado, pôs um envelope na mesa. Não havia nada de excepcional nele. O endereço da estação fora escrito com a mesma letra cuidadosa da carta. Não havia endereço do remetente e um selo no canto esquerdo. O carimbo estava no lado esquerdo, em cima, tocando as bordas do envelope.

- Veio do CEP 02199 – O'Malley disse. – Mas isso não diz nada. O assassino pode ter ido longe para enviar isso.

- Verdade – Avery disse. – E esse cara parece ser muito esperto e determinado para nos dar uma pista pelo CEP. Ele deve ter pensado nisso. O CEP não vai nos levar a nada, eu posso garantir.

- Então, por onde devemos continuar? – Finley perguntou.

- Bom – Avery disse – esse cara parece ser preocupado com o frio, com gelo, na verdade. E não só porque foi lá que encontramos o corpo. Está pela carta toda. Ele parece ter uma fixação nisso. Então, eu imagino que... podemos fazer uma busca por algo que tenha a ver com gelo ou frio? Pistas de patinação, frigoríficos, laboratórios, qualquer coisa.

- Você tem certeza que a localização não vai ajudar? – Connelly perguntou. – Se ele quer ser conhecido, talvez o CEP seja um chamamento.

- Não, não tenho certeza. Não mesmo. Mas se nós encontrarmos algum negócio ou empresa que lide com gelo ou com frio na área desse CEP, eu começaria por ali.

- Tudo bem – Finley disse. – Então precisamos checar as fitas de segurança ao redor dos locais dos correios ou caixas de correios?

- Não – Connelly disse. – Vai levar uma vida inteira e não tem como nós sabermos exatamente quando essa carta foi enviada.

- Precisamos de uma lista dessas empresas – Avery disse. – Vai ser o melhor jeito de começar. Alguém já tem algo em mente?

Após muitos segundos de silêncio, Connelly suspirou.

- Não me vem nada à mente – ele disse, - mas eu posso te entregar uma lista em meia hora. Finley, você pode mandar alguém fazer isso?

- É para já – Finley disse.

Quando ele saiu novamente da sala, Avery levantou uma sobrancelha na direção de Connelly.

- Finley é um garoto de recados agora?

- Não mesmo. Você não é a única perto de uma promoção. Estou tentando envolver ele em todos os aspectos de casos importantes. E como você sabe, ele acha que você é sobrenatural, então vou dar uma chance a ele nessa.

- E por que estamos nos trancando na sala de conferências? – Ela perguntou.

- Porque a imprensa está de olho nisso. Não quero dar brechas com portas destrancadas ou linhas de telefone grampeadas.

- Parece paranoia – Ramirez disse.

- Parece *inteligente* – Connelly respondeu, com maldade.

Querendo prevenir uma discussão entre os dois, Avery puxou a carta para perto de si.

- Você se importa se eu analisar melhor essa carta enquanto nós esperamos os resultados?

- Por favor. Eu gostaria muito que alguém do A1 desvendasse isso antes que a mídia coloque tudo na TV e alguma criança nerd descubra antes de nós.

- Precisamos colocar os peritos nisso. Deve ser feita análise da caligrafia. O envelope tem que ser investigado para encontrar qualquer evidência: digitais, poeira, qualquer coisa.

- Eles já estão sabendo e a carta vai para as mãos deles assim que você terminar de analisar.

- Vou fazer isso logo – ela disse. – Sei que você só estava brincando sobre uma criança nerd desvendar isso aqui, mas é uma preocupação legítima. E quando isso chegar nas redes sociais, não temos como prever que tipo de olhos e mentes estarão analisando isso aqui.

Quando ela começou a olhar mais de perto para a carta, Finley voltou à sala.

- Que rápido – O'Malley disse.

- Pois é. Acontece que uma das mulheres do despacho tem um pai que trabalha perto do Prudential Center, que fica no CEP 02199, a propósito. Talvez seja só uma coincidência, mas nunca se sabe. De qualquer jeito, o marido dela trabalha em um laboratório tecnológico naquela direção. Ela diz que eles fazem experimentos loucos com mecânica quântica e coisas assim. Um tipo de braço da escola de tecnologia da Boston University.

- Mecânica quântica? – O'Malley perguntou. – Isso não tem a ver com nosso procurado, tem?

- Depende dos experimentos – Avery disse, instantaneamente interessada. – Não sei muito sobre o tema, mas sei que tem áreas da mecânica quântica que lidam com temperaturas extremas. Algo a ver com encontrar a durabilidade e pontos de origem central de diferentes tipos de coisas.

- Como você sabe disso tudo? – Connelly perguntou.

Ela encolheu os ombros.

- Assisti muito Discovery Channel na faculdade. Gravei algumas coisas, acho.

- Bom, vale a pena tentar – Connelly disse. – Vamos conseguir informações sobre o laboratório e ir até lá falar com eles.

- Posso fazer isso – Avery disse.

- Enquanto isso – Connelly disse, olhando para o relógio, - os jornais da noite vão ao ar em três minutos. Vamos ligar a TV e ver quanto a mídia vai foder com a gente nesse caso.

Ele saiu voando da sala de conferências com O'Malley atrás. Finley olhou para Avery se desculpando e também saiu. Ramirez olhou a carta pelos ombros de Avery, balançando a cabeça.

- Você acha que esse cara é perturbado ou ele só quer que a gente *ache* que ele é louco? – Ele perguntou.

- Não tenho certeza – ela disse, lendo novamente a carta. – Mas sei que esse laboratório é o lugar perfeito para começar.

CAPÍTULO SETE

A Esben Technologies ficava escondida entre outros prédios de aparência normal a cerca de dois quilômetros e meio do Prudential Center, em uma quadra de prédios cinzas totalmente sem destaque. A empresa ocupava o prédio central e aparentava ser exatamente igual aos prédios ao redor—sem parecer ser um laboratório.

Quando Avery entrou com Ramirez, ela percebeu que a sala frontal consistia em pouco mais do que um lindo chão de madeira, destacado pelo sol da manhã que entrava pelo teto solar acima. Uma mesa enorme ficava encostada na parede ao longe. Em uma ponta, uma mulher estava digitando algo em um computador. Na outra, outra mulher estava escrevendo algo. Quando Avery e Ramirez entraram, essa mulher olhou e sorriu formalmente.

- Sou Detetive Avery Black e esse é Detetive Ramirez – Avery disse quando se aproximou da mulher. – Nós gostaríamos de falar com quem estiver no comando aqui.

- Bem, o supervisor geral mora no Colorado, mas o homem que meio que comanda tudo aqui no prédio deve estar no escritório dele.

- Pode ser com ele – Avery disse.

- Um momento – a recepcionista disse, levantando-se e passando por uma grande porta de carvalho no lado mais longínquo da sala.

Quando ela saiu, Ramirez aproximou-se de Avery, mantendo sua voz baixa para que a outra mulher no computador não ouvisse.

- Você sabia que esse lugar existia até ontem? – Ele perguntou.

- Não tinha nem ideia. Mas acho que a descrição faz sentido. Centros de tecnologia que são ligados a universidades, mas não estão dentro do campus, geralmente tentam ficar na surdina.

- Discovery Channel? – Ele perguntou.

- Não. Buscas antigas.

Pouco menos de um minuto se passou até que a mulher retornasse. Quando ela voltou, um homem a acompanhava. Ele vestia uma camisa de botão. Um grande casaco branco que lembrava aqueles dos médicos cobria a camisa parcialmente. Ele tinha uma expressão de preocupação que parecia ser realçada por seus óculos.

- Olá – ele disse, dando um passo em direção a Avery e Ramirez. Ele estendeu a mão para cumprimentar e disse: - Sou Hal Bryson. O que posso fazer para ajuda-los?

- Você é o supervisor aqui? – Avery perguntou.

- Mais ou menos. Só trabalhamos em quatro aqui. Somos como um local de entrada e saída, mas sim, eu superviso experimentos e dados.

- E que tipo de trabalho é feito aqui? – Avery perguntou.

- Muita coisa – Bryson disse. – Sem querer parecer arrogante, se você pudesse me dizer porque vocês vieram até aqui, eu provavelmente poderia ser mais exato.

Avery manteve a voz baixa, sem querer que a mulher na mesa a escutasse. E já que estava claro que Bryson não tinha intenção de convidá-los a passar além do hall de entrada, ela percebeu que teria que conversar ali mesmo.

- Estamos lidando com um caso onde um suspeito parece ter interesse em gelo e temperaturas frias – ela disse. – Ele nos enviou uma carta provocadora ontem. Estamos tentando descobrir se pode ter algum tipo de pesquisa aqui que possa estar relacionada a isso. É um caso muito estranho, então estamos começando com a única pista que temos—o frio.

Entendi – Bryson disse. – Bem, de fato há alguns experimentos aqui que envolvem temperaturas extremamente frias. Eu poderia leva-los lá atrás no laboratório para lhes mostrar, mas eu teria que pedir que vocês estivessem completamente higienizados e colocassem as roupas apropriadas.

- Eu agradeceria – Avery disse. – E talvez lhe pediremos isso mais tarde. Com sorte, não teremos que fazer isso. Você poderia apenas nos dar uma ideia sucinta desses testes?

- Claro – Bryson disse. Ele pareceu feliz em poder ajudar, agindo como um professor expressivo quando começou a explicar. – O volume de testes e trabalhos que fazemos aqui que envolvem temperaturas frígidas envolve ir além do que se sabe sobre limites de ação quântica. Esse limite é a temperatura pouco acima de absoluto zero Fahrenheit—dez mil vezes mais frio do que temperaturas que você encontra no vácuo do espaço.

- E qual a razão de tais trabalhos? – Avery perguntou.

- Auxiliar na pesquisa e desenvolvimento de sensores hipersensíveis para trabalhos mais avançados. Também são ótimos para entender a estrutura de certos elementos e como eles respondem a temperaturas tão extremas.

- E vocês conseguem chegar a essas temperaturas nesse prédio? – Ramirez perguntou.

- Não, não nos nossos laboratórios. Estamos trabalhando como um tipo de extensão para o Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia em Boulder. Mas podemos chegar perto aqui, sim.

- E você diz que vocês são só quatro aqui – Avery disse. – Sempre foi assim?

- Bom, éramos cinco até cerca de um ano atrás. Um dos meus colegas teve que sair. Ele começou a ter dores de cabeça e outros problemas de saúde. Ele não estava bem mesmo.

- Ele saiu por vontade própria? – Avery perguntou.

- Sim.

- Eu poderia saber o nome dele, por favor?

Um pouco preocupado, Bryson respondeu.

- O nome dele é James Nguyen. Mas por favor me perdoe por dizer... Eu duvido muito que ele é quem vocês estão procurando. Ele sempre foi muito gentil, escudado... um cavalheiro. E meio que um gênio, também.

- Obrigada pela franqueza – Avery disse, - mas temos que seguir todos os caminhos que aparecerem para nós. Você saberia como eu posso entrar em contato com ele?

- Sim, posso te dar essa informação.

- Quando foi a última vez que você falou com o senhor Nguyen?

- Faz pelo menos... Ah, não sei... oito meses eu diria. Foi apenas uma ligação para saber como ele estava.

- E como ele estava?

- Bem, até onde eu sei. Está trabalhando como editor e pesquisador para um jornal científico.

- Obrigada pelo seu tempo, senhor Bryson. Se você conseguir o contato do senhor Nguyen, ajudaria muito.

- Claro – ele disse, parecendo triste. – Um momento.

Bryson foi até a recepcionista atrás do notebook e falou baixo com ela. Ela assentiu e começou a digitar algo. Enquanto esperavam, Ramirez novamente aproximou-se de Avery. Aquele era um velho sentimento: manter-se profissional quando ele chegava perto era muito difícil.

- Mecânica quântica? – Ele disse. – Vácuo no espaço? Acho que esse negócio é demais para mim.

Ela sorriu para ele, com dificuldades para não beijá-lo. Fez o melhor que pôde para manter-se focada quando Bryson voltou em direção a eles com um pedaço de papel impresso nas mãos.

- É demais para mim também – ela murmurou para Ramirez, rapidamente sorrindo para ele. – Mas eu não tenho problemas em remar contra a maré.

Havia dias em que Avery quase se espantava com a fluidez com que as coisas andavam. Bryson havia lhes entregado o telefone, e-mail e endereço de James Nguyen. Avery ligara para Nguyen e ele havia não só atendido, mas também os convidado para ir a sua casa. E ele parecia feliz em fazer isso, na verdade.

Então, quando ela e Ramirez chegaram à porta da frente, quarenta minutos depois, Avery não pôde deixar de pensar que eles poderiam estar perdendo tempo. Nguyen vivia em uma linda casa de dois andares em Beacon Hill. Aparentemente, sua carreira na ciência pagava bem suas contas. Às vezes, Avery encontrava-se admirada por pessoas com mentes matemáticas e científicas. Ela amava ler textos deles ou falar com pessoas assim—essa era uma das razões pelas quais ela começara a assistir Discovery Channel e ler revistas científicas na biblioteca da faculdade.

Ramirez bateu à porta. Não levou tempo algum até que Nguyen atendesse. Ele parecia ter quase sessenta anos. Vestia uma camiseta do Boston Celtics e shorts de academia. Parecia casual, calmo e até feliz.

Como já tinham se apresentado pelo telefone, Nguyen os convidou a entrar. Eles entraram em um hall elaborado que levou até uma grande sala. Parecia que Nguyen havia se preparado para recebê-los. Ele colocou roscas e xícaras de café no que parecia ser uma mesa de café muito cara.

- Por favor, sentem – Nguyen disse.

Avery e Ramirez sentaram no sofá olhando para a mesa de café, enquanto Nguyen sentou em uma poltrona, no lado oposto.

- Sirvam-se – Nguyen disse, apontando para o café e as roscas. – Agora, o que posso fazer por vocês?

- Bem, como eu disse no telefone – Avery disse – nós falamos com Hal Bryson e ele nos disse que você saiu do seu trabalho na Esben Technologies. Você poderia nos falar um pouco sobre isso?

- Sim. Infelizmente, eu estava colocando muito tempo e energia no trabalho. Comecei a ter visões duplas e dores de cabeça fortes. Trabalhei oitenta e seis horas por semana por cerca de sete meses seguidos. Fiquei obcecado pelo meu trabalho.

- Por qual aspecto do trabalho, exatamente? – Avery perguntou.

- Olhando para trás, eu sinceramente não sei te dizer – ele disse. – Era apenas por saber que nós estávamos perto de criar temperaturas no laboratório que imitariam algo que alguém poderia sentir no espaço. Encontrar maneiras de manipular elementos com temperaturas... tem algo divino nisso. Pode ser viciante. E eu não percebi até que fosse tarde.

A obsessão dele pelo trabalho certamente bate com a descrição de seja quem for que nós estivermos procurando, Avery pensou. Ainda assim, mesmo tendo falado com Nguyen por apenas dois minutos, ela tinha certeza de que Bryson estava certo. Não havia chances de Nguyen estar envolvido naquilo.

- Em que exatamente você estava trabalhando quando saiu? – Avery perguntou.

- É complicado – ele disse. – E desde então, eu deixei aquilo para trás. Mas, essencialmente, eu estava trabalhando em livrar-se do excesso de calor causado quando átomos perdem seu impulso durante processos de resfriamento. Estava lidando com unidades quânticas de vibração e fótons. Agora, pelo que eu entendo, isso está sendo aperfeiçoado pelos nossos amigos em Boulder. Mas naquele tempo, eu estava trabalhando como um louco!

- Além do trabalho que você está fazendo para jornal e as coisas na faculdade, ainda está fazendo algum trabalho? – Ela perguntou.

- Faço umas coisas aqui e ali – ele disse. – Mas só coisas aqui em casa. Tenho meu pequeno laboratório próprio em uma sala alugada a algumas quadras daqui. Nada sério. Você gostaria de ver?

Avery sabia que eles não estavam sendo enganados. Nguyen era claramente apaixonado pelo trabalho que costumava fazer. E quanto mais ele falava sobre o que havia feito, mais ele os colocava em um mundo de mecânica quântica—um mundo que com certeza estava longe do mundo de um assassino louco jogando um corpo em um rio congelado.

Avery e Ramirez se olharam. Um olhar que Avery encerrou quando baixou a cabeça.

- Bem, senhor Nguyen – ela disse, - nós agradecemos pelo seu tempo. Mas deixe-me fazer só mais uma pergunta: durante o tempo que você trabalhou no laboratório, você conheceu alguém—colegas, alunos, qualquer pessoa—que parecia muito excêntrica ou um pouco louca?

Nguyen levou alguns momento para pensar, mas depois balançou a cabeça.

- Não que eu lembre agora. Mas eu repito, nós cientistas somos todos um pouco excêntricos no trabalho. Mas se eu lembrar de alguém, eu lhe aviso.

- Obrigada.

- E se vocês mudarem de ideia e quiserem ver meu laboratório, é só me avisar.

Apaixonado pelo trabalho e solitário, Avery pensou. Porra... Eu era assim até uns meses atrás.

Ela podia enxergar essa relação. E por isso, aceitou feliz o cartão de Nguyen quando ele a ofereceu na porta, que ele fechou quando Avery e Ramirez seguiram pelas escadas em direção ao carro.

- Você entendeu alguma palavra do que ele disse? – Ramirez perguntou.

- Muito pouco – ela disse.

Mas a verdade é que ele havia dito *uma* coisa que ainda permanecia em sua mente. Algo que não a fez querer investigar Nguyen mais a fundo, mas a deu uma ideia sobre como pensar sobre o assassino.

Encontrar maneiras de manipular elementos com temperaturas, Nguyen dissera. *Tem algo divino nisso.*

Talvez nosso assassino está agindo achando que é um deus, ela pensou. *E se ele pensa como um deus, ele pode ser mais perigoso do que nós achamos.*

CAPÍTULO OITO

O hamster parecia um bloco de gelo peludo quando ele o tirou do congelador. Estava gelado como um bloco de gelo, também. Ele não pode evitar uma risada quando ouviu o som que o animal fez quando foi colocado forma. Suas pernas estavam penduradas no ar—bem diferente do modo como ele havia andado de um lado a outro em pânico quando fora colocado no congelador.

Isso fora três dias atrás. Desde então, a polícia havia descoberto o corpo da garota no rio. Ele ficara surpreso com quão longe o corpo havia ido. Todo o caminho até Watertown. E o nome da garota era Patty Dearborne. Soava pretencioso. Mas porra, aquela garota era linda.

Ele pensou, futilmente, em Patty Dearborne, a garota que levara dos subúrbios do campus da Boston University, enquanto passava os dedos pela barriga gelada do hamster. Ele ficara muito nervoso, mas havia sido muito fácil. Claro, ele não tinha a intenção de matar a garota. As coisas saíram do controle. Mas então... então tudo se desencadeou para ele.

A beleza poderia ser tomada, mas não em algum tipo mortal. Até mesmo quando Patty Dearborne estava morta, ela ainda era linda. Uma vez que ele pegou Patty nua, ele a tinha encontrado quase impecável. Havia um sinal na pele na parte inferior das costas e uma pequena cicatriz na parte superior do tornozelo. Mas fora isso, ela estava impecável.

Ele havia jogado Patty no rio e quando ela bateu na água gelada, já estava morta. Ele assistira a cena com grande expectativa, pensando se eles seriam capazes de trazê-la de volta... pensando se o gelo que a havia mantido por aqueles dois dias a preservariam de alguma forma.

Era óbio que não.

Eu fui desleixado, ele pensou, olhando para o hamster. *Vai levar um tempo, mas eu vou descobrir.*

Ele estava pensando que o hamster poderia ser uma parte da descoberta. Com os olhos ainda em seu pequeno corpo congelado, pegou duas almofadas térmicas no balcão da cozinha. Eram do tipo de almofada térmica usada em atletas para soltar os músculos e relaxar as partes mais tensas do corpo. Ele colocou uma das almofadas abaixo do corpo e a outra sob suas pernas rígidas e frígidas.

Ele tinha certeza que seria necessário esperar. Ele tinha muito tempo... não tinha nem um pouco de pressa. Estava tentando enganar a morte e sabia que a morte não iria a nenhum lugar.

Com este pensamento na cabeça, preencheu o apartamento com uma risada parecida com a de uma bruxa. Dando um último olhar ao hamster, caminhou para seu quarto. Estava bem arrumado. Foi até o banheiro e lavou suas mãos com a eficiência de um cirurgião. Então, olhou para o espelho e olhou para seu rosto – um rosto que ele, algumas vezes, pensava ser de um monstro.

Havia um dano irreparável no lado esquerdo do seu rosto. Começava logo abaixo do seu olho e alcançava seu lábio superior. Enquanto a maior parte da pele e tecido havia se recuperado em sua juventude, havia cicatrizes permanentes e descoloração naquele lado da face. Sua boca sempre parecia estar congelada. Uma carranca permanente.

Aos trinta e nove anos de idade, havia deixado de se preocupar em quão ruim aquilo parecia. Era a ajuda que ele recebera. Uma ajuda de merda havia resultado num rosto desfigurada. Mas estava tudo bem... ele estava trabalhando em consertá-lo. Olhou para o reflexo deformado no espelho e sorriu. Poderia levar anos para conseguir, mas estava tudo bem.

- Hamsters custam apenas cinco dólares cada um – ele disse no banheiro vazio.

Ele havia feito algumas leituras, principalmente em fóruns de enfermeiros e estudantes de medicina. Para saber se o experimento com o hamster estava funcionando, as almofadas térmicas precisariam ficar nele por mais ou menos quarenta minutos. Seria um descongelamento lento, que não poderia ser interrompido nem chocar o coração congelado.

Ele passou aqueles quarenta minutos assistindo às notícias. Viu algumas coisas rápidas sobre Patty Dearborne. Viu que Patty estudava na Boston University e havia rumores de se tornar uma conselheira. Ela tinha um namorando e também tinha pais que a amavam. Viu os pais dela na TV, se abraçando e chorando juntos enquanto falavam com a mídia.

Ele desligou a TV enquanto caminhava para a cozinha. O cheiro do hamster descongelando estava começando a tomar conta da sala... um cheiro que ele não estava esperando. Correu de volta ao pequeno corpo e tirou as almofadas térmicas dele.

A pele estava chamuscada e a barriga, até então congelada, estava levemente carbonizada. Ele empurrou aquele pequeno corpo peludo.

Quando caiu no chão da cozinha com pequenos trilhos de fumaça saindo da sua pele, ele gritou.

Ele correu pelo apartamento por alguns instantes, furioso. Como era de se esperar, sua raiva e absoluta fúria eram guiadas por memórias de um queimador de forno... queimando suas memórias de infância com cheiro de carne queimada.

Seus gritos diminuíram e se tornaram uma cara feia e soluços em menos de cinco minutos. Então, como se nada fora do comum tivesse acontecido, foi para a cozinha e pegou o hamster. Jogou-o na lixeira como se fosse um pedaço de lixo e lavou suas mãos na pia da cozinha.

Estava sussurrando quando terminou. Quando pegou suas chaves no gancho perto da porta, como de costume, correu sua mão livre pela cicatriz do lado direito do seu rosto. Fechou a porta, trancou, e foi para a rua. Lá, no meio de uma manhã de inverno absolutamente linda, entrou em sua van vermelha e começou a descer pela rua.

Quase casualmente, olhou para si mesmo no espelho retrovisor.

Aquela carranca permanente estava ainda lá, mas não deixou que aquilo o intimidasse.

Ele tinha trabalho a fazer.

Sophie Lentz estava de saco cheio da fraternidade. Aliás, ela estava quase desistindo da universidade também.

Vaidosa ou não, ela sabia como era. Havia garotas mais bonitas do que ela, com certeza. Mas ela tinha uma veia latina que a favorecia, os olhos escuros e os cabelos pretos brilhosos. Poderia também mudar seu sotaque quando precisasse. Havia nascido nos Estados Unidos, crescido no Arizona, mas de acordo com sua mãe, a veia Latina nunca a deixara. A veia Latina nunca deixara seus pais também... nem mesmo quando se mudaram para New York na semana depois que Sophie foi aceita na Emerson.

No entanto, aquela veia era mais gritante em sua aparência do que nas suas atitudes e personalidade. E aquilo a ajudara no Arizona. Na verdade, também a ajudara na universidade. Mas apenas no ano de caloura. Ela havia aproveitado, mas não como sua mãe provavelmente pensara. E aparentemente, a história havia se espalhado: Sophie Lentz não demorava muito para ir para a cama, e quando ela ia, você tinha que estar preparado.

Ela supunha que haviam reputações piores. Mas aquilo havia explodido em sua cara nesta noite. Algum cara – ela achava que o nome dele era Kevin – tinha começado a beijá-la e ela deixou. Mas quando eles estavam sozinhos e ele não aceitou um não como resposta...

A mão direita de Sophie ainda doía. Ainda havia um pouco de sangue em seus dedos. Ela os limpou em seu jeans apertado, lembrando o som do nariz daquele babaca batendo contra o seu punho. Ela estava furiosa, mas, no fundo, se perguntava se merecia isso. Ela não acreditava em karma, mas talvez o lado megera que ela havia usado no semestre passado estava se voltando contra ela. Talvez ela estivesse colhendo o que plantou.

Caminhava pelas ruas que cortavam a Emerson College, voltando para o seu apartamento. Sua colega de quarto certinha estaria, sem dúvidas, estudando para algum teste do dia seguinte, então pelo menos ela não estaria sozinha.

Estava a três quarteirões do seu apartamento quando começou a sentir uma sensação estranha. Olhou para trás, certa de que estava sendo seguida, mas não havia ninguém. Ela podia ver as sombras de algumas pessoas em um pequeno café a alguns metros atrás dela, mas era só. Teve um pensamento sobre qual tipo de idiotas bebiam café às onze e meia da noite, ainda irritada sobre Kevin ou qualquer que fosse o nome daquele cara.

Na frente de um semáforo, alguém estava tocando um terrível hip hop. O para choque traseiro do carro estava tremendo e o som parecia miserável. *Você está sendo uma verdadeira vadia esta noite, não está?* Ela disse a si mesma.

Ela olhou para sua mão direita ligeiramente inchada e sorriu. *Sim. Sim, estou.*

Quando chegou ao cruzamento onde estava o carro, a luz havia mudado e o carro acelerou. Ela virou à direita no cruzamento e seu prédio já estava à vista. Mais uma vez, porém, sentiu aquela estranha sensação. Virou-se para olhar para trás e, de novo, não havia nada. Um pouco abaixo, na rua, um casal caminhava de mãos dadas. Havia vários carros estacionados na rua e uma única van vermelha andando na direção do semáforo pelo qual ela acabara de passar.

Talvez ela apenas estivesse sendo paranoica porque um babaca havia, basicamente, tentado estuprá-la. Aquela adrenalina adicional que estava fluindo por ela era uma combinação insalubre. Ela apenas precisava ir para

casa, tomar um banho e ir para a cama. Aquela porcaria de fazer festas tinha que acabar.

Ela se aproximou do apartamento, esperando que sua colega de quarto não estivesse em casa. Ela faria milhares de perguntas do porquê ela chegara cedo em casa. Fazia isso porque era intrometida e não tinha uma vida própria... e não porque se importava.

Ela subiu os degraus do prédio. Quando abriu a porta e entrou, olhou para a rua, com aquela sensação de estar sendo observada novamente. No entanto, as ruas estavam vazias; a única coisa que viu foi um casal se beijando com força na frente de um prédio próximo ao dela. Ela também viu a mesma van vermelha. Estava estacionada no semáforo, numa espécie de marcha lenta. Sophie se perguntou se havia algum babaca dirigindo, assistindo a pegação na frente do outro prédio.

Com uma série de arrepios, Sophie entrou. A porta se fechou, deixando a noite atrás dela. Mas aquele sentimento inquietante permaneceu.

Ela acordou quando sua colega de quarto saiu na manhã seguinte. A chata barulhenta estava, provavelmente, saindo para comprar mais mangas ou mamãos para seus pretenciosos smoothies de fruta. Sophie tinha certeza que sua colega de quarto não tinha aulas naquela manhã. Ela olhou para o relógio e viu que eram dez e meia

Merda, ela pensou. Ela teria aula em uma hora e não conseguiria chegar a tempo. Precisava que tomar banho, comer algo e então ir para o campus. Ela suspirou, pensando em como havia permitido se tornar aquele tipo de garota. Seria assim agora? Deixaria seu drama pessoal atrapalhar sua educação e melhora de vida? Ela estava—

Uma batida na porta interrompeu suas reflexões internas. Ela resmungou e saiu da cama. Vestia apenas calcinhas e uma camiseta fina de algodão, mas aquilo não importava. Tinha quase certeza que era sua colega de quarto. A idiota provavelmente havia deixado sua carteira. Ou chaves. Ou alguma coisa...

Outra batida, macia, mas insistente. Sim... era sua colega de quarto. Só ela tinha aquele jeito irritante de bater.

- Calma aí! – Sophie gritou.

Ela chegou na porta e abriu, destrancando a fechadura. Encontrou-se olhando para um estranho. Havia algo errado no rosto dele—foi a primeira coisa que ela notou.

E a última.

O estranho invadiu o apartamento, fechando a porta rapidamente. Antes que Sophie pudesse gritar, havia uma mão em sua garganta e um pano sob sua boca. Ela respirou uma dose pesada de algum tipo de produto químico — um cheiro tão forte que encheu seus olhos de água enquanto ela lutava contra os braços do estranho.

Sua luta diminuiu rapidamente. No momento em que qualquer medo real pudesse tomar conta dela, o mundo havia se tornado uma sombra preta que levou Sophie a um lugar mais escuro e profundo que o sono.

CAPÍTULO NOVE

Noites que não eram cheias de trabalho ou agitadas não eram algo com o qual Avery estava acostumada. Então, quando se via em uma noite assim, ela nunca sabia como agir. No momento, estava sentada em seu sofá, segurando seu telefone e enviando uma mensagem para Rose. Ela sabia que se realmente fosse manter Rose em sua vida a partir de agora, teria que torna-la sua prioridade.

Sim, ela tinha as notas do caso de Patty Dearbone em sua frente, mas elas não a estavam consumindo. Ela também tinha uma cópia da carta que o assassino enviara e mesmo que aquilo a provocasse, ela fez o melhor que pode para colocar Rose acima de tudo naquele momento. Em suas mensagens para a filha, estava descobrindo que Rose estava esperando por algum tipo de atenção, mesmo que não estivesse ciente disso. Ela estava fofocando com uma garota adolescente, falando sobre garotos e filmes. Elas também estavam planejando a próxima saída juntas. Avery tomou o cuidado de contar a Rose o que estava acontecendo em seu trabalho. Assim, se alguma coisa acontecesse e interferisse nos planos, não seria algo que surgiria do nada.

Tentando se acostumar com as estranhas conversas com sua filha de 19 anos, Avery também estava curtindo outro aspecto em sua vida com o qual ela ainda não estava acostumada: ter Ramirez na maior parte do tempo.

Ele estava sentado no lado oposto do sofá, com as pernas esticadas. Seus pés estavam entrelaçados, com os dedos roçando preguiçosamente.

Isso é meio triste, ela pensou. Fofô... mas triste. Eu pensei que essa parte da minha vida tinha acabado... brincando com os dedos com um belo homem mem meu sofá. Essa é a minha vida agora?

Ela riu para si mesma. Não pode evitar. Algumas vezes as surpresas da vida iam além do que era possível compreender.

Ramirez também estava enviando mensagens. Mas suas mensagens eram um pouco mais acaloradas do que as de Avery. Ele estava em uma discussão com seu locador. Uma discussão que já durava duas semanas, já que o contrato de aluguel de Ramirez estava prestes a expirar e o locador estava pedindo um aumento do aluguel de cerca de cem dólares.

- Teve sorte? – Avery perguntou.

Ele levantou os olhos do telefone e balançou a cabeça.

- Não. Eu até mandei mensagem para outras pessoas do prédio. Ele só está aumentando o aluguel dos apartamentos dos andares mais altos, mas quase todos estão dispostos a pagar. Só eu e mais duas outras pessoas estamos reclamando disso.

- E quando vence o contrato? – Ela perguntou.

- Em duas semanas. O que significa que eu tenho que encontrar algum lugar para morar, arrumar minhas coisas, e estar pronto para me mudar rapidamente.

- Você tem algum lugar em mente?

- Sim. Meu atual apartamento. Eu amo aquele lugar. Eu estou lá faz cinco anos e agora aquele locador quer aumentar essa merda.

- Talvez nós podemos fazer isso no sábado. Nós dois vamos buscar apartamentos e encontrar um bom lugar para você.

- Me encontre um lugar como o seu, e eu topo me mudar. – ele disse.

Ela ainda estava sorrindo quando seu telefone vibrou. Era Rose novamente. Querendo saber se elas podiam assistir um filme no sábado. Algo dramático, mas não brega. Avery respondeu a mensagem, dizendo que aquela era uma boa ideia.

Ao seu lado, Ramirez havia deixado seu telefone de lado e começado a examinar o arquivo do caso de Patty Dearborne. Ela podia ver que ele estava frustrado e talvez um pouco cansado. Ela imaginou que ele iria dormir ali naquela noite – geralmente ele dormia quando não ia embora antes das sete. E estava tudo bem para Avery. Ela gostava de tê-lo por perto. E era mais do que uma conversa constante, o sexo fácil e a ajuda na cozinha. Havia muito tempo que ela não compartilhava o espaço com alguém. Ela estava se acostumando com esse hábito e se sentia bem. A forma que as coisas estavam indo com Ramirez e Rose era como um lembrete de como a vida *poderia* ser. Ela não precisava correr o tempo todo, nem ter a necessidade de sobressair-se todo o tempo. Ela estava apenas um pouco acima dos quarenta; ainda tinha sua boa imagem, boa aparência e sua excitante carreira. Não havia motivos para supor que as melhores partes da vida já haviam acabado, já que ainda havia muita coisa pela frente.

- Ei, eu pensei uma coisa. – Avery disse, deixando o telefone de lado e olhando para Ramirez.

- O que é? – Ele disse, ainda olhando para os arquivos do caso.

- Ao invés de buscar apartamentos esse final de semana, por que nós não vamos para o seu apartamento e empacotamos tudo?

- Porque eu gostaria de saber para onde eu estou me mudando antes de encaixotar as coisas – ele disse. Ele olhou para cima dos arquivos do caso, claramente confuso.

- Bem, eu tenho uma ideia. Por que você não se muda para cá?

Um sorriso lentamente se abriu em seu rosto. Ele a olhou com um olhar cômico e colocou os arquivos de volta na mesa de centro.

- O que?

- Venha morar comigo – ela disse.

- Hum, bem, eu adoraria. Mas você tem certeza? Nós nos vemos quase o dia todo no trabalho. Você não iria enjoar de mim se fosse morar comigo também?

Ela se aproximou dele, diminuindo a distância entre eles no sofá. Ela deu um beijo suave em sua boca e balançou a cabeça.

- Não, eu não iria. E sim, eu tenho certeza.

- Eu não sei – ele disse. – Eu quero dizer, eu iria amar. Seria incrível. Eu só não quero arruinar o que nós temos.

- Então não arruine – ela disse.

Ela então jogou sua perna direita para ficar sobre ele enquanto ele sentava. Colocou a bunda nos joelhos dele e o encarou. Essa era outra coisa sobre ele; ele a fazia sentir brincalhona, alegre e sexy.

- Vamos discutir isso – ele disse. – Eu acho que nós podemos fazer funcionar, mas acho que precisamos falar sobre isso.

- Ok - ela disse. – Mas depois.

Então, levantou sua camisa. Enquanto a jogava no chão, Ramirez a puxou para mais perto. Suas mãos deslizaram para as costas dela, abrindo seu sutiã, e depois disso, não houve muita conversa pela próxima hora.

CAPÍTULO DEZ

Norman Behrens não sabia porque, mas ele sempre achava muito legal poder deixar uma cerveja na parte de trás da caminhonete e saber que ela estaria gelada quando a pegasse. Ele colocou as cervejas na caixa térmica duas horas atrás e agora elas já estavam frias. Ele podia sentir mesmo através das suas luvas.

Abriu a lata de Budweiser e tomou um gole. Depois do refrigerador, ele então removeu as outras coisas da traseira da caminhonete: duas varas de pesca, uma caixa térmica menor com uma caixa de iscas e sua furadeira portátil.

Do seu lado, seu amigo Weldon Smith pegou uma cerveja da caixa térmica também. Ele também pegou uma das varas de pesca. Os dois homens riram e brindaram com suas latas de cerveja, juntos.

- Você tem certeza disso? – Weldon perguntou.

- Não. – Norman disse. – Mas eu nunca tentei e nós não temos muito o que fazer agora, né?

Ambos olharam para o pequeno bosque de árvores em sua frente. Norman tinha estacionado seu caminhão no lado de uma estrada de terra que supostamente apenas funcionários do Estado poderiam usar. Mas há muito tempo, ele havia copiado aquela chave, depois de ter roubado de um cara que trabalhava na estação de bombeamento. Aquela mesma estação estava a menos de dois quilômetros de distância, do outro lado do reservatório de Fresh Pond. Do outro lado das árvores, à frente, o reservatório brilhava como uma moeda. A luz da lua ressaltava na água gelada lindamente enquanto os dois homens caminhavam pelas árvores.

Tecnicamente, eles estavam invadindo. E eles estariam *definitivamente* invadindo depois que cruzassem as árvores. Mas Norman estivera ali antes. A estrada de terra onde ele havia estacionado era um lugar incrível para caçar veados e ele sempre teve vontade de tentar pescar no reservatório. E como estava tão frio, ele sabia que a segurança seria negligente e ter gelo no lugar da pesca era só mais um desafio até onde Norman Behrens sabia.

Eles foram até a borda da barreira de concreto que separava o reservatório do terreno extenso da floresta o redor. Caminharam silenciosamente, o único som vinha das latas de alumínio que batiam dentro da caixa térmica. Pararam na borda de concreto e caminharam pela divisão,

indo para a extremidade mais distante, onde havia mais sombras criadas pelas árvores. Não havia nenhuma maneira de alguém encontrá-los ali.

Norman parou de caminhar e Weldon simplesmente permaneceu ali, esperando.

- Ok – Weldon disse. – Passe por aquele gelo. Eu ainda não acho que isso é forte o suficiente para nos aguentar.

- É sim – Norman disse. – Crianças patinaram sobre esse gelo nos últimos dias. Veja.

Norman respirou fundo e cuidadosamente pisou no gelo. Ele segurava sua cerveja em uma mão e a furadeira portátil na outra. *Parecia* um pouco fino, mas ele não ouviu nenhum barulho e o gelo não quebrou ou desceu quando ele caminhou sobre. Ele deu mais alguns passos experimentais, ficando mais confiante a cada minuto.

Ele olhou para Weldon e sorriu. Então levantou a cerveja e deu um longo gole. Sentou-se de joelhos, pôs a cerveja no lado e ajustou a furadeira. Quando pressionou o gatilho da furadeira e começou a perfurar o gelo, Weldon tentou se acalmar para caminhar pelo gelo também. Ele carregava as duas varas e a pequena caixa com iscas. Nenhum deles tinha ideia do tipo de peixe que iriam pegar ali. Nem se importavam realmente. Era só desculpa para fazer algo divertido. Uma desculpa para beber e ter uma boa história para contar.

- Eu serei condenado. – Weldon disse. – Parece que você estava certo.

- Eu te falei. – Norman disse sobre o zumbido da broca. – Está muito frio para isso—

Eles puderam ouvir o barulho do gelo quebrando mesmo com o barulho da furadeira. Logo, Weldon começou a recuar em direção a borda de concreto do reservatório. Norman soltou a furadeira e viu o caminho enorme que a rachadura estava formando pelo gelo.

- Merda – ele disse, lentamente se levantando.

Quando estava de pé, o gelo deslizou para a esquerda, batendo na água. Então a rachadura correu na direção dele, indo diretamente para o meio das suas pernas e saltando pelo buraco que ele havia feito.

Weldon já estava na parte de concreto, parecendo um homem esperando um desastre.

- É melhor você vir pra cá! – Ele gritou.

Eu sei, eu sei, Norman pensou, nervoso. Se ele caísse naquela água, nunca saberia o fim daquela história.

Segurando a furadeira com força, ele caminhou o mais rápido que pôde pelo gelo rachado. A cada passo, o gelo se quebrava mais, agora acompanhado de um som. Com uma velocidade assustadora, ele sentiu o gelo ficar cada vez mais fraco; podia sentir o balanço, para cima e para baixo.

Ele sentiu a água gelada entrar pelos seus dedos dos pés nas suas botas e sabia que precisava pular. Se não fizesse, o gelo iria quebrar e ele iria cair na água. Com menos de um metro o separando do concreto, pulou.

Ele quase conseguiu.

Sua furadeira foi se arrastando enquanto a parte de cima do seu corpo bateu no concreto. O resto do seu corpo bateu na água. Ele soltou um pequeno gemido de surpresa enquanto suas pernas estavam encharcadas na água gelada.

Weldon o ajudou no concreto, mas ele estava rindo histericamente. Ele tinha até deixado cair sua cerveja durante o fiasco.

- Cala a boca, Weldon. – Norman disse, levantando sobre o concreto. Seus pés estavam congelando e ele estava mais do que desconfortável. No fim das contas, ele estava errado sobre o gelo.

- Merda. – Weldon disse. – Norman, olha aquilo.

O rosto de Weldon estava pálido – como se *ele* tivesse caído na água.

Ele estava apontando para o reservatório, para a água gelada que acabara de pegar Norman. Norman seguiu o dedo do amigo e não viu nada a princípio. Depois, no entanto, não teve como não ver.

Alguma coisa estava flutuando na água escura. Era pálida e mal se movia. Enquanto Norman observava, uma folha de gelo se mexeu e saltou. Norman sabia o que estava vendo, mas sua mente se recusava a aceitar. Mas quando viu os seios nus, tudo parecia estar se encaixando.

- Meu Deus - Norman disse.

Os dois ficaram em silêncio enquanto observavam o corpo flutuar na água, olhando fixamente para o céu.

CAPÍTULO ONZE

Quando ficou claro que o sofá não os permitiria serem tão ativos quanto gostariam, eles foram para o quarto. Foi ali, em meio a uma confusão de lençóis e luz de velas, que finalmente retomaram a conversa.

- O que a Rose vai pensar se eu vier morar aqui? – Ramirez perguntou.

- Eu não sei - Avery respondeu. – Vou falar com ela sobre isso. Mas o fato de você estar preocupado sobre isso me faz querer que você venha ainda mais. Também me faz pensar se vamos ter uma segunda rodada ainda hoje antes de dormir.

- Tenho que dizer... seria estranho. Não seria apenas trabalhar juntos como parceiros e morar juntos—se você pegar mesmo essa posição de sargento, eu também estarei vivendo com minha chefe.

- Bem, vamos ser sinceros - ela disse, brincando embaixo dos lençóis e o segurando gentilmente. – Eu já sou a chefe aqui.

- Touché! – ele disse. – Mas sério, eu acho que você deve pegar. Você sabe que O'Malley e Conelly já te procuram como se você já estivesse nessa posição de qualquer forma. Eles confiam muito em você.

Ela apenas assentiu. Mesmo sabendo que aquilo era verdade, ainda era difícil admitir.

- Eu também, você sabe – ele disse.

- Eu sei.

Aquele era um pensamento presunçoso, mas ela tinha certeza de que Ramirez estava apaixonado. Ela imaginava que o amava também. Mas com seus trabalhos e as coisas que viam diariamente, aquilo era uma coisa que nenhum dos dois queria dizer ainda. Avery dissera isso apenas para duas pessoas em sua vida toda. Primeiro para um garoto estúpido no nono ano, e depois para seu marido. Eram apenas palavras, mas ela sabia quanto elas podiam mudar as coisas.

Ramirez se mexeu e Avery se aproximou dele. Ela colocou a cabeça em seu ombro e colocou um braço ao redor dele. Ela havia brincado sobre a segunda rodada, mas não pensava que aquilo iria acontecer. Ambos estavam satisfeitos e já eram quase dez da noite. Os dois gostavam de acordar cedo, e embora o sexo com ele fosse o melhor que ela já tivera, nem mesmo o sexo algumas vezes era tão satisfatório quanto uma boa noite de sono.

A segunda rodada foi de fato descartada dez minutos depois, quando Ramirez pegou no sono. Ela sabia que ele não se mexeria mais até de manhã. Ela brincava com ele por conta disso—como ele conseguia cair no sono sem nem escovar os dentes. Avery era totalmente o oposto. Por isso, saiu da cama, vestiu seu roupão e olhou para o quarto. Adorava a forma como ele dormia enrolado nos lençóis. Deu-se conta de que queria mesmo que ele se morasse ali.

Avery terminou de escovar os dentes, colocou uma calcinha e uma camiseta e voltou para a cama. Entretanto, no caminho, parou na janela. Olhou para fora, observando o fino horizonte de Boston à distância. Logo abaixo, à direita, ela podia ver um pequeno pedaço do rio Charles. A pequena parte de água que ela podia ver do seu quarto brilhava com o gelo e as luzes da rua. Agora, no entanto, tendo visto um corpo sendo puxado dali, era difícil ver a água como algo bonito.

Ela olhou para a água, pensando nas formas que ela tomava durante o ano: a primavera tornava a água um espelho de vegetação florida ao longo de suas margens, o verão trazia uma promessa sombria de resfriamento, o outono o tornava um riacho sinuoso, digno de calendário. e o inverno o tornava a parte mais gelada do clima frio. O rio poderia ser atraente para quase todo mundo nestes quatro estágios. Mas o que atrairia um assassino para ele no inverno? Um sentimento de desolação? Uma sensação das coisas chegando ao fim?

Será que ele vai usar o rio Charles novamente? Imaginou.

Percebendo que o sono não chegaria tão cedo, Avery voltou para a sala e se sentou com os arquivos do caso. Ela começou a olhar novamente tudo o que sabia sobre Patty Dearborne. Uma estudante da Boston University, com especialização em psicologia. Vinte e dois anos—três anos mais velha que Rose. Sem registros na polícia, nenhum inimigo aparente, uma garota correta. Frequentadora da igreja, tutora em seu tempo livre. Aparentemente, ela apenas estava no lugar errado e na hora errada.

Estava? Ela era bonita, sem dúvidas. Mesmo no frio...

Algo naquilo a surpreendeu... quase como uma razão.

Então ela olhou para a carta que o assassino havia enviado. Leu e releu, olhando como se fosse uma obra de arte a ser decifrada e entendida em um nível muito profundo. Ela analisou as palavras que pareciam mais estranhas. *Para brisas. Erótico. Flor.* Começou a pensar se poderia valer a pena entrar

em contato com o professor Lit ou talvez alguém com grande conhecimento do uso das palavras e de poesia.

Também olhou para seu telefone, abrindo um e-mail que chegara no início daquela tarde. Até então, a polícia não havia encontrado nenhuma informação sobre o hackeamento do e-mail da idosa utilizado para enviar a carta para a mídia.

Mais essa... alguém com conhecimento suficiente para hackear uma conta de e-mail, com uma mente de assassino que parece ser atraído pelo gelo. Perfil bem complicado...

Normalmente, a essa altura do caso, ela seria capaz de pelo menos ter algum tipo de compreensão sobre a mentalidade do assassino. Isso a permitiria ter uma visão do caso do ponto de vista do criminoso, abrindo novos caminhos para encontrar pistas.

Mas ela não havia conseguido encontrar nenhum caminho até então. Aquele assassino era único, de um jeito que ela nunca tinha visto antes.

Ele quer ser conhecido... talvez, eventualmente, ser pego. Hackeando um e-mail, escrevendo uma carta, tirando os pelos e limpando meticulosamente a vítima. Isso é planejamento, paciência, loucura.

Sentindo-se com obstáculos à frente, Avery desistiu depois de um tempo. Ela voltou ao quarto e se deitou na cama ao lado de Ramirez. Assim que puxou as cobertas, o quarto foi preenchido pelo ruído familiar do toque do seu celular. Ao alcançá-lo em seu criado mudo, Ramirez soltou um pequeno gemido de decepção na cama.

- É a Avery - ela atendeu.

- Ei, Avery - disse uma voz masculina. – É o Finley, ligando em nome do O'Malley. Desculpe por ligar tão tarde.

Se eles querem promove-lo, vão ter que ensina-lo a ir direto ao ponto, Avery pensou.

- Tudo bem, Finley. O que aconteceu?

- Venha para cá – ele disse em um tom mórbido. – Nós precisamos de você aqui. Encontramos outro corpo.

CAPÍTULO DOZE

Pela segunda vez em três dias, Avery viu-se dirigindo para fora de Boston para encontrar uma cena de crime. Desta vez, o corpo fora encontrado em Cambridge, no Reservatório de Fresh Pond. A noite parecia ainda mais escura que o comum graças ao frio intenso. Ela e Ramirez estacionaram atrás de vários outros carros de polícia, os quais a maioria pertencia ao distrito de Cambridge.

Ótimo, pensou Avery. Tudo que precisamos... uma guerra entre distritos. Talvez eles sejam tão hospitaleiros quanto a polícia de Watertown.

Ela rapidamente localizou os rostos familiares na multidão de policiais. Finley e O'Malley estavam falando com um homem com uniforme policial. Quando O'Malley a viu, ele acenou para ela com um tom de urgência. Avery se apressou com as mãos nos bolsos. Fazia muito frio naquela noite; seu telefone marcara onze graus negativos quando ela e Ramirez saíram para atender a chamada.

- Avery - O'Malley disse. – Conheça o comandante Tagart. Essa área é dele aqui em Cambridge, mas ele concordou em deixar você ver primeiro antes dos caras dele ocuparem a cena.

- Isso mesmo - disse Tagart. – Posso ver as semelhanças com aquele caso terrível da garota Dearborne. Então faça o que puder. Apenas... lembre-se em qual distrito você está.

- Entendido - ela disse, um pouco rude. Ela odiava ver um homem no poder fazendo um joguinho assim quando era óbvio que ele não tinha nada a ver com o problema. Especialmente quando aquele homem estava em frente a uma mulher com mais habilidades que ele. Ainda assim, preferiu fazer tudo tranquilamente e não arranjar mais problemas.

Avery foi até o gelo, com Ramirez ainda atrás dela.

- Você está bem? – Ele perguntou.

- Sim, vou ficar bem. Se esse caso não for resolvido logo, vou ser uma especialista em patinação no gelo.

A piada perdeu a graça quando ela chegou na beira do reservatório e viu que o corpo já havia sido retirado do gelo. No entanto, tentou não ficar se irritar; pelo que podia ver, o corpo fora tratado com cuidado. Ela viu uma mulher jovem, talvez dezoito ou vinte anos de idade. Como Patty

Dearborne, estava completamente nua e, mesmo estando morta, parecia muito atraente.

Dois policiais estava ao lado do corpo. Um homem fazendo anotações e uma mulher com aparência triste tirando fotos.

- Você é a Detetive Black? – A mulher perguntou.

- Sim - Avery disse, pegando seu distintivo.

- Até que enfim – a mulher disse. – Essa cena me deixa enjoada. É toda sua.

Com um olhar triste, a mulher começou a subir para onde estavam as luzes dos carros de polícia.

Avery se agachou diante do corpo, já colocado em cima de uma lona. Ela olhou mais de perto a garota com uma pequena lanterna, que tirou do bolso do casaco. Como suspeitava, não havia nem um pelo no corpo da garota, além dos cabelos. De novo, não haviam jóias, embora Avery pudesse ver claramente um recuo em seus dedos mindinho e anelar onde ela deveria estar usando anéis recentemente. Ela não viu hematomas, nem sangue... nada.

Ela odiava fazer isso, mas começou a examinar o corpo para comparar e contrastar este com o corpo de Patty Dearborne. Fez o melhor que pode para sair da mente de detetive e entrar na mente de um homem que iria atrás deste tipo de mulher. Não viu nenhum sinal óbvio de violência sexual, embora essa opção não pudesse ser descartado sem uma perícia médica completa. Em casos como aquele, quando o motivo sexual era excluído, muitas perguntas apareciam.

Ela estudou o corpo, começando a sentir as pontadas de tristeza e enjoo que a mulher que acabara de sair havia citado.

Patty Dearborne tinha cabelo loiro, enquanto este novo corpo tinha o cabelo preto escuro. Patty era uma típica garota branca Americana, enquanto uma rápida olhada nesta nova garota indicava algum traço de herança Latina. Essa garota tinha seios menores, enquanto os de Patty Dearborne eram muito maiores que a média. Além dessas diferenças, não havia nada.

- Ramirez - ela disse, lembrando-se que ele estava atrás dela.

- Sim?

- Você pode pegar para mim um par de luvas?

Ele não falou nada, mas fez o que ela pediu imediatamente. Quando ele saiu, Avery olhou para a garota de novo e ordenou seus pensamentos.

Ambas eram jovens. Dearborne era estudante universária na Boston University. Acredito que esta também seja estudante. Uma primeira olhada não mostra sinais de violência, então provavelmente não houve luta, ou se teve, foi mínima. Duas garotas muito atraentes, ambas com estatura pequena. O peso da Dearborne morta era de cinquenta quilo. Essa garota parece menor. O assassino tem uma estranha fixação por beleza... e aparentemente por gelo. Uma combinação estranha, com certeza...

- Ai está. – Ramirez disse, voltando por trás dela. Ele entregou-lhe um par de luvas e quando ela as pegou, agradeceu com um aceno. Ela as vestiu e então analisou um pouco mais o corpo.

Começou com o cabelo, puxando-o levemente e procurando no couro cabeludo qualquer indício de trauma. Os peritos não haviam evidenciado nada disso em Patty Dearborne, mas ela queria eliminar essa hipótese desde o início.

Então, cuidadosamente, virou a garota de lado. Novamente, não havia sinais de violência. Havia uma pequena tatuagem na parte inferior das costas, um desses símbolos chineses genéricos que provavelmente não significava o que a vítima pensava. Ela deitou a garota de costas novamente e levantou suas mãos. Se tivesse ocorrido algum tipo de luta, deveria ter algum sinal nas palmas ou dedos.

De novo, nada.

Merda, Avery pensou. Nenhuma pista. Além da beleza, o que atrairia o assassino para essas duas garotas? Talvez ele odeie beleza. Mas isso não parecia encaixar, porque ele fazia tudo para deixa-las limpas, sem pelos, perfeitas. Ele está as capturando com intenção de realizar fantasias sexuais e depois fica atormentado por culpa e medo? Porra, esta garota está impecável...

Mas então ela viu uma pequena anormalidade no dedo indicador esquerdo da garota. A unha estava bem lixada como as outras, mas havia uma pequena fenda nela. Mais do que isso, havia um pequeno pedaço de tecido grudado na fenda.

Era um achado muito pequeno, mas pelo menos era *alguma coisa*.

Avery ouviu mais alguns passos se aproximando. Ela virou e viu O'Malley e o comandante Tagart vindo em sua direção.

- O que você acha, Black? – O'Malley perguntou.

- Eu acho que precisamos de peritos aqui. Essa garota tem exatamente a mesma aparência que Patty Dearborne, mas tem esse pequeno pedaço de

tecido grudado na unha dela. Pode ser que não seja absolutamente nada, mas é o único pedaço de evidência que temos.

- Os peritos estão a cerca de cinco minutos daqui. Mais alguma coisa?

- Beleza e gelo. Esses são os gatilhos desse cara. Comandante Tagart, você sabe alguma coisa sobre instalações de câmeras de segurança por aqui?

- Tem algumas câmeras, mas estão mais na frente da propriedade. Você sabe, Fresh Pond costumava ser um parque, mas acabou se tornando um reservatório. Já tenho alguns homens falando com a segurança para ver as filmagens, mas sem muitas esperanças.

- Eu não entendo - O'Malley disse. – Nuas. Jovens, garotas bonitas. E há zero sinais de abuso ou estupro?

- Zero - Avery concordou. – Precisamos de uma perícia médica completa para confirmar, mas eu tenho quase certeza que terá o mesmo resultado que Patty Dearbone—nenhum sinal de agressão sexual.

- O que o seu instinto diz? – O'Malley perguntou.

- Tudo que você acabou de dizer, além da carta enigma, aponta para um assassino que tem um propósito. Um propósito que pode ser visto claramente. Mas isso também aponta para alguém que tem algum tipo de problema mental. Pegando mulheres assim para fantasias sexuais ou abuso ou algo do tipo, agindo por impulso ou profunda necessidade física. Mas para fazer isso de forma tão sistemática – aparar os pelos, a limpeza – aponta para alguém que pode ser—

- Muito louco? – Tagart perguntou.

Avery assentiu, estremecendo.

- Eu diria potencial culpa, medo ou desgosto. Talvez um homem que quer uma mulher para sexo a princípio, mas depois pula fora.

Tagart encolheu os ombros, como se ele realmente não se importasse com o que estava ouvindo.

- Mais alguma coisa? – O'Malley perguntou.

- Sim. Dada a cronologia desses corpos sendo descobertos e a abordagem metódica - ela disse, cansada. – Eu posso garantir que haverá mais corpos.

CAPÍTULO TREZE

Dado o horário, a reunião que aconteceu no A1 teve poucas pessoas. Estava tudo bem para Avery; ela, na verdade, preferia desta forma. Quando era uma e dez da manhã, ela sentou-se na ponta da mesa com Conelly à sua esquerda com uma aparência mal-humorada. O'Malley sentou perto dele. Também estavam presentes Finley e Ramirez na ponta da mesa. Alguns dos peritos também estavam no prédio, mas trabalhando no laboratório, fazendo o que podiam para trabalhar com os caras de Cambridge para encontrar alguma coisa— qualquer coisa— que pudesse fornecer uma pista sólida do caso.

Eles receberam uma nova informação sobre o corpo, que vinha das impressões digitais. O nome da garota era Sophie Lentz. Ela era uma estudante de dezenove anos do segundo ano da Emerson College. Alguns oficiais estavam de plantão para informar a colega de quarto de Sophie. Segundo os dados da universidade, seus pais moravam em New York, se mudaram para lá logo que Sophie entrou na Emerson. Aquilo fora um pequeno alívio para Avery, já que ela não se envolveria em informar a família dessa vez.

A reunião não era, na verdade, uma reunião, já que não havia nenhuma informação nova para verificar. Avery sabia que aquele era apenas um encontro para aguardar alguma possível novidade dos peritos. Ainda assim, ela achava melhor manter suas mentes abertas e afiadas, então fez o possível para recapitular o que sabia, sem ser redundante.

- Acho que isso pode ser alguma forma de arte para o nosso assassino - Avery disse. - A natureza absoluta dele - a limpeza, a remoção dos pelos, a inexistência de jóias. E sabemos que Sophie Lenz tinha jóias por causa das marcas em seus dedos onde ela estava usando anéis.

- Mas se é arte - O'Malley disse, - por que ele está criando apenas para destruir?

- Talvez as mortes façam parte da arte - Avery sugeriu. - O fato de ambas as garotas serem bonitas, estarem nuas, e não apresentarem sinais de estupro ou outros abusos me fazem ir exatamente ao lado oposto do espectro. Ele não está pegando essas garotas por algum tipo de prazer físico. Há algo a mais nisso para ele. É quase como uma coisa de respeito. Ou como eu falei no reservatório, pode ser algo relacionado com culpa. Ele

pode estar se livrando delas por culpa. Culpa e desgosto são os únicos fatores que eu acho que podem conduzir um homem a pegar essas belas garotas e descartá-las depois de limpá-las. Ele não as quer por sexo porque talvez ele tenha um tipo de aversão a isso.

Connelly anotou aquilo em suas notas, a sua frente.

- A primeira era da Boston University e agora está de Cambridge - ele disse. – Então não há uma área específica onde ele está atuando.

- E os corpos estão aparecendo em uma área ainda maior - Avery pontou. – De Watertown a Cambridge.

Uma batida na porta fez todos virarem em sintonia. Dois rostos familiares da equipe de peritos entraram na sala – uma veterana chamada Amy Reed e um nerd residente de ciência, um cara novo chamado Christopher Paulson. Amy estava com uma série de páginas impressas e pelo olhar em seu rosto, Avery supôs que eles haviam encontrado alguma coisa.

- Duas coisas para vocês - Amy disse, andando para a ponta da mesa sem perder tempo. – Primeiro, o pequeno fragmento de tecido que encontramos em sua unha... o qual, aliás, é um milagre não ter sido levado quando ela entrou na água. Estava tão frio que ela congelou, assim como o pedaço de tecido grudou em sua unha. De qualquer forma... não havia nada notável no material em si. Era apenas uma toalha básica. No entanto, quando analisamos o tecido, nós encontramos traços de água sanitária doméstica e também acetona.

- Clorofórmio doméstico - Avery disse.

- Exatamente - Amy falou.

- O que era a segunda coisa? – Connelly perguntou.

- A tatuagem na parte inferior das costas - Christopher disse. – Havia vestígios de água sanitária lá também. Enquanto o corpo todo estava aparentemente limpo, havia uma pequena vermelhidão na pele ao redor da tatuagem. Uma análise mais detalhada revelou que a área foi esfregada com força, como se o assassino estivesse tentando removê-la.

- É isso? – Connelly perguntou.

Amy o olhou com uma careta e assentiu com a cabeça.

- Sim. É tudo que temos até a uma da manhã.

Sentido Connelly irritado, cansado e a beira de explodir, Avery pegou os papéis de Amy.

- Muito obrigada, Sra. Reed. Isso é ótimo.

- Quando precisar - Amy disse. Ela deu um sorriso a Avery e ela e Christopher saíram sem olhar para Connelly.

Quando a porta se fechou, Avery escaneou as folhas do laboratório. A maior parte já estava em sua mente mas ela queria de ter o máximo de informações possíveis nas mãos.

- Clorofórmio - ela disse. – Pelo menos agora sabemos como ele está pegando suas vítimas.

- Sim, mas isso é letal? – Finley perguntou.

- Em doses altas, pode ser - Avery disse. – É também muito rápido e eficiente se for ingerido. E se a mistura foi feita em casa, pode ser ainda mais mortal.

- Vale a pena ressaltar que a teoria da arte se torna um pouco mais real agora - Ramirez disse. – Alguém tentou remover aquela tatuagem. Mas se eles quisessem realmente remover, poderiam apenas cortar a parte da pele fora.

- Isso também diz que nosso assassino não é tão esperto - Avery disse. – Pensar que poderia remover uma tatuagem pode ser falta de inteligência, ou ele é alguém muito fora da realidade.

- E sobre o gelo? – O'Malley disse. – É uma conexão sólida?

- Eu acredito que sim - Avery disse. – O gelo torna a pele pálida, quase como cera. Há também a carta enigmática que ele nos enviou onde ele se refere ao gelo, diretamente.

- Bem, eu odeio ter que interrompê-los - Connelly disse, levantando e esfregando os olhos. – Nós não tivemos nenhuma pausa nesse clima frio por semanas. Então, esse babaca tem um paraíso nas suas mãos se nós não o pegarmos logo.

Um breve silêncio tomou conta da sala, quebrado quando Ramirez levantou e bateu as palmas alto de uma vez.

- Certo - ele disse. – Acho que vou fazer um pouco de café.

Avery apreciou o esforço. Era quase uma e meia da manhã, mas seu trabalho muitas vezes não dava a mínima a essa história de ter tempo para dormir. Ela viu Ramirez sair da sala de reunião e quando ele saiu, pensou na conversa que tiveram antes de receber a ligação sobre o corpo descoberto no Reservatório de Fresh Pond.

Já pensei nisso muito tempo, ela pensou. Mas será que não teria uma hora melhor para falar disso do que durante um caso que está nos ferrando?

- Finley, gostaria de conversar com Connelly e O'Malley em particular, por favor.

Finley olhou para os dois homens e eles lhe deram um aceno com a cabeça. Quando Finley saiu da sala, ela notou que ele parecia um pouco aliviado. Ela tinha certeza que ele não estava acostumado a trabalhar até tão tarde. Seja qual fosse a pressão que O'Malley e Connelly estavam colocando sobre ele, Finley estava sentindo bastante.

Avery falou no momento em que Finley fechou a porta. Ela sentia que se não fizesse isso, poderia rapidamente mudar de ideia.

- Eu gostaria de oficialmente aceitar a posição de sargento - ela disse.

Connelly sorriu pela primeira vez na noite – talvez pela primeira vez em semanas pelo que Avery sabia.

- Fico feliz em ouvir isso - ele disse.

- É fantástico - O'Malley concordou. – Você vai trazer um novo nível de instensidade para isso aqui. Eu mal posso esperar. Claro - O'Malley disse, - você vai precisar fazer os testes para sargento, mas você vai conseguir facilmente.

- Vou começar a fazer a papelada amanhã durante o dia - Connelly disse. – Haverá um período de transição de mais ou menos duas semanas, mas podemos lidar com tudo isso mais tarde. Sério, Black... eu estou muito feliz por você ter tomado essa decisão.

- Eu também - Avery disse.

Quando a porta da sala de reunião se abriu, Avery esperava que fosse Ramirez. Ela queria compartilhar as novidades com ele o quanto antes. Mas era Amy que entrava pela porta, novamente com um olhar animado em seu rosto.

- Eu acho que posso ter uma pista para vocês - Amy disse. – Havia um pequeno ponto de descoloração na parte de trás do joelho de Sophie Lentz. Nós não pensávamos que era algo, já que era menor que uma evilha. Mas recebemos os relatórios médicos cinco minutos atrás por e-mail e descobrimos que ela foi a um dermatologista mais ou menos duas semanas atrás para remover uma lesão da parte de trás do joelho.

- Então? – Connelly disse.

- Então, essa lesão foi removida por uma criocirurgia – usando nitrogênio líquido para congelar verrugas, lesões e anormalidades na pele. E o médico que fez isso... bem, digamos que ele não tem a melhor reputação.

- Uma pista sólida - Avery disse, pegando o telefone e fazendo algumas anotações. – Obrigada, Amy. Você poderia me enviar as informações médicas?

Amy confirmou e saiu da sala. Logo depois que ela saiu, Ramirez entrou na sala.

- Café fresco - ele disse.

Anormalidades na pele, ela pensou. *Removidas com gelo... por alguém que não é um médico profissional. Seria algo quase simbólico? Talvez um pouco esperançoso? Será que o assassino pensa que está salvando essas mulheres as matando e congelando? De um jeito ou de outro, essa é uma pista muito promissora.*

- Bem a tempo - O'Malley disse, sorrindo para Ramirez. Ele então olhou para Avery e acrescentou: - Você pode falar para ele também. Mas não pode ser de conhecimento público por mais alguns dias.

- O que? – Ramirez perguntou. Mas ao mesmo tempo que fez a pergunta, um fino sorriso apareceu em seu rosto. Ele olhou para Avery com os olhos brilhando. – Sargento Black - ele disse, incapaz de conter o sorriso.

- Mais importante - Avery disse. – Amy trouxe para nós a primeira pista real deste caso.

- Mas não é uma pista que você poderá ir atrás até manha. – O'Malley falou. – Olha, eu não sou estúpido. Vão para casa e comemorem essa promoção. Mas não se esqueçam de descansar e voltar cedo para cá amanhã.

Ramirez riu e se sentou.

- Ela vai ser uma sargento em breve - ele disse. – Vocês deveriam conhece-la um pouco melhor agora.

- O que você quer dizer? – O'Malley perguntou.

- Ele quer dizer que são duas da manhã e nós temos uma nova pista sobre esse caso - Avery disse. – De jeito nenhum eu vou voltar para casa e dormir... ou fazer qualquer outra coisa.

Ela pensou ter visto Ramirez ficar vermelho, enquanto ele encolheu os ombros. O'Malley e Connelly, felizmente, permaneceram quietos quando ela começou a analisar os arquivos do caso. Ela esboçou um sorriso, enquanto sentia um estranho tipo de camaradagem entre eles – uma sensação que estivera ausente entre seus superiores por um bom tempo. Foi bom. Era o suficiente para fazê-la pensar que ela definitivamente havia tomado a decisão correta em se tornar sargento.

Mas as imagens dos arquivos do caso não a deixaram pensar naquilo por muito tempo. Nos arquivos, fotos do rio Charles congelado logo se juntaram com fotos do Reservatório Fresh Pond congelado, como que implorando para que ela cavasse o gelo e descobrir segredos escondidos ali embaixo.

Ela pensou em sua nova pista, o dermatologista, e tudo parecia se encaixar.

Ele poderia ser o assassino.

CAPÍTULO QUATORZE

A Deckler Dermatologia ficava a apenas seis quadras do A1. Era o tipo de edifício pelo qual Avery passava todo dia, mas não prestava atenção. Estava localizada em uma boa área da cidade, mas o edifício era o pior da área. O exterior era bagunçado, com uma pintura que mal cobria os tijolos antigos. O interior era um pouco melhor, mas não muito. Havia um tipo de cheiro de escritório no lugar, que não melhorava com as pinturas genéricas na parede de entrada.

- Eu não acho que viria aqui por vontade própria - Ramirez sussurrou para ela enquanto estavam sentados esperando para falar com Dr. Eric Deckler.

- Olhe em volta - ela disse, indicando as outras quatro pessoas na sala de espera. Dois eram claramente de idade universitária. As outras eram mulheres mais velhas vestida com roupas estranhas, provavelmente forçadas a consultar com esse dermatologista particular por algum seguro. - Eu não acho que seja a primeira escolha pra ninguém... apenas uma necessidade.

Ela tentava pensar apenas em Sophie Lentz, uma jovem de dezenove anos, vindo neste consultório para remover uma lesão na pele. Uma universitária sem muito dinheiro. Um lugar como esse seria o que ela podia pagar. Era um cenário fácil de imaginar, já que Sophie tinha a mesma idade que Rose.

Eles estavam sentados por pouco menos de dez minutos quando a porta da sala de espera abriu. Uma enfermeira acenou em direção a eles, tentando ser discreta. Ambos se levantaram e caminharam pela sala de espera. Depois da enfermeira conduzi-los por uma sala de entrada e fechar a porta atrás deles, ela os guiou até o final do corredor para um escritório. Tudo isso sem dizer uma palavra sequer. Tudo parecia suspeito para Avery. Mas ela supôs que aquilo fazia sentido, considerando algumas das acusações contra o Dr. Deckler nos últimos dois anos.

No escritório, Eric Deckler estava sentado atrás de uma mesa bagunçada. Suas mãos estavam dobradas a sua frente e ele olhou para Avery e Ramirez com uma cara feia. Ele não fez nenhum esforço para esconder o fato que estava irritado com a presença deles.

- O que foi agora? - Ele perguntou.

Avery sentou na cadeira na frente dele sem ser convidada.

- Dr. Deckler, essa não é a melhor maneira de começar a manhã, é?

- Eu não sei ainda - ele disse. – Essa é a terceira visita inesperada que eu tenho da polícia nos últimos seis meses. Está ficando um pouco chato.

- Nós estamos aqui para perguntar sobre uma paciente que você viu duas semanas atrás chamada Sophie Lentz.

- Eu tenho certeza que você sabe que eu não posso compartilhar com vocês informações sobre pacientes - Deckler disse.

- Ah sim, eu entendo completamente - Avery disse. – No entanto, muda um pouco o caso quando a paciente aparece morta, nua, em um reservatório.

Avery olhou para o rosto de Deckler, sabendo que qualquer culpa ou medo apareceriam nos momentos após esta revelação. Mas ela não viu nada. Ele pareceu apenas um pouco chocado e surpreso.

- E eu estou relacionado ao caso apenas porque ela era minha paciente?

- Num mundo perfeito, não - Avery disse. – Mas aquele mundo perfeito não iria incluir seu sórdido histórico. Um histórico que inclui acusações de má conduta sexual com suas pacientes, bem como uma acusação de perseguição de dez meses atrás, apresentada por um antigo paciente.

- Eu fui inocentado em ambos os casos, como você sabe muito bem - Deckler disse. – Caso contrário, minha licença teria sido revogada. E acredite, eu paguei o preço. Houve uma queda significativa no meu número de pacientes e a menos que alguma coisa mude, eu provavelmente terei que fechar meu consultório na metade do próximo ano.

- Como todo o respeito - Avery disse. – Eu não estou interessada na sua triste história. Eu sei sobre as alegações contra você e sim, eu sei que você foi inocentado. Mas na minha profissão, eu também sei que quando há fumaça, há fogo. Eu vou onde as pistas me levam e elas me trouxeram até você.

- Bem, o que você precisa saber exatamente?

- Se você puder providenciar álibis para as suas noites nas últimas semanas, nós terminamos aqui mesmo.

- Você tem ideia do quão insultante é isso?

Avery encolheu os ombros, esperando a resposta dele. Enquanto esperava, seu telefone vibrou no bolso. Ela verificou e viu uma mensagem de Connelly. Ela leu e sabia que os próximos cinco minutos poderiam ser, de fato, muito interessantes. A mensagem dizia:

Acabei de receber informações dos pais de Patty Dearborne. Ela viu Deckler três meses atrás para remover uma verruga do calcanhar. Traga ele para cá.

Colocando o telefone de volta no bolso, Avery perguntou:

- Você lembra de uma paciente chamada Patty Dearborne?

- Eu vejo muitos pacientes para lembrar seus nomes - Deckler disse.

- Até mesmo garotas universitárias bonitas?

- Isso é mais do que um insulto!

- Bem, eu odeio ter que dizer que isso está prestes a piorar. A mensagem que eu acabei de receber do meu supervisor me instruiu a te levar por causa de outra conexão. Podemos fazer isso com calma, ou podemos te levar pela sala de espera e causar uma confusão.

- Vadia! - Ele falou.

Ramirez deu um passo atrás, mas ela sabia que não precisaria algemá-lo. Deckler estava bem preocupado com sua reputação. Ele não causaria uma cena, já que mais uma notícia ruim poderia resultar no fechamento de sua clínica bem mais cedo que o esperado.

Avery se levantou e apontou para a porta.

- Podemos?

Deckler se levantou como se estivesse prester a explodir de raiva em um campo de batalha.

- Você está gostando de fazer isso comigo? É isso?

- Dr. Deckler, há duas jovens garotas mortas e nenhum culpado atrás das grades. Então não... eu estou muito longe de estar gostando disso. Agora se mexa e saia por aquela porta.

Eles estavam de volta ao escritório às nove e vinte. A presença da mídia ainda era persistente, ainda aproveitando-se da carta que o assassino enviara no dia anterior. Avery fez o possível para se manter o mais calma possível, optando por levar Deckler pela entrada traseira, onde a mídia não poderia passar.

Finley os encontrou e escoltou Deckler para dentro do prédio. Avery e Ramirez os seguiram, mas foram interrompidos por Connelly no meio do corredor. Ele parecia um pouco mais relaxado e calmo do que na noite anterior, mas aquilo não queria dizer nada.

- Black, preciso falar com você - ele disse. – Ramirez, pode ver o que você pode fazer para ajudar Finley?

Ramirez assentiu com a cabeça e saiu para fazer suas obrigações. Avery, por sua vez, seguiu Connelly mais a frente no corredor para seu escritório. Quando ele sentou atrás de sua, começou a parecer uma pessoa totalmente diferente. Ela havia notado aquilo sobre ele antes; ele parecia mais imponente quando estava sentado atrás de uma mesa, olhando para alguém.

- As coisas vão ficar loucas nos próximos dias - Connelly disse. – Não há como evitar. Seu exame para sargento está marcado para a próxima terça-feira. Eu posso te dar uma lista de coisas que você precisa estudar, mas eu penso honestamente que você vai tirar de letra. Alguma pergunta?

- Nada, por enquanto - ela disse.

- Ok. Agora outra coisa. Estamos trazendo uma novata para o A1. Bem... não é bem uma novata. Ela tem trabalhado como policial na rua e vai vir para cá trabalhar como detetive. Esperamos que ela venha tomar seu lugar uma vez que você tenha feito sua transição para sargento. Sei que é pedir muito, mas gostaria que ela ficasse do seu lado. Provavelmente não será para este caso, mas para o próximo com certeza. Eu gostaria de pedir sua opinião nisto, mas já está decidido.

Avery odiava a ideia. Embora não tivesse nenhum problema em ajudar a nova geração de detetives no A1, ela sabia que era muita responsabilidade treinar um novato. Ainda assim, ela acenou com a cabeça e disse.

- Estou sentindo que há uma terceira coisa?

- Tem - ele disse. – Os pais de Sophie Lentz estão na cidade. Eles chegaram cerca de meia hora atrás, vão estar com um amigo da família até depois do funeral de Sophie. Eu gostaria muito que você fosse lá e conversasse com eles. Vamos fiar com Deckler aqui. Eu prefiro que você fale com a família.

- Posso fazer isso - ela disse, sem se importar muito com a ideia. – Mais alguma coisa?

Ele sorriu para ela quando girou em sua cadeira.

- Meu Deus, não é o suficiente?

Ela saiu do escritório, sentindo que teria um dia cheio a sua frente. Ela estava cansada por não ter dormido na noite passada, mas com várias tarefas alinhadas perfeitamente a sua frente, podia encontrar energia. Ela começaria com os pais de Lentz, já que sempre achava que falar com pais enlutados era uma das mais emocionalmente e duras partes do seu trabalho.

Quando estava saindo, quase foi para a parte de trás das salas de interrogatório para atualizar Ramirez sobre onde ela estaria pelas próximas horas. Mas eles haviam falado várias vezes sobre traçar linhas entre a vida profissional e pessoal. Ela não queria que parecesse que ela estava dando satisfação para ele, especialmente perto de Finley ou outra pessoa no escritório.

Ela saiu pela parte de trás do prédio e entrou no carro. Verificou seu e-mail e viu que Connelly havia enviado o endereço dos amigos dos Lentz. Um pequeno tremor passou por ela quando percebeu que eles estavam do outro lado da cidade, na direção de Cambridge, onde o corpo de sua filha havia sido encontrado.

Ao ler o endereço, ela recebeu uma mensagem de texto. Ela viu o nome de Rose e toda a ansiedade de visitar a família Lentz diminuiu. Ela abriu a mensagem e leu.

Ei. Manhã ruim. Ugh. Gostaria de alguns conselhos sem julgamentos e de um café. Você está ocupada?

Os dedos de Avery agiam como se estivessem sendo controlados por fantasmas do passado. Ela estava pronta para escrever: *Desculpe, mas estou ocupada. Talvez essa noite?*

Mas ela não queria mais isso. Ela estava aprendendo a priorizar sua vida, colocando Rose em primeiro lugar. Sim, ela tinha trabalho a fazer, mas quarenta e cinco minutos de café com sua filha não iriam mudar nada nesse caso. Mais do que isso, daria aos pais de Lentz mais tempo para se lamentar, talvez melhorando seu estado de espírito para quando Avery aparecesse.

Sentindo uma pequena ponta de culpa, Avery respondeu. *Caffè Nero. 10:00.*

Ela fez a volta na rua. Passou por algumas vans de jornais, imaginando que tipo de histórias eles estavam tentando criar sobre Sophie Lentz. E ao pensar em Sophie, uma estudante universitária bonita de dezenove anos, Avery então pensou em Rose.

O que aconteceu com Sophie Lentz... poderia ter sido Rose.

E isso foi o suficiente para demolir os demônios de culpa que assombravam ela por ter abandonado temporariamente suas obrigações. Ela dirigiu para o café escolhido, feliz por realmente se sentir como uma mãe novamente pela primeira vez em um tempo.

CAPÍTULO QUINZE

Rose já estava sentada em uma mesa com uma xícara de café quando Avery chegou ao Caffè Nero. Quando Rose a viu, Avery viu que havia uma mistura de dor e constrangimento em seu rosto. Mas também viu um piscar de alívio.

Avery se sentou, mais uma vez percebendo que se sentia um pouco fora do lugar em lugares como esse. Ou talvez não fosse o lugar ou o ambiente; talvez fosse o sentimento de saber que sua filha estava realmente procurando sua orientação.

- Tudo bem? – Avery perguntou.

- Já estive melhor - Rose disse. Ela estava nervosa mexendo o seu telefone na mão várias vezes. Era um tique nervoso que Avery também tinha. Aquilo a fez sorrir.

- Quer me falar sobre isso?

- Claro - Rose disse. – É por isso que te mandei mensagem. Mas... olha, mãe. Isso significa muito para mim. Você *realmente* apareceu quando eu precisei de você. Eu cheguei aqui faz cinco minutos – um pouco cedo, eu sei – e eu tinha certeza que você não iria aparecer.

- Eu não vou mentir - Avery disse. – Eu estou com um caso terrível na cabeça e ele está consumindo todo o meu tempo todo agora. Mas as coisas vão mudar, Rose. Eu sei que sempre falo coisas assim, mas dessa vez é de verdade. Você é minha prioridade agora.

Rose assentiu e Avery podia ver que ela estava tentando evitar as lágrimas. Ela soltou um sorriso trêmulo e bateu os dedos na mesa para se distrair.

- De qualquer forma - ela disse. – Então, eu e Marcus terminamos. E mesmo que eu diga para mim mesma que ele nem significava tanto, parece que na verdade ele significa. Mãe... eu não estou orgulhosa disso, mas eu o implorei para ficar.

- Ficar? – Avery perguntou, achando o uso daquela palavra um pouco peculiar.

Rose estremeceu, sentindo que ela havia sido pega.

- Ele ficou por muito tempo - ela admitiu.

Avery não falou nada. Ela também sabia que Rose estava tomando pílulas e era, na maioria das vezes, muito responsável.

- Por que ele foi embora? – Ela perguntou.

- Acho que ele sentiu que as coisas estavam ficando sérias. Ou algo do tipo. Ele só queria se divertir e—

Ela parou novamente, sentindo novamente que as palavras que usou haviam sido demais. Avery fez o melhor que pode para se manter composta, tentando enxergar além do fato de que sua filha acabara de dizer que o garoto com quem ela estava saindo estava com ela apenas por sexo, sem compromisso.

- Mas ele foi civilizado pelo menos? – Avery perguntou.

- Eu não sei - Rose disse. – Ele me chamou de alguns nomes. Nada grave. Ele estava furioso... com medo. Eu entendi.

- Mas ele foi duro com você? – Avery perguntou.

- Não. Ele nunca foi. Só que foi muito repentino. E sem querer me achar, eu sempre fui aquela que terminava os relacionamentos. Eu nunca fui aquela que causa dor, sabe?

Avery deu um sorriso tímido a filha e disse:

- Eu sinto que não sei muito sobre esses relacionamentos.

- É, não deve saber.

Avery pediu um café e sentou com Rose, deixando o tempo passar e curtindo a companhia de sua filha. Ela tomou um gole de café, pensativa. Havia algo em sua mente, algo que ela queria falar para Rose fazia tempo. Conforme as palavras começaram a se formar, ela viu que estava um pouco nervosa em contar isso.

- Você sabe, eu também era a que terminava os relacionamentos - ela disse. – Eu realmente nunca pensei sobre isso até agora porque realmente, seu pai foi o primeiro relacionamento real que eu tive. E até mesmo nesse, eu fui egoísta.

- Sério? – Rose disse. – Eu sempre pensei que o pai era o único mandão.

- Ah, ele podia ser. Mas quando minha carreira começou a decolar, eu deixei bem claro que ele não iria ficar no meu caminho. Nós nunca falamos sobre divórcio, nem uma vez. Não até a única vez... e foi uma conversa curta. Nós dois concordamos e foi isso. Acho que é por isso que ainda somos *muito* civilizados hoje em dia.

- Então você diz que foi a culpada do casamento não funcionar? – Rose perguntou.

Foi uma pergunta difícil, mas a resposta era fácil.

- Na maior parte – ela disse.

- Você já admitiu isso para o meu pai?

- Sim. Logo depois. Na época, entretanto... eu não tinha vontade de lutar pelo nosso casamento. Eu acho que ele também não. Eu o havia desgastado ao longo dos anos.

Rose riu nervosamente e balançou a cabeça.

- Droga, mãe. Quando você se abre, você não se reprime, né?

- Não!

- Então é de você que eu peguei isso.

Como vinha sendo na maioria dos seus encontros recentes, elas estavam rindo na maior parte da conversa. Duas xícaras de café mais tarde, depois que a conversa finalmente conseguiu se estabelecer num território menos controverso, Avery percebeu que a manhã estava passando e era quase meio dia. Rose a pegou olhando para o relógio e bebeu o último gole de café.

- Hora de voltar para o trabalho? – Rose perguntou.

- Sim, é melhor - ela disse. – Tem algumas coisas acontecendo comigo... parte delas inclui uma promoção para sargento. Então eu preciso ser disciplinada.

- Mãe, se você não tivesse tempo para vir me encontrar, você poderia ter falado.

- Não, não foi um problema. Eu preciso aprender a criar tempo. Se esse caso estivesse encaminhado e nós não estivéssemos em busca de um suspeito, seria diferente. Mas não é. Quando eu sair daqui, tenho que ir falar com pais enlutados.

- Ah - Rose disse enquanto elas iam para o caixa. Avery pagou os cafés e elas saíram. Assim que abriram os braços pra se abraçar, o telefone de Avery tocou. Ela olhou para a tela e viu que era Connelly.

- Eu preciso atender - Avery disse.

- Tudo bem - Rose disse. – Obrigada por ter vindo, mãe. Eu gostei muito.

- Eu também - ela disse.

Ela atendeu o telefone e não teve nem tempo de dizer Alô. A voz de Connelly já estava em seu ouvido.

- Black, eu preciso que você termine com os Lentz e volte pro A1 agora. As coisas estão ficando piores neste caso.

- Eu não estou com os Lentz - ela disse. – Eu tive um problema pessoal e—

- É melhor que você esteja brincando comigo - ele disse.

- Não senhor. Eu estava com minha filha.

- Que porra é essa, Black? – Ela podia ouvir ele respirar muito forte do outro lado do telefone. Ela não tinha medo dele ou do que ele poderia falar para ela, então simplesmente o deixou falar sem o interromper. – Me escute com atenção – ele finalmente disse. – Eu quero você de volta no A1 em quinze minutos. E depois que você for informada das novidades nesse caso, você e eu vamos conversar um pouco no meu escritório.

- Novidades?

- Outra carta - Connelly disse. – Então volte pra cá agora mesmo antes que eu mude de ideia e te chute para fora desse caso.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Avery notou a presença da mídia antes mesmo de chegar na sede do A1. Novas vans estavam desviando pelo tráfego como se as leis de trânsito não se aplicassem a elas. Se houvesse algum policial de verdade por ali, cada uma das vans levaria pelo menos duas multas. Mas Avery apenas dirigiu agressivamente. Quando ela finalmente chegou no estacionamento, algumas vans e repórteres já estavam ali, posicionados na frente do prédio.

Abutres, Avery pensou. O assassino aparentemente mandou um e-mail para a imprensa como da outra vez.

Ela fez o que pode para ignorá-los enquanto caminhava para a sede do A1. Ela ouviu vozes gritando dentro do prédio, e facilmente reconheceu uma delas como sendo a de O'Malley. A voz de Connelly também era notável. Avery notou imediatamente que as pessoas estavam falando baixo e lançando olhares para ela. Aparentemente, seu nome havia sido jogado na lama nas últimas horas.

No entanto, ela não deixou que isso a incomodasse. Quando se aproximou do escritório de Connelly, não sentiu culpa ou medo. Ela também não se incomodou em bater, já que a porta estava aberta. O'Malley, Finley e Amy, da equipe de peritos, estavam amontoados em seu escritório. Amy estava de pé apreensiva com as costas presas na parede, como se estivesse com medo do temperamento de Connelly.

- Black, feche a porta - Connelly disse. Ele estava obviamente irritado, mas aparentemente havia se acalmado um pouco desde a ligação no telefone entre eles.

Ele pegou um pedaço de papel de sua mesa, levantou-se e se esticou sobre a mesa para entregar para ela. Estava coberto com um plástico protetor.

A nova carta, ela pensou enquanto seus olhos começavam a ler. O escritório ficou em silêncio enquanto ela lia. Era mais curta que a outra, mas não menos sinistra. Ela leu vagarosamente, analisando cada palavra.

Beleza congelada. Derrete cicatrizes de longa data.

Eu vou continuar fazendo isso até conseguir fazer os corações baterem novamente.

Eu espero que vocês me encontrem. Eu tenho muito para mostrar, muito para compartilhar.

Ah, esse sorriso distorcido.

Ah, esse gelo no meu sangue que quer ser descongelado.

Esse inverno duro é interminável, mesmo quando o clima quente reina.

As cicatrizes não desaparecerão e nem a sua beleza – um dos truques cruéis de Deus.

Lentamente, Avery entregou a carta para Connelly. Ele não tirou dos dedos dela, mas a pegou bruscamente.

- Tem alguma ideia do que essa merda significa?

- Não, não sei - ela disse. – Mas esse “*eu espero que vocês me encontrem*” me assusta.

- Por que?

- Porque ele *quer* que nós o encontremos. E isso significa que ele não tem um conceito real de perigo ou consequências. E o mesmo acontece na linha “*eu tenho muito para mostrar, muito para compartilhar*”. Eu odeio ter que dizer isso, mas isso indica que esses dois corpos talvez não sejam os únicos. Isso faz você imaginar... o que ele quer nos mostrar?

Connelly tinha a respiração pesada, olhando para a carta e abrindo e fechando o punho de suas mãos. Ele olhou em volta da sala lentamente e algo na sua expressão fez Avery perceber que ele estava fazendo um grande esforço para permanecer frio e calmo.

- Vocês podem deixar eu e Avery a sós por um momento? – Ele perguntou aos demais.

Finley, Amy e O'Malley saíram rapidamente da sala. Ela notou que Finley olhou para ela quase que se desculpando.

Quando as portas se fecharam, Avery sentou na cadeira em frente à mesa dele. Ela esperava que ele gritasse a qualquer momento, mas quando ele falou, sua voz estava surpreendentemente calma. Ainda assim, ela podia sentir uma corrente interna de raiva nele.

- Você falou com Ramirez? – Ele perguntou. – Você tem alguma ideia de onde ele está?

- Não, não falei.

- Bem, porque quando você decidiu fugir das suas obrigações e aparentemente fazer qualquer merda que você queria, ele saiu para falar

com os pais de Lentz. Ele fez o que você deveria fazer... você quer me falar o que você estava pensando essa manhã?

- De verdade, eu estava pensando que minha filha precisava de mim. E como este caso está parado, eu não pensei que gastar uma hora e meia com a minha filha piorasse as coisas.

- E você não considerou que os Lentz pudessem ter informações valiosas?

- Claro que sim - Avery disse, começando a ficar um pouco brava. — Mas eu também sei que Sophia Lentz tinha dezenove anos quando foi assassinada. A mesma idade da minha filha. Então você sabe que... naquele momento, eu senti que gastar tempo com a minha filha era prioridade. Ela precisava de mim... e isso não acontece com frequência. Além disso... você sabe tão bem quanto eu que os Lentz não iriam ter muitas informações. Eles estavam em Nova York enquanto sua filha estava na universidade. Não estavam perto.

Connelly enconstou-se no banco e suspirou.

- Olha... nessa situação não houve nenhum dano real. Eu tenho três filhos. Você sabia disso? Dois na faculdade e um prestes a terminar o ensino médio. Eu entendi sim. Mas essas decisões precipitadas têm que acabar se você está focada em se tornar sargento. Bem, você deveria pelo menos nos ligado e falado o que estava acontecendo.

Ela não iria pedir desculpas. Ela sabia que não era o que Connelly estava procurando. Ele só queria saber que ela havia escutado o que ele estava dizendo.

- Entendido - ela disse. — Agora... essa carta... presumo que foi enviada para a mídia como a última?

- Ah sim. Está ficando pior. Duas cartas... dois corpos. Ele está fazendo nós parecermos idiotas.

- Ainda nada dos peritos sobre a outra carta?

- Nada - ele respondeu. — Eles estão olhando o envelope em que essa veio agora. Eu vou dar para eles essa carta assim que terminarmos aqui.

Avery olhou para a carta de novo quando alguém bateu na porta. Quando abriu, Ramirez colocou a cabeça para dentro.

- Está seguro? — Ele brincou.

- Entre - Connelly disse. — Os Lentz ajudaram?

- Muito pouco - Ramirez disse. — A mãe estava completamente destruída. Eles tinham um relacionamento tenso, mas quando moravam no

Arizona. Eu odeio ter que falar isso, mas os pais não ajudaram em nada. Eles pareciam um pouco envergonhados por não saberem muito sobre sua filha depois que ela se mudou para ir para a universidade, mesmo tendo se mudado para a Costa Leste junto com ela.

- Então voltamos para a casa um - Connelly disse. – Eu posso confiar em vocês dois para sair e tentar encontrar *alguma coisa* juntos?

Ramirez e Avery se olharam e acenaram juntos com a cabeça.

- Eu vou começar limpando a cabeça - Avery disse. – Voltar aos arquivos do caso, talvez visitar o reservatório.

- Por que não a barragem de Watertown?

- Porque Patty Dearborne flutuou pelo Charles River de algum outro lugar. Esse foi o local que o corpo dela foi encontrado, não a legítima cena do crime.

Connelly assentiu com a cabeça.

- Bem. Então comece a trabalhar. E por favor, me mantenha informado a cada hora. Eu gostaria muito de ter algo para falar para esses babacas da mídia até o fim do dia apenas para calar a boca deles.

Sem falar nada, Avery e Ramirez saíram do escritório de Connelly. Quando a porta foi fechada e eles começaram a sair pelo corredor, Avery estendeu o braço, encontrou a mão dele e apertou.

- Obrigada por fazer minha parte com os Lentz.

- Sem problemas. Eu só queria que você tivesse ligado. Eu pensei que a cabeça dele ia explodir quando ele soube que você não estava com os Lentz. Onde você estava?

- Com a Rose.

- Ela está bem?

- Sim, está bem. Mas por enquanto, vamos focar no caso, ok?

- Claro - ele disse, claramente um pouco magoado.

- Eu preciso de um tempo sozinha - ela disse, sem ser totalmente honesta. – Eu preciso colocar minha cabeça nesse cara e nos motivos dele. Quando eu estiver pronta, você quer voltar para o Reservatório Fresh Pond?

- Parece um bom plano.

Com isso, eles se separaram. Ramirez foi para seu escritório enquanto Avery foi para os elevadores. Esse assassino estava se tornando exatamente como o gelo que parecia ter um controle sobre ele – frio e traiçoeiro. Se ela tinha esperança de entrar na mente dele e descobrir quem ele era e por que estava agindo, precisaria de ajuda.

Avery odiava admitir, mas estava totalmente perdida pela primeira vez em sua carreira.

E ela sabia quem precisava ver: Sloane Miler, a psiquiatra do A1.

CAPÍTULO DEZESSETE

De tempos em tempos, Avery se sentia culpada por usar os serviços de Sloane. A Dra. Sloane Miller trabalhava com oficiais que estavam afetados pela pressão e estresse dos seus trabalhos. Claro, no A1, a maioria dos oficiais nunca admitiriam que precisavam de ajuda. Por isso Avery nunca teve problemas em conseguir alguns minutos do tempo dela.

Aquela tarde não foi diferente. Quando Avery entrou na sala de Sloane, ela estava sentada atrás de sua mesa tomando café e lendo alguma coisa em seu notebook. Ela deu um sorriso genuíno quando viu Avery entrar.

- Com o risco de parecer que estou me achando - Sloane disse, - eu estava mesmo pensando que iria vê-la em breve.

- Como assim? – Avery perguntou.

- A forma como as notícias estão falando sobre essas cartas que estamos recebendo. A pessoa que escreveu essas coisas está *implorando* por uma avaliação psíquica. E assumindo que o culpado não vai aparecer na minha porta, eu pensei que você poderia.

- Sou tão previsível assim?

- Previsível não é a palavra. Eu acho que você está procurando por alguém *minucioso*.

Avery sentou-se do outro lado da mesa de Sloane. Era muito mais confortável do que a cadeira no escritório de Connelly.

- Eu não consigo descobrir que tipo de homem faria isso - Avery disse, indo direto ao ponto. – A parte de matar, claro. Esteve lá, fez aquilo. Mas a inclusão de gelo, a limpeza absoluta dos corpos... é uma equação que simplesmente não parece bater. Há muitas peças que não se encaixam.

- E isso é estranho para você? – Sloane perguntou.

- Sim. Não existe um motivo concreto que eu consigo ver.

- Bem, todas essas peças que não se encaixam são pistas independentes, eu acho - Sloane disse. – Acho que sua inteligência está atrapalhando aqui. Você está tentando dar sentido a algo que não tem vestígios de lógica. Com base no pouco que sei sobre esse caso e a natureza das cartas, eu acho que uma abordagem lógica pode te atrapalhar.

- Pensamento abstrato não é o meu forte - Avery disse.

- Ah, eu sei. Mas pelo que estou vendo, há uma forma legítima de perturbação psicológica com essa pessoa. As próprias cartas indicam que

ele quer ser pego, certo?

- Eu acredito - Avery disse. – A última carta, na verdade, fala isso.

- Mas o fato de que o assassino está sendo tão cuidadoso com o que está fazendo sugere a necessidade de permanecer escondido. Mas por que você gostaria de permanecer escondido, *mas* esperando que alguém te pegue?

Avery absorveu aquilo por um momento. O significado do enigma de Sloane se aproximava lentamente.

- É um grito de socorro que ele nem sabe que está dando - ela disse, formando a ideia enquanto falava em voz alta. – Ele está se mantendo escondido e sendo cuidadoso para não ser pego por uma razão subconsciente – vergonha, culpa ou algo do tipo. Mas ele quer ser pego porque... bem, ele pode querer se vangloriar sobre o que está fazendo ou ele sabe, no fundo, que ele precisa ser parado, mas não tem força para parar por vontade própria.

E se ele quer se pego por nós por alguma razão subconsciente, ela pensou, isso claramente denota algum tipo de lapso psicológico. Ele está sequestrando e matando enquanto, ao mesmo tempo, está sabendo que é errado e quer ser pego – talvez até mesmo percebendo que merece a punição.

- Exatamente - Sloane disse. – Então que tipo de pessoa pode lutar com esse tipo de coisas?

- Muitos tipos - Avery disse. Ela sorriu, percebendo que assim, Sloane havia a colocado no caminho certo – um caminho que ela era incapaz de ver com sua abordagem lógica. – Mas a raiz disso tudo é a razão para se manter escondido... algo que ele tem vergonha ou odeia sobre ele. E isso pode significar que ele tem algum registro de algum tipo. Mas... ainda há muitos fatores.

- Aversão própria e ódio podem ser boas razões para deixar os corpos estão em condições puras - Sloane sugeriu. – Eu poderia sugerir arrependimento ou até mesmo uma batalha em sua consciência.

Avery assentiu com a cabeça. Estes eram pontos onde ela já havia chegado e compartilhado com outras pessoas, mas ouvi-los reformulados e de uma forma mais lógica era sempre útil.

- Eu concordo - Avery disse. – Mas localizar um homem impulsivo por aversão própria seria como encontrar uma agulha num palheiro. Existem muitos. Eu acho que o que vai fazer esse cara de destacar é que

parece haver um gesto artístico nele. Não são apenas os corpos sem pelos e limpos. Eu quero dizer, as unhas estavam feitas, pelo amor de Deus.

- Talvez um homem que tenha algum tipo de crise de identidade sexual?

- Talvez - Avery disse. Esse pensamento não tinha lhe ocorrido antes.

Faz sentido, ela pensou. Um homem que adore a aparência da mulher, talvez até inveje seus corpos... que jeito melhor de adorar um corpo do que se depilar como uma mulher, fazer unhas como uma mulher? Seria muito mais fácil ter a coisa real. Talvez seja um tipo de fantasia dele, não apenas de natureza fisicamente sexual.

- Nenhum perfil real parece se encaixar ainda - Avery disse. – Está tudo limitado ainda a encontrar pistas adequadas.

- Bem, uma vez que você chegar nesta parte do caso, eu não serei mais útil. Eu acredito que é aí que suas habilidades entram.

Avery soltou uma risada.

- Você sabe... eu estou fazendo os papéis para me tornar sargento provavelmente no próximo mês. Se eu estiver no caminho certo, você receberá muito mais créditos pelo seu trabalho.

- Sargento, é? Isso é muito bom.

- É também um segredo por mais algumas semanas, por isso vamos manter essa coisa confidencial. Médico-paciente, sabe?

- Da minha boca não sai nada - Sloane disse. – Agora saia daqui e vá pegar esse cara. Se eu tiver que ver mais uma dessas cartas desesperadas nas notícias, vou ter que gritar.

Motivada pela ajuda de Sloane, Avery voltou para seu escritório. Ela fechou a porta e imediatamente focou nos arquivos do caso. Mesmo com a pequena descoberta que acabara de fazer na sala de Sloane, Avery tinha quase certeza de que tinha espremido cada gota de informação dos arquivos do caso. No entanto, achava que poderia conectar as informações que já tinha com sua nova abordagem.

Excitada por uma nova direção a tomar, seguiu o fluxo facilmente, trazendo cada peça do quebra cabeça e trocando as peças.

Vergonha e culpa... e algum tipo de obsessão com o frio. Ele cometeu algum outro ato hediondo no frio?

Sem jóias... não é um problema de roubo, no entanto; ele só quer que as mulheres estejam impecáveis. Isso se prova pela tentativa ignorante de tentar esfregar a tatuagem nas costas de Sophie Lentz.

Duas garotas universitárias até agora. Planejado ou coincidência? Diferentes universidades, corpos encontrados a quarenta quilômetros de distância. Mas o rio Charles carregou Patty Dearborne por uma distância desconhecida.

Clorofórmio caseiro. Então, embora possa haver algum problema mental de algum tipo em jogo, ele é esperto o suficiente para fazer pesquisas e fazer seu próprio clorofórmio.

Gelo... congelamento... possível histórico criminal...

Ela olhou para a folha de anotações do Reservatório Fresh Fond e o estudou novamente. Poucas câmeras de segurança e estão todas na entrada. Segundo relatos, apenas dois potenciais crimes no local nos últimos quinze anos – uma acusação de indecência pública para um casal fazendo sexo e outra para um caçador que estava invadindo.

Ela pensou no caçador por um momento. De acordo com os registros, ele foi preso por invasão. Preso? Parece um pouco severo...

Com os pensamentos fluindo de verdade agora, Avery abriu o arquivo interno do A1 em seu notebook. Algumas palavras chave e o endereço do Reservatório Fresh Fond trouxeram dois artigos no relatório. Ignorando completamente o item de exposição indecente, ela abriu o arquivo do caçador que havia sido preso por invasão. Ela leu lentamente, sentindo na mesma hora que poderia haver algo ali.

Jimmy Daughtry, 54, foi pego invadindo as terras do reservatório em novembro de 2015. Tinha sua licença de caçador, alegou que não fazia ideia de que estava em terras privadas do estado. Policiais foram chamados quando tiros foram escutados nas terras enquanto Daughtry estava caçando veados. Ficou violento com um dos policiais quando a conversa começou a esquentar. Preso por invasão e por abrir fogo em terras públicas. Liberado com uma fiança de US\$ 7.500,00. Mais tarde descobriram que ele caçava naquelas terras por mais de dois anos. Registro passado por ameaçar uma criança e agressão sexual de um menor.

Avery então puxou o registro criminal de Jimmy Daughtry. A criança ameaçada tinha sido sua própria filha; quando ela tinha oito anos, Daughtry tinha forçado sua filha a nadar no rio Charles quando estava muito frio, uma forma de castigo por ter deixado acidentalmente a porta da frente da casa

entreaberta no inverno. A tentativa de agressão sexual aconteceu em 2007 quando Daughtry deu em cima de uma garota de quinze anos na frente de uma loja de conveniência.

Ela anotou seu endereço atual e emprego, colocando-os no GPS do seu telefone. Ela então chamou Ramirez no telefone interno e percebeu que ouvir sua voz até mesmo no trabalho a fez sentir uma distância inesperada.

- Está ocupado? – Ela perguntou.

- Eu queria - ele disse. – Esse caso está me matando. E você?

- Também está me matando - ela disse. – Mas o que você acha de ir comigo verificar uma potencial pista?

- Te encontro no carro.

E assim, o caso pareceu um pouco promissor e Avery começou a sentir aquela familiar onda de esperança e adrenalina.

CAPÍTULO DEZOITO

Ironicamente, Jimmy Daughtry trabalhava em uma loja de esportes ao ar livre. Era uma loja familiar de segunda mão, situada na área rural, próximo de Cambridge. Quando Avery entrou, ficou um pouco confusa. Ela já estivera em lojas de esportes antes, claro, mas nenhuma onde caça e pesca eram os principais atrativos.

Prateleiras de roupas estavam cheias de trajes camuflados e jaquetas corta-vento, a maioria laranja brilhante. A parede inteira dos fundos era revestida com uma caixa de vidro, com uma grande variedade de armas. Enquanto a maioria eram rifles básicos de caça, alguns poderiam atrair a atenção de alguém responsável por isso no governo.

Havia varas de pesca e carretéis na parede à direita enquanto outros equipamentos de caça variados estavam na parede oposta. Havia de tudo, desde apitos para atrair patos a garrafas com urina de veado concentrada.

Ela se aproximou do balcão, situado em frente às armas, e encontrou dois homens trabalhando. Um estava trabalhando com um cliente, preenchendo um formulário para compra de arma de fogo. O outro era um homem que aparentava ter uns cinquenta anos, com um cabelo longo cinza penteado para trás. Ele estava olhando um folheto e colocando pedidos no computador. Avery se aproximou deste homem. Quando chegou perto, ele levantou os olhos do computador. O olhar que ele a deu foi inicialmente cômico—com certeza imaginando o que uma mulher do tipo dela estava fazendo naquele lugar. Mas então ele aparentemente se recompôs ao notar o traje dela, bem como o homem bem vestido que a acompanhava. Depois disso, o olhar em seu rosto mudou completamente.

- Boa tarde - Avery disse, usando sua voz mais agradável para manter o homem calmo antes mesmo da conversa começar. – Estamos procurando Jimmy Daughtry.

- Sou eu - ele disse.

- Eu sou a Detetive Avery Black da Divisão de Homicídios do A1 de Boston. Eu gostaria de uns cinco minutos do seu tempo para te fazer algumas perguntas.

- Para que? – ele perguntou, instantaneamente na defensiva.

- Eu realmente preferia conversar em particular. Tem alguma sala de descanso ou algo do tipo aqui?

- Há uma sala de estoque nos fundos - ele disse, mais irritado do que nervoso ou com medo. – Mas eu vou ter que avisar meu chefe. Pode me dar um segundo?

Avery assentiu e observou Daughtry caminhando em direção ao homem que ainda estava preenchendo um formulário para o único cliente que estava na loja. O chefe olhou pelas suas costas, revirou os olhos quando viu Avery e Ramirez e então deu de ombros.

Daughtry então acenou para eles. Avery caminhou para o final do corredor onde Daughtry os conduziu para os fundos da loja, em uma porta pequena. Eles entraram em uma pequena sala de estoque cheia de caixas e catálogos. Havia uma cabeça de veado na parede e uma imagem de uma mulher com seios grandes de biquini na praia na parede oposta.

- Homicídios, você disse? – Daughtry disse. – Essa é nova. Nós recebemos pessoas do governo aqui o tempo todo para verificar se não estamos vendendo armas ilegais. E faz um tempo que a lei vem me perseguindo sobre a merda que eu fiz alguns anos atrás. Mas homicídio... essa é novidade.

- Bem, ontem a noite foi encontrado um corpo do Reservatório Fresh Pond - Avery disse. – E visto que foi o mesmo lugar que você foi preso por usar ilegalmente uma arma de fogo, achamos que você deve ser questionado.

- Por que? – Ele perguntou. – Jogar um corpo num reservatório? Caçar em terras de propriedade do estado e assassinato são dois crimes totalmente diferentes. Um detetive não deveria saber isso?

- Bem, francamente - Avery disse, ignorando o insulto, - é a ameaça a uma criança e tentativa de agressão sexual de um menor que te torna mais suspeito. Não se engane... você não está sendo acusado de nada. O seu nome apenas apareceu por estar conectado com o local onde o corpo foi encontrado. Se você puder providenciar álibis sólidos, nós vamos embora.

- Este corpo... era como aquele que foi encontrado no Charles algumas noites atrás?

- Não posso compartilhar os detalhes com você - Avery disse. – Tudo que preciso de você agora é saber onde você estava na noite passada.

Ele franziu a testa e olhou para a mulher peituda no quadro, como se ela pudesse encoraja-lo.

- Eu estava pescando no gelo.

- Onde?

- No Charles. Eu comecei a fazer isso esse ano. É uma merda. Mas é um bom motivo para agir como um tolo no gelo e tomar algumas cervejas.

- Alguém pode confirmar isso? – Ramirez perguntou.

- Sim. Estávamos em três lá. Ligue para meus amigos Early Wright e Mike Sommons. Eles dirão a vocês.

- Você pegou alguma coisa? – Avery perguntou.

- Nada, droga. Nós começamos a perfurar o gelo como eu li online e começou a estilhaçar. O Early maldito caiu no rio quando o gelo começou a quebrar.

- Entendi - Avery disse. – Você pode me dar o endereço deles?

- Sim - Daughtry disse, pegando seu telefone. – Você sabe... não é do meu interesse, mas se uma garota foi tirada do reservatório e quem fez isso não foi pego na câmera, tem apenas um lugar em que ele poderia ter feito isso sem ser visto.

- Suponho que você sabe disso por conta da época de caça? – Ramirez perguntou.

- Sim. Há uma trilha antiga que passa pela parte de trás, onde começa a propriedade do estado. Ele deve ter feito isso por ali. E não tem muita gente que sabe disso.

- Você tem certeza? – Avery perguntou.

- Certeza - Daughtry disse. Ele então mostrou seu telefone para Avery onde estava o contato dos seus amigos. Avery os digitou em seu celular e salvou.

- Sr. Daughtry, obrigada pela ajuda. Tenho certeza que você irá entender minha vinda até aqui dado seu histórico.

- Você pode perguntar o que quiser, mas eu não sou mais assim. Bem... não o abuso infantil nem o negócio da menor. A coisa da caça... eu ainda acho que o estado tem muitas terras que deveriam ser abertas ao público. Mas não... também não estou mais invadindo.

Apenas um homem tentando escapar de seus demônios, Avery pensou. Ela havia visto isso centenas de vezes. Na maioria das vezes ela poderia dizer quando eles estavam sendo sinceros. No entanto, ela não conseguia entender Jimmy Daughtry. Ela assumiu que essa visita inesperada de alguém da divisão de homicídios poderia assusta-lo.

Quando saíam da loja, Ramirez olhava com admiração algumas varas de pesca no caminho pra fora.

- Você pesca? – Ela perguntou enquanto saíam pela porta.

- Eu costumava pescar. Meu velho amava isso. Eu tentei continuar com a tradição depois que ele faleceu, mas não deu certo.

Ainda há muita coisa que eu não sei sobre esse homem, ela pensou. Um pensamento alarmante, visto que eles morariam juntos em breve.

- Falando nisso - Ramirez disse, - você perguntou a Daughtry se ele havia pego alguma coisa quando tentou pescar no gelo. Eu sei que você não se importa se ele pegou alguma coisa ou não. Qual foi o objetivo disso?

- O gelo no rio Charles era forte o suficiente para andar de skate, mas ainda era muito fino pelo que eu vi. Eu tinha um parente que costumava pescar também. Pesca no gelo, no Alaska. Por isso eu sabia que o gelo em qualquer lugar aqui perto quebraria fácil e o jogaria no rio. Além disso ele não parece ser o tipo que pegaria qualquer coisa nessa área pescando no gelo.

- Ah, então você estava tentando pegar ele numa mentira?

- Exatamente.

- Você já teve uma conversa estranha dessas de vudu comigo, tentando me enganar?

- Você não gostaria de saber. – Ela disse, entrando no carro.

Ela estava tentando melhorar seu humor porque sabia, no fundo, que se os álibis de Jimmy Daughtry o apoiassem, eles estariam de volta à estaca zero.

CAPÍTULO DEZENOVE

As tubulações de água estavam congeladas e ele sabia que tinha que ser cuidadoso, caso contrário poderia causar uma explosão e isso criaria uma bagunça. Mas, na verdade, isso passava longe de sua mente. O termostato lia um grau, já que ele havia desligado o aquecedor na manhã anterior – não que ele realmente se importasse, já que nunca colocava o aquecedor acima de doze, independente do frio que fizesse lá fora. Ele estava arrepiado, embora estivesse suando e vestindo um suéter com capuz e com um cobertor a sua volta, segurado firmemente.

O apartamento estava congelando, o que era bom. Ele queria se acostumar com o frio mas, sabia que precisava fazer isso devagar. Já havia tentado uma experiência na noite anterior, ficando no frio, diretamente numa poça de água rasa atrás do seu prédio. Estava sem sapato e naquela manhã um de seus dedos estava descolorido e parcialmente adormecido.

Ele estava a alguns instantes do próximo experimento. Olhou seus materiais na mesa da cozinha. Os dias de congelar hamster e trazê-los de volta a vida haviam acabado. Ele não estava com os pensamentos claros nessa época. Não estava tentando ressuscitá-los, afinal. Bão estava tentando descongelar corações na esperança de entender como manipular os efeitos do frio – embora esse tivesse sido o seu plano no início. Não... agora ele sabia.

Agora ele sabia que precisava *usar* o frio. Ele tinha que o aceitar como era. Tinha certeza de que não seria mais capaz de capturar a beleza de suas vítimas. Poderia ser possível, mas mentes como a dele não eram capazes desse tipo de compreensão. Se ele quisesse capturar a verdadeira beleza que viu naquelas garotas congeladas, precisaria ser ele mesmo a estar com o frio. Se ele planejasse se reconfigurar um dia, para acabar com sua cicatriz e o terrível estado de seu rosto, precisaria abraçar o frio. Ele teria que adorar. Para se tornar como ele. E *então*, talvez ele poderia reivindicar a beleza congelada das vítimas para si.

Quando se sentou na mesa, um gemido de antecipação escapou de seus lábios. Ele olhou para o Cooler Yeti na mesa e lentamente abriu a tampa. Um vapor gelado subiu. Olhou para dentro, vendo o gelo seco com quantidades iguais de ânsia e medo.

Enrolou a manga do suéter, percebendo que começava a respirar muito pesado. *Eu posso fazer isso*, ele pensou. *Eu posso fazer isso. Abrace o frio... seja o frio... isso é pelo seu rosto, pela sua vida...*

Colocou sua mão no cooler. O frio foi um choque no início, mas depois de alguns segundos, sua carne parecia estar se acostumando. Ele sabia que haveria uma sensação de queimação, mas quando ela veio, foi um pouco mais forte do que ele esperava.

Havia lido sobre gelo seco um tempo atrás e sabia que o material poderia ser muito eficiente para os seus experimentos e para o plano final. Ele já havia usado duas vezes, preservando as vítimas. Claro, isso foi quando ele esperava ressuscita-las, para entender como enganar a morte com o uso do gelo.

Ele sabia que deveria usar luvas isolantes quando manuseasse o gelo. Ele também sabia que aquilo era muito mais gelado que o gelo normal, com uma temperatura média oitenta graus negativos.

Todos os músculos do seu corpo imploravam para que ele retirasse as mãos dali. Mas ele as empurrou, deixando escapar um pequeno assobio de dor pelos dentes. Quando chegou ao pior estágio, pegou um espelho e colocou no cooler. Ele olhava para seu reflexo, vendo sua cicatriz e a boca caída. Ele ainda podia ver traços do homem que fora uma vez, um fantasma de como ele era.

Ele poderia ser bonito novamente se fizesse isso através da dor. Ele sabia desde o início que não seria fácil.

A queimação continuou. Pelo que tinha lido, demoraria a passar. Seria substituída por uma dormência. Depois disso, poderia haver danos nos nervos ou completa inutilização dos dedos. Seu corpo estava tremendo agora. Há quanto tempo sua mão estava ali? Seis minutos? Sete?

Lentamente, ele retirou a maior parte da mão do gelo. No entanto, deixou o mindinho. Se perdesse esse, não seria tão ruim. Mas da mão ele precisava. Ele tinha um trabalho importante a fazer.

A mente acima de tudo, ele pensou enquanto começava a sentir uma pontada de dor e, em seguida, um desconforto menor no mindinho. *Você pode fazer isso, você pode fazer isso.*

- Você pode fazer isso - ele disse alto, falando para a imagem no espelho. - Você pode fazer isso...

Do nada, outra onda de dor surgiu através do mindinho e chegou à sua mão e braço. A sensação de queimação veio dez vezes maior e tão forte que

ele não pode se ajudar. Tirou a mão e a segurou no peito. Estava chorando agora, sufocando o grito porque precisava que ser forte.

Ele bateu o espelho sobre a mesa, frustrado. *Como você pode ser tão fraco, porra?*

O espelho quebrou. O vidro se espalhou pelo chão, mas ele nem se deu conta disso. Olhou para a mão esquerda, a que esteve submersa no gelo seco por pelo menos onze minutos. O mindinho estava com um tom de roxo profundo e a parte superior do seu dedo anelar estava um pouco mais clara. Tentou mexer os dedos e percebeu que o mindinho quase não se movia. Podia sentir que ele queria se mexer, mas não estava respondendo.

Esqueça isso, algo em sua cabeça falou. Era uma voz familiar, mas que ele não gostava de ouvir... a voz de sua mãe. *Ah, querido... esqueça isso. Ligue o aquecedor de novo. Veja um médico para ver sua mão e o dedo do pé. Saia disso enquanto pode. Não seja um idiota. Não estrague isso também.*

- Não - ele gemeu. - É tarde demais.

Além disso, o que sua mãe sabia sobre essas coisas? Era sua mãe que o tinha colocado nessa situação. Sua mãe o levou a isso.

Ele olhou para os fragmentos de vidro no chão quase amorosamente. Poderia pegar um e deslizar com força por sua jugular. Poderia fazer isso. Seria fácil. Ele iria sangrar rapidamente. Tudo estaria acabado.

Foi tentador. Mas ele tinha chegado tão longe. Ele havia matado. Mas tirar a própria vida agora seria contraditório.

Olhou para os dedos da sua mão esquerda novamente. Tremendo, soltou um grito. Saiu da cozinha e pegou as chaves no pequeno quadro na porta da frente. Quando alcançou sua van, a maioria dos sentidos já haviam retornado à sua mão esquerda. Até onde sabia, as alfinetadas e agulhadas que sentia conforme o sangue voltava a atividade normal sob sua pele era um grande incentivo para continuar com seu plano original.

E era isso que ele iria fazer... a voz fantasmagórica da sua mãe seria condenada.

Ele já sabia quem queria. Havia a visto várias vezes antes. Ela era um pouco mais velha do que ele estava procurando, mas sua beleza era inegável. Ele estava observando esta mulher por sete meses, esperando e

planejando. Dirigiu pelo quarteirão por alguns instantes, certificando-se que o carro da mulher estava estacionado no local de costume.

Começou a se sentir como um robô. Sempre que estava próximo de alcançá-las, sua mente parecia mudar para o modo automático. Tudo era simples. Tudo se movia como se estivesse em uma pista. Ele sentiu e aceitou. Não estava mais preocupado que ainda não podia sentir nada no dedo mindinho. A única coisa importante agora era pegar a mulher.

Sabia que a mulher morava sozinha. Havia estudado e planejado, como tinha feito com as outras duas. Não acreditava em acaso ou coincidência. Tudo foi planejado. Ele estava trabalhando nisso por dois anos, esperando por isso, o inverno mais frio nos últimos anos.

Estacionou quatro carros atrás do carro da mulher e viu ela saindo de um prédio de quatro andares e entrando em seu carro preto, caro e brilhoso. Quando ela saiu com o carro, ele a seguiu.

A volta para casa geralmente levava vinte e um minutos, mas levou vinte e oito naquela tarde porque algum idiota furou o sinal vermelho e bateu em um caminhão. Ele quase perdeu a mulher de vista no trânsito ao redor do acidente, mas a alcançou a duas quadras da sua casa. Ficou dois carros atrás dela o caminho todo, evitando ser visto.

Quando a mulher estacionou em sua casa, na vaga de garagem, ela não notou a van vermelha passando e virando à esquerda na quadra.

Ele andou pelo quarteirão, relembrando a rotina da mulher em sua cabeça. Em quinze minutos mais ou menos, ela sairia com seu cachorro – um daqueles estranhos e fofos de raça meio poodle. Isso lhe deu muito tempo. Ele circulou pela quadra e estacionou atrás do carro da mulher. Ela nunca saía pela porta da frente para caminhar com o cachorro, então não iria ver a van vermelha estacionada atrás dela.

Muito cuidadosamente, tirou a pequena garrafa do bolso do casaco, junto com o pano de prato. Ele segurou a respiração enquanto molhava o tecido com o clorofórmio. Quando molhou um pouco, mas o suficiente, saiu da van e começou a atravessar o gramado da mulher como se fosse o dono. Suas mãos estavam nos bolsos, a mão direita segurando o pano.

Ele tinha investigado a casa antes. Sabia que havia um esconderijo perfeito perto da escada na varanda dos fundos. Ele permaneceu perto da casa, do lado, caso a mulher resolvesse olhar pela janela. Quando chegou à varanda na parte de trás, ele se abaixou pelos degraus, pressionando as costas contra a grade de madeira ao longo da parte de trás da varanda.

A sensação de trabalhar como uma máquina sob um sistema que estava fora do seu controle lhe permitiu ser paciente e ficar perfeitamente imóvel. Suas pernas estavam dobradas para que ele pudesse saltar rapidamente quando precisasse. Sua respiração era delicada e lenta. Ele demonstrava paciência, esperando, compreendendo o que estava em jogo ali.

Quatro minutos depois, a porta dos fundos se abriu. Ele pode ouvir o barulho das patas do cachorro enquanto a mulher o conduzia para a porta. Houve uma notável mudança no som quando o cachorro saiu do piso da cozinha para a madeira na varanda dos fundos. A mulher, ele sabia, estaria com seus fones de ouvido, escutando música no iPod—um azul, que ele havia visto várias vezes quando cruzara com ela na rua.

Quando ouviu a primeira passada no degrau, ele se levantou. A mulher ficou chocada e assustada, congelada por um momento. O cachorro também estava apavorado, interrompendo o silêncio com uma série de latidos patéticos. Ele estendeu a mão e agarrou o ombro da jaqueta da mulher. Ele a empurrou para o chão e estava em cima dela antes que ela pudesse gritar. Quando ela conseguiu finalmente abrir a boca, ele imediatamente colocou o pano em sua boca. Ela fez um leve barulho e parou de tentar lutar no mesmo instante. Os olhos dela se arregalaram, alarmados.

Ao lado dela, o cachorro saltou sobre ele, mas não fez nenhum estrago. Foi golpeado com as costas da mão dele, e então pareceu perder o interesse, deixou escapar um pouco de urina antes de subir as escadas da varanda.

O cachorro observou sua dona parando de lutar, sua mão direita caindo em punho. Ela então ficou mole e o homem que a atacou acariciou o lado de seu rosto de uma forma quase que amorosa. Quando o homem se levantou e colocou a mulher em seu ombro, o cachorro permaneceu escondido nas escadas da varanda, soltando um pequeno uivo.

CAPÍTULO VINTE

Avery precisou lembrar a si mesma várias vezes ao longo da tarde de que aquele caso estava, agora, fora de controle. Os álibis de Jimmy Daghty haviam se confirmado, deixando-a na estaca zero mais uma vez. Naquele momento, a única esperança da polícia era de que os peritos pudessem encontrar alguma nova evidência.

Ela odiava sentir que estava de mãos atadas, mas também sabia que aquela era a oportunidade perfeita para colocar suas prioridades em ordem novamente. Avery precisava aprender que era bom ter uma vida fora do trabalho—e aquele momento, com as coisas indo bem com Rose e seu relacionamento com Ramirez quase bom demais para ser verdade, era um bom momento para isso.

Depois de sair do A1 às sete aquela noite, Avery e Ramirez foram para a casa dele e buscaram algumas caixas. Eles estavam com uma alegria quase infantil quando as guardaram no porta malas do carro de Avery e foram ao apartamento dela juntos. Aquele era um momento especial para Avery, porque ela sabia que Rose estaria ali mais tarde. Ela ainda não havia contado para a filha sobre Ramirez ir morar com ela e estava, na verdade, um pouco nervosa com isso. Mas ainda assim... ter os dois juntos era uma ideia que acalmava seu coração.

Tudo pareceu explodir quando os dois chegaram ao apartamento e viram que Rose já estava por lá. Ela estava esperando no carro, sem poder ser incomodada. Rose saiu e os cumprimentou quando eles se aproximaram dos degraus da frente da casa. Ramirez estava carregando duas caixas empilhadas e Avery puxava uma mala atrás dela.

- Ei, pessoal - Rose disse com um sorriso diferente no rosto e um tom diferente de voz. – Então... o que está acontecendo?

- Vamos subir - Avery disse. – Vamos falar sobre isso.

- Ok... – Rose respondeu.

Entretanto, alguma coisa nos olhos de sua filha dizia que Rose havia percebido a novidade antes deles chegarem no elevador. Ao invés de deixar a notícia no ar e criar uma tensão desnecessária, Avery sorriu e disse:

- O que você acha disso?

Rose olhou para Ramirez e deu-lhe um olhar surpreso.

- Então você está se mudando pra cá?

Ele assentiu.

- Sim. Mas se isso for estranho para você por alguma razão, podemos conversar sobre isso.

Meu Deus, Avery pensou, e seu coração poderia explodir. *Ele está mesmo sendo sincero.*

- Não, eu acho incrível - Rose disse. – Isso significa que eu posso parar de me preocupar com ela porque haverá pelo menos um adulto responsável no apartamento.

- Droga - Ramirez disse. – Você acabou de ser zoada, querida.

- Sim... ela age como mãe às vezes – Avery respondeu.

- Que merda - ele disse. – Estou em apuros morando aqui, né? Vocês duas por perto o tempo todo...

- Vamos pegar leve com você - Avery disse.

- No início - Rose completou.

Quando as portas do elevador se abriram e eles saíram com as caixas, os três estavam rindo. Isso fez Avery sentir-se amada... e segura. Tudo parecia estar no caminho certo, como se alguém estivesse escondendo a última peça de um grande quebra-cabeças, que ela acabara de descobrir onde encaixar.

Depois de comerem algumas fatias de pizza e de Ramirez ter colocado suas caixas em um canto do quarto, Rose fez uma pergunta da qual Avery e Ramirez estavam tentando de alguma forma se esquivar. Ela não queria causar nenhum dano com isso, Avery sabia, mas ainda assim era uma pergunta difícil.

- Então, posso ser um pouco metida - Rose disse sorrindo, - mas posso perguntar o que isso significa? Morar juntos é um *passo*. Tem mais passos a frente?

Avery e Ramirez compartilharam um olhar surpreso, mas sorriram.

- Acho que essa é uma conversa que nós precisamos ter entre nós antes de discutir com qualquer outra pessoa - Avery disse.

- Mãe, vamos encarar os fatos, você já não é mais tão jovem. Melhor vocês se decidirem antes que fique tarde demais.

Ramirez soltou uma risada que soou um pouco exagerada para Avery. Ela o cutucou e virou os olhos.

- Você também não é tão novinho - ela o lembrou.

- Mas está tudo bem - Rose disse. – Eu estou feliz por você, mãe. De verdade.

Avery ficou muito feliz em ouvir aquilo de Rose. Menos de um ano atrás, Rose estava enchendo o saco dela para voltar com seu pai, pelo menos dar-lhe uma chance. Avery imaginou de onde vinha essa mudança de atitude. Então, deu-se conta de que em todas suas tentativas de se tornar uma mãe melhor e de tornar Rose uma figura constante em sua vida, as duas não haviam conversado sobre Tom, seu ex, em nenhum momento.

A noite se aproximou e quando eram quase dez da noite, Rose foi para a porta.

- Foi muito divertido - ela disse, - mas a vela está indo agora. Eu ficarei feliz em ajudar a arrumar as coisas.

- Querida, você não é a vela - Avery disse.

- Ela está certa - Ramirez disse. – Na verdade, sou eu quem está sobrando.

Rose sorriu e balançou a cabeça.

- Não senhor. É quase hora de dormir. Quem você acha que a mãe iria preferir quando as luzes forem apagadas? Você ou eu?

- Rose! – Avery disse, envergonhada e um pouco chocada.

- Ai, mãe - Rose riu. – Está tudo bem. Aproveite o que é seu.

Avery não se envergonhava facilmente, mas ela sentiu seu rosto ruborizar.

- Boa noite, Rose - ela disse, balançando a cabeça.

- Boa noite, pombinhos - Rose disse e saiu.

Quando a porta foi fechada, Ramirez disse:

- Essa garota é corajosa.

- Eu sei. E quanto mais nós nos reconectamos, mais eu estou vendo isso. Eu gostaria de dizer que ela pegou isso do pai dela, mas acho que nós dois sabemos que não é o caso.

- Com certeza - Ramirez disse. Ele estava na cozinha, arrumando as caixas de pizza e as louças do jantar. – Ela também é inteligente. Muito inteligente.

Avery assentiu com a cabeça.

- Eu ainda sinto que perdi muito da vida dela.

- Bem, vamos ser honestos - Ramirez disse. – Você perdeu. E isso é uma merda. Mas você fez o que era certo. Você está aqui agora. E ela está gostando muito disso.

Ela se juntou a ele na cozinha e se aproximou dele por trás. Envolveu os braços em torno da cintura dele e colocou a cabeça em suas costas, entre os ombros.

- Obrigada - ela disse.

- Você está bem? – ele perguntou.

- Estou - ela disse. – E você sabe, ela *é* inteligente. Ela sabia quando sair. Talvez ela pudesse sentir no ar.

- Sentir o que?

Ainda o abraçando por trás, Avery lentamente abriu o botão da calça dele.

- Que a mãe dela queria ficar sozinha com seu companheiro. Ou, como ela disse, que sua mãe queria pegar o que é dela.

- Eu te disse - Ramirez disse, virando o rosto com um sorriso malicioso.

– Garota esperta.

Mais tarde, eles sentaram no chão da cozinha, com as costas apoiadas nos armários. Suas roupas estavam empilhadas no chão ao lado deles. Todo o cenário fez Avery se sentir vinte anos mais nova, como aqueles jovens excitados que faziam pactos para fazer sexo em todos os cômodos da casa.

Talvez não seja uma má ideia, ela pensou.

- Acho que eu vou gostar de morar com você - Ramirez disse com um sorriso, um pouco ofegante. Ele se inclinou e beijou seu ombro nu.

- Eu também - ela disse.

- No entanto, tem uma coisa que eu gostaria de dividir com você - ele disse.

- O que é?

- Bem, eu nunca fui casado, mas cheguei muito perto uma vez. Eu sei que nós nunca tivemos essa conversa. E se vamos ficar juntos, acho que é uma parte do meu passado que você precisa saber.

- Ok - ela disse.

- Eu a conheci na faculdade, primeiro ano. Desde o primeiro encontro, ficamos juntos. Não ficava dormindo por aí na faculdade como os caras fazem. Quatro anos na faculdade, mais dois depois, a maioria dos anos que eu estive na academia. Eu comprei um anel e tudo. Eu estava querendo, mas nervoso, sabe? Estava com aquele maldito anel por seis semanas e não

conseguia fazer nada. Mas também foi uma coisa boa. Eu cheguei em casa cedo um dia para surpreendê-la. Estava com o anel, pensando em pedi-la em casamento depois de um bom jantar.

Avery até tentou, mas não conseguiu imaginar Ramirez se ajoelhando. *Muita vulnerabilidade*, ela pensou. *Ele devia ser uma pessoa muito diferente naquela época.*

- Eu acho que sei para onde isso está indo - Avery disse. – E você não precisa terminar se não quiser.

- Ah, tudo bem - ele disse. – Eu não falo sobre isso em voz alta faz tempo. É um tipo de purificação, sabe?

- Sim, eu entendo - ela disse, percebendo que não havia compartilhado com ele sua história do casamento anterior. *Isso vai acontecer logo. Não posso enconder para sempre... especialmente porque ele está vindo morar comigo.*

- Então eu subi para o apartamento, um pouco nervoso porque talvez seria aquela noite, sabe? E... cara, eu pude ouvir antes de ver. E você pode achar que ouvir iria me fazer *não* querer ver, mas eu *tinha* que ver. Parece tolo, né? De qualquer forma, eu entrei no quarto e percebi que estava vindo do chuveiro. A porta do banheiro estava aberta e nós tínhamos box de vidro. Então eu vi tudo. A bunda nua do cara enquanto ele a pegava por trás. E ela estava realmente gostando. Tipo, gostando *mesmo*. Eu fiquei louco. Abri a porta bem quieto e o cara nem sabia o que estava acontecendo até eu pegá-lo pelo ombro e empurrá-lo para fora. Eu dei um soco nele e quando ele caiu no chuveiro, eu empurrei minha namorada para o lado. Eu fiquei todo molhado, mas valeu a pena. Não vou mentir. Ela me puxou para longe dele, para evitar que eu causasse num problema maior. Tenho certeza que quebrei o nariz dele. Talvez até desloquei a mandíbula.

- Como ela reagiu? – Avery perguntou.

Ele encolheu os ombros.

- Não tenho ideia. Eu virei as costas e saí. Nunca mais falei com ela.

- Nenhuma vez? – Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

- Ela tentou me ligar algumas vezes, mas eu não atendi. Eu devolvi o anel e usei o dinheiro para dar entrada num carro novo. Eu ainda tenho o carro, na verdade – ele riu, mas sem humor algum.

História triste, Avery pensou. *Mas isso com certeza explica muita coisa.*

- Obrigada por me contar - ela disse. – Eu sei que há muita coisa que não sabemos sobre o outro. Eu não sei se isso torna tudo mais excitante ou cauteloso.

- Um pouco de cada, eu acho - ele disse.

- Deus... deve ter sido bem difícil.

- Não muito - ele disse. – Dói mais saber que eu poderia provavelmente ter matado aquele cara se ela não tivesse me afastado dele.

- Ainda assim. É muito ruim você ter passado isso.

Ele encolheu os ombros e se inclinou para beijá-la suavemente na boca. Quando ele recuou, eles se olharam nos olhos. Ela sentiu borboletas no estômago.

Talvez agora seja a hora de contar pra ele, ela disse. Tudo sobre Tom e como meu egoísmo e obsessão pela carreira acabaram com tudo.

Ela criou coragem e soltou as primeiras palavras.

Mas foi interrompida imediatamente quando seu telefone começou a tocar atrás deles. Sentindo-se um pouco tola por estar completamente nua na cozinha, Avery se levantou e pegou o telefone no cofá.

- É O'Malley - ela disse.

- Por que os chefes têm que nos ligar depois do sexo? – Ele perguntou.

- Poderia ser pior - ela disse. – Poderia ser *durante*.

Ela atendeu a ligação, sentando no sofá e colocando um lençol em volta dela.

- Ei, O'Malley. O que aconteceu?

- Um terceiro corpo - ele disse. – E este... Meu Deus, você precisa ver.

CAPÍTULO VINTE E UM

Era apenas meia noite quando Avery estacionou na rua oposta à Biblioteca Pública de Boston, sem acreditar em onde estava e no fato de que realmente poderia haver um corpo no centro de Boston. Havia apenas outros dos carros na cena até então, o que fez Avery pensar que Connelly estava tentando deixar a notícia sobre esse corpo o mais escondida possível. Quando ela e Ramirez saíram do carro, não era a biblioteca de Boston que os interessava, mas o pequeno caminho de terra no outro lado da rua. Durante a maior parte do inverno, o lugar servia como um espaço improvisado para artistas. Ultimamente, a cidade vinha utilizando o lugar como um parque de esculturas no gelo.

Ela avistou O'Malley e Finley imediatamente. Eles estavam falando com um homem alto que parecia muito chateado. Eram as únicas três pessoas na área naquele momento. Enquanto Avery e Ramirez se aproximavam daqueles homens, ela rapidamente deu uma olhada nas esculturas ao redor deles: esculturas no gelo de anjos, bonecos de neve, cisnes e até uma do mascote do Red Sox com o taco de beisebol na cabeça.

Mais a frente, havia uma escultura que claramente não deveria estar ali. Era evidente o fato de que estava ali estava envolta em um cobertor – o mesmo tipo de cobertor que era carregado em quase todos os tipos de carros de polícia na cidade. O'Malley, Finley e o homem alto estavam à frente dela. O que quer que o cobertor estivesse cobrindo, tinha cerca de um metro e meio de altura e tinha uma forma achatada.

Avery não perdeu tempo, apressando-se em direção aos três homens.

- O que temos aqui? – Ela perguntou.

- Dê uma rápida olhada embaixo do cobertor e veja você mesma - O'Malley disse.

Avery assim o fez, sem perder nem um segundo para se preparar para o pior. Ela tinha aprendido a muito tempo que se você esperar que algo seja muito ruim, quase nunca isso vai atender suas expectativas. Assim, o crime acaba não parecendo tão grave.

Ela tirou o cobertor e viu uma mulher nua sentada na calçada. Ela estava muito pálida. Seu cabelo tinha pedaços de gelo. Estava sentada com as pernas cruzadas. Os olhos azuis da mulher estavam bem abertos, olhando para frente, em direção à biblioteca do outro lado da rua. Avery demorou

menos de cinco segundos para perceber que a mulher estava sem pelos, como as outras. Penas, braços, região púbica, tudo exceto o cabelo em sua cabeça.

E, como as outras, a mulher era incrivelmente atraente. No entanto, uma coisa era diferente. Essa mulher parecia ser mais velha do que as duas outras garotas. Talvez uns dez ou quinze anos.

Atrás do corpo havia um cavalete construído, muito simples, duas tábuas serradas e pregadas juntas para sustentar ela naquela posição. Uma barra de ferro estava entre elas, no mesmo nível do concreto.

É isso... a prova necessária para determinar que ele vê isso como uma forma de arte, Avery pensou. Ela pode não estar coberta por gelo, mas está exposta a isso – isso é muito claro pelos pedaços de gelo no cabelo dela. E a mostrando assim... ele está esfregando nossos narizes nisso. Sem necessidade de enviar uma de suas belas cartas para premeditar essa vez. Essa é a carta.

Depois de olhar e deixar Ramirez também estudar o corpo, ela o cobriu de novo.

- Por quanto tempo ela está aqui? – Avery perguntou.

Foi o homem alto quem respondeu. Sua voz tremia quando ele falou.

- Não por muito tempo. Eu saí daqui as oito e meia. Foi descoberto por volta de onze e dez.

- Detetive Black - O'Malley disse, - conheça Jonathan Hughes. Ele é um escultor local que tem supervisionado o parque de esculturas de gelo. Ele foi a primeira pessoa para quem nós ligamos quando soubemos sobre o corpo. Ela foi descoberta por um casal que voltava de um bar. Eles resolveram parar para ver as esculturas de gelo e encontraram o corpo. Faz menos de três horas.

- Alguém *tem* que ter visto alguma coisa - Ramirez disse.

- Provavelmente - O'Malley disse. – Mas não recebemos nenhuma ligação. Só este casal.

- Nós temos a identidade? – Avery perguntou.

- Sim. E foi o Sr. Hugher aqui que nos falou. A mulher sobre o cobertor é Carolyn Rodgers, vice-presidente da Sociedade Histórica de Boston e modelo nas horas vagas.

- Nas horas vagas? – Avery perguntou.

- Ela fez alguns comerciais, alguns anúncios impressos, um vídeo clipe para um cantor de música country. Um monte de gente sabe quem ela é – o

que significa que esse corpo é de uma figura pública. Então eu adoraria resolver isso antes que a mídia saiba de tudo.

Avery olhou em volta da pequena escultura de gelo e viu que a única coisa que eles tinham em mente é que o corpo não podia ser visto da rua. No entanto, vendo a biblioteca do outro lado da rua, teve uma ideia. A Igreja de Old South também estava no lado oposto. Uma bela obra arquitetônica que trouxe um estalo a sua mente.

- Finley, você pode fazer algumas ligações para ver com quem precisamos falar para acessar as câmeras de segurança da biblioteca e da Igreja Old South? Você vai irritar algumas pessoas por ligar tão tarde, mas nós precisamos estar com as filmagens em, no máximo, uma hora.

- Eu não vejo como alguém poderia ter feito isso sem alguém notar algo suspeito. – Jonathan Hughes disse.

O clima frio justifica grandes casacos e tocas, ela pensou. Um ótimo disfarce...

- Está frio e é um parque de esculturas no gelo - Avery disse. – Se alguém viu uma pessoa entrando aqui com algum tipo de pacote – mesmo se for grande o suficiente para ser um corpo humano – não sei se daria para perceber que isso seria suspeito. Nós podemos conseguir algumas respostas se conseguirmos alguma coisa das filmagens da biblioteca.

- Deixe comigo - Finley disse, pegando o telefone.

Avery segurou um suspiro e virou para olhar a pequena área que compunha o jardim de esculturas. A essa hora da noite em um domingo, teria sido quase impossível para o assassino colocar um corpo ali sem ninguém ver.

Ele é ousado. Ele é corajoso de uma forma mórbida. Se não o pegarmos logo, isso vai ficar muito desagradável.

Claro, as pessoas também não sabiam que era um corpo que o assassino estava carregando – mas alguém naquele período de três horas deveria ter visto *alguma coisa*. Por enquanto, sua única esperança era encontrar alguma coisa nas câmeras de segurança da biblioteca.

Olhando em volta para as belas esculturas na presença daquele corpo era estranho, Avery finalmente suspirou. E estremeceu.

Seria outra noite longa.

Quarenta minutos depois, Avery e Ramirez estavam sentados em uma pequena sala com uma mulher de meia idade na Biblioteca Pública de Boston. A mulher era Jessie Nelson, bibliotecária principal e, aparentemente, a única que conhecia o sistema de segurança além da empresa que o instalou – e que não conseguiria enviar ninguém para encontrar Avery até o meio dia do dia seguinte.

Jessie era o mais útil possíveis, mesmo tendo seu sono interrompido depois da meia noite. Ela estava feliz em ajudar, e mostrou uma atitude de preocupação quando clicou e percorreu o caminho através da filmagem entre oito horas e onze e quinze daquela noite.

Imediatamente, Avery notou algo desanimador: as câmeras de segurança de fora da biblioteca não eram capazes de capturar todo o cenário do outro lado da rua. Cerca de um quarto do lado esquerdo do parque de esculturas estava cortado. Ainda assim, a pequena parte da calçada onde Carolyn Rodgers estava podia ser bem visto.

Como Avery esperava, o fluxo de pedestres diminuiu por volta das nove horas e zerou às dez.

- Ok - Avery disse nos ombros de Jessie. – Agora, eu quero que você pare, por favor, e deixe andar em tempo real cada vez que alguém vier ao parque de esculturas entre dez horas e quando eu e Ramirez chegamos.

- Entendi - Jessie disse, avançando rapidamente a filmagem. Ela parou quando duas pessoas estavam andando às dez e seis. Os dois eram claramente um casal jovem, caminhando próximos de mãos dadas. Eles caminharam pelas esculturas sem passar pelo pequeno parque e continuaram pela rua.

Uma pessoa sozinha caminhou às dez e onze e, embora tenha andado pelo parque, ele não estava carregando nada. Ainda assim, Avery disse para Jessie diminuir a velocidade da imagem. Eles viram o homem entrar e então sair pelo lado cortado na câmera.

Outra pessoa passou seis minutos depois, e um grupo de cinco pessoas que eram obviamente estudantes universitárias passaram três minutos mais tarde. Jessie voltou a acelerar, sentando na ponta de sua cadeira.

Em seguida, às dez e trinta e nove, alguém entrou na cena. Ele não estava tentando ser discreto. Era uma figura que usava um casaco grosso. O capuz foi puxado para cima e quando entrou na tela, ele estava olhando para a rua. Para se esconder ou porque estava fazendo força para puxar o

carrinho de metal que trazia. Havia uma grande caixa de madeira no carrinho, balançando na borda.

- Puta merda - Ramirez disse.

- Volte para onde ele entra e diminua a velocidade, por favor - Avery disse.

Jessie fez o que ela pediu. Observaram como a figura encapuzda entrava lentamente no quadro, puxando a caixa atrás de si. Entrou no parque de esculturas como se pertencesse àquele lugar, manobrando através das esculturas e indo diretamente para um ponto vazio perto da parte de trás, onde Avery havia visto o corpo de Carolyn Rodgers menos de uma hora atrás.

A figura parou naquele ponto exato e descarregou a caixa do carrinho. Deu uma rápida olhada ao redor e então abriu a caixa. Como Avery esperava, o corpo de Carolyn Rodgers estava dentro. A figura permaneceu de costas para a câmera, enquanto tirava a escultura mórbida da caixa e arrumava nas tábuas improvisadas.

Todo o processo levou cerca de dois minutos. Naquele período, ninguém mais passou por ali. A figura de repente se levantou, carregando a caixa no carrinho. Ele então afastou-se da cena, puxando o carrinho como se fosse um momento normal. Como em um filme, ele caminhou, saiu pela esquerda e desapareceu da tela.

- Você consegue identificar algo do rosto? – Ramirez perguntou.

- Não. Jessie, você pode repetir para nós, talvez um pouco mais devagar?

Eles assistiram novamente a filmagem e viram duas ocasiões em que o rosto do assassino estava virado para a câmera. Na primeira vez, o capuz e a sombra se espalhavam pelo rosto e encobriam a maior parte da face. O que se podia ver era o lado inferior esquerdo do rosto do assassino. O segundo momento era um pouco mais promissor, mas ainda não o suficiente; o forro macio do casaco escondia a maior parte do rosto do assassino, mas ainda assim mostrava um olho, a forma do nariz e o resto do lábio inferior.

- Pause, por favor - Avery disse. – E você pode imprimir isso para nós?

Jessie clicou alguns comandos e disse:

- Imprimindo agora.

Ela então se levantou de trás da mesa e foi para o outro lado da sala, onde uma impressora estava imprimindo a foto.

- Não importa quão louco ele é - Ramirez disse. – Colocar um corpo num lugar público desses... é ser muito descarado.

- É - Avery disse. – E isso também me assusta. Se nosso assassino é corajoso o suficiente para fazer algo assim, não tenho certeza que tem algo que ele *não faria*.

Naquele momento, o telefone dela tocou. Finley estava do outro lado da linha e ele parecia tão derrotado quanto Avery estava se sentindo.

- Conseguiu alguma coisa? – Avery perguntou.

- Não - Finley disse. – Estou aqui na Igreja Old South com o cara da segurança. Nenhuma das câmeras deles vai longe o suficiente para pegar uma foto clara do parque das esculturas. Podemos ver sombras de pessoas quando elas saem, mas muito mal. Não há nada de útil aqui.

- Obrigada por tentar - Avery disse, desligando e olhando para a tela em sua frente. Sua concentração foi quebrada quando Jessie voltou com a cópia impressa do homem da filmagem.

- Obrigada - Avery disse, distraída.

Ela olhou para o rosto sombrio na foto. Foi lentamente dominada por uma sensação de medo. Era frustrante saber que, embora esse fosse provavelmente seu assassino, a foto não revelava seu rosto. Com isso, Avery sentiu como se estivesse dentro da imagem, com o bastardo sorrindo para ela.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Avery havia conseguido tirar uma soneca rápida em uma das salas de descanso do A1, cochilando e desligando totalmente por mais ou menos duas horas. Quando voltou para o seu escritório, cerca de seis e meia da manhã, o lugar parecia um hospício. As notícias já estavam na televisão e a imprensa já estava montando acampamento nos estacionamentos e nas ruas em volta do prédio.

Em algum momento entre as duas e as seis e meia da manhã, a imprensa conseguiu descobrir a identidade da última vítima – o corpo que havia sido colocado como uma escultura. Como Jonathan Hughes, o superintendente e curador do pequeno parque insistira em sua inocência, a polícia supôs que o casal que havia descoberto o corpo vazara a notícia para a imprensa, provavelmente ganhando uma boa quantia de dinheiro.

A foto em preto e branco que ela e Ramirez conseguiu na biblioteca havia passado por todos no A1, mas cada um que a olhava acabava se desapontando. Mesmo quando foi ampliada e limpa por alguns especialistas no andar de baixo do esquadrão, era impossível descobrir a identidade real dele. Tudo o que tinham para procurar era um casaco escuro, provavelmente preto. Não era necessário dizer que essa característica era mais do que comum no inverno de Boston.

Avery se dirigiu rapidamente ao banheiro, colocou água fria em seu rosto, e fez o que pode para dar uma ajeitada no cabelo. Então foi direto para a cafeteira, encheu uma caneca e bebeu imediatamente o café preto e quente. Mal havia dado o primeiro gole quando Connelly se aproximou dela como se estivessem magnetizados.

Ele nem sequer perguntou se eles poderiam conversar em privado. Ele simplesmente a encurralou, embora não de maneira hostil. Ele falou calmamente e ela podia ver, pelo olhar, que ele também estava cansado.

- Desculpe por não estar no parque de esculturas de gelo - ele disse. – Apenas para você saber, eu não estava lá porque eu estava no telefone com a polícia estadual e os federais. Há um papo sério sobre o FBI se envolver nisso. E, meu Deus, eu realmente não quero que isso aconteça. Me ajude, Black. Esse novo corpo nos dá mais detalhes ou insights sobre este caso?

- Além do fato dele ser corajoso pra caramba? Eu receio que não. Isso *solidifica* minha teoria de que, no entanto, isso tudo pode ser alguma forma

obscura de arte pra ele.

- Isso não me faz me sentir nem um pouco melhor - Connelly disse. – Outra coisa que não me faz sentir nada melhor é que, se os federais quiserem entrar nisso, eu vou ter deixar sem queixas. Eu também tiraria você do caso.

- O que? Por que você faria isso?

- Porque eu não quero que minha futura sargento assuma a posição no meio de um caso assim. Seria ruim pra você e todo o A1.

Ela queria discutir, mas sabia que ele estava certo. Ela também sabia que a bagunça relacionada à mídia envolvendo Carolyn Rodgers praticamente obrigou o FBI a entrar no caso. Provavelmente isso aconteceria em menos de um dia. Se outra daquelas malditas cartas chegasse, poderia ser ainda mais cedo.

- Mais uma coisa - Connelly disse. – Como Carolyn Rodgers era um tipo de pessoa pública, o prefeito está botando o focinho nisso. Entre nós, eu acho que ele quer manter o FBI longe. Então, embora não seja segredo que ele não é o seu maior fã, ele sabe que você é a melhor que eu tenho. Vamos tentar mantê-lo o mais feliz possível, ok? Mas se o assunto aparecer num futuro próximo, vamos fingir que essa conversa não foi tão doce quanto foi. Eu deveria te fazer chorar.

- Pedido do prefeito?

Ele assentiu, sonolento.

- Isso está uma bagunça, Avery. Veja o que você pode fazer para manter o FBI longe daqui, tá? Vamos resolver isso e te levar pra posição de sargento com uma vitória.

Parece bom, ela pensou enquanto assentiu com a cabeça. Mas esse babaca está se safando, parece tão liso quanto o gelo pelo qual ele parece ser obcecado.

Avery saiu daquela conversa estranha e foi para seu escritório. Ela fechou a porta, ligou seu notebook e olhou para os arquivos em sua mesa. Em algum momento durante o seu descanso de duas horas de sono, alguém da recepção havia entregado um arquivo de Carolyn Rodgers para acompanhar os arquivos de Sophie Lentz e Patty Dearborne.

Avery espalhou todo o material em sua mesa. Ela então selecionou as informações pertinentes de cada um e escreveu tudo em seu quadro branco. Raramente ela o usava, mas tempos drásticos exigiam medidas drásticas. Ela listou pontos chave sobre cada mulher, junto com a localização de cada corpo. Conectou os pontos o máximo que pode enquanto seu cérebro se mostrava esgotado.

Mulheres pequenas. Sem muito mais em comum – sem antecedentes, nem cor de cabelo, nem cor dos olhos, nada. Nenhuma conexão conhecida entre as vítimas em termo de família ou empregos. Nenhum sinal de abuso sexual. Pele clara, como se ele tivesse polido elas. Ele queria que elas tivessem uma boa aparência, mas ele também queria a pele fria, gelada, quase azul.

- Mas por quê? – ela disse em voz alta.

Ela levou um tempo para realmente analisar os arquivos de Carolyn Rodgers. A vítima tinha trinta e seis anos, a mais velha entre as três. Então, a idade não era uma coisa que as vítimas tinham em comum. Ainda assim, Carolyn parecia bem nova, o tipo de mulher de quase quarenta que poderia facilmente passar por trinta ou talvez até vinte e cinco em um dia bom. Ela era vice-presidente da Sociedade Histórica de Boston, mas Avery duvidava que isso atrairia o assassino. Era provável que o chamariz fosse seu trabalho de modelo, cujo alguns estavam em seu arquivo. Carolyn tinha um olhar sensual, um par de olhos sedutores.

Se o gelo é simbólico de alguma forma, mesmo que o assassino não saiba disso, como ele o veria? Por que o frio? Se o assassino tem alguma coisa contra mulheres, talvez ele correlacione os dois - mulheres e o gelo. Talvez algo sobre corações congelados? Ou talvez...

Uma ideia surgiu nela então, uma ideia que havia aparecido em seu cérebro logo após Patty Dearborne ter sido encontrada no rio Charles. Era uma ideia que aparecera de leve e então desaparecera completamente depois que a primeira carta apareceu.

Ele não está apresentando eles apenas congeladas, mas limpas também. Meticulosamente cuidadas. Ele está congelando elas para preservá-las? Talvez ele está tentando congelar a beleza ou alguma coisa desse tipo, tentando capturar isso como uma forma de arte. E se for o caso...

- ... então esse é o motivo. – ela disse, novamente em voz alta. – É loucura, mas seria uma forma de motivação.

Ok, então se for arte, por que o rio Charles? Por que o reservatório?

Ela sentiu que poderia haver pistas em potencial agora... se ela se aproximasse da mentalidade do assassino com esse ponto de vista distorcido. Se ela visse os locais dos primeiros corpos como telas em branco, tinha que haver uma inspiração atrás disso. E agora com Carolyn Rodgers exibida como uma verdadeira obra de arte, estavam abertas também outras possibilidades.

Ainda pensando, Avery engoliu o último gole de sua xícara de café e ligou para Ramirez. Ele atendeu no primeiro toque.

- Ei - ele disse. – Eu ia parar no seu escritório, mas a porta estava fechada. E como você nunca fecha a porta...

- Eu sei, eu sei - ela disse. – Você está aqui na sede agora?

- Sim - ele disse. – Trabalhando com um dos caras do perfil para ver o que nós podemos juntar a partir dessa foto da biblioteca. Até agora, não temos nada bom.

- Olha, você pode fazer uma coisa pra mim? Eu preciso que você descubra se existe alguma escola de escultura no gelo. Ou talvez apenas algumas aulas para a comunidade, alguma coisa do tipo. Veja se você pode encontrar isso e uma lista de alunos problemáticos. Alguma coisa estranha ou fora do comum.

- Sim, posso fazer isso - ele disse. – O que está rolando?

- Eu vou voltar para o Reservatório Fresh Pond - ela disse. – Acho que tenho uma nova visão para tentar enxergar como esse cara. Também gostaria de dar uma olhada no cenário à luz do dia.

- Quer companhia? – Ele perguntou.

- Eu agradeço, mas não, obrigada. Não agora. Preciso manter minha cabeça limpa.

- Você está querendo dizer que eu a sujo? – Ele perguntou num tom sarcástico.

- Sempre. Ligue para mim com as informações sobre escolas de esculturas quando você tiver alguma coisa e então podemos nos encontrar.

- Parece um bom plano. Seja cuidadosa.

- Você sabe que eu sou - ela disse, desligando.

Ela olhou de volta para o quadro branco, absorvendo tudo. Quando sentiu que tinha compreendido tudo, saiu. Antes de sair do prédio e passar pela multidão da mídia no caminho até seu carro, parou para outra xícara de café. Não apenas pelo frio que fazia lá fora, mas também pelas únicas duas

horas de sono. Já eram sete e trinta e cinco e ela sabia que aquele seria um dia muito longo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O Reservatório Fresh Pond era um lugar totalmente diferente à luz do dia. À noite, parecia gótico, de uma maneira estranha; à luz do dia, entretanto, parecia tanto industrial como qualquer lugar esquecido. O sol da manhã brilhava suavemente na água gelada, criando uma série de brilhos que poderiam até parecer bonitos em uma outra situação.

Avery dirigiu ao redor do local, diminuindo a velocidade onde Sophie Lentz havia sido encontrada. De imediato, ela teve certeza de que não havia nada especial sobre o lugar, além do fato de o assassino ter colocado o corpo no gelo. Por uma razão ou outra, o assassino sabia sobre o lugar e imaginou que o mesmo estaria quase todo congelado. Já que não haviam muitos corpos congelados na água, Avery novamente teve certeza de que o assassino queria que suas pequenas obras de arte fossem encontradas.

Perto da parte de trás do reservatório, ao lado de um pequeno edifício e umas pequenas bombas conectadas a outras máquinas que Avery não reconheceu, ela viu um único veículo. Havia etiquetas da cidade no para-brisas, indicando a quem ele pertencia. Além disso, dada a quantidade de gelo no para-brisa, era aparente que o veículo já estava ali por algum tempo.

Ela se virou e voltou ao lugar onde o corpo de Sophie Lentz fora encontrado. No lado direito da estrada, havia um pequeno caminho de terra marcado por postes e cabos, bloqueando o acesso. Ela estacionou e saiu do carro, olhando para o outro lado da estrada. Um pequeno bosque de árvores separava a estrada do cimento íngreme que dava acesso ao reservatório.

Ela caminhou para o bosque de árvores e olhou do outro lado do gelo. Brilhava com o sol da manhã, jogando raios no ar. Estava tudo muito quieto, e o silêncio era quebrado apenas pelo som ambiente de bombas e máquinas em algum lugar ali perto.

É sempre assim quieto? O assassino poderia saber disso... da mesma forma que ele sabia que o parque de esculturas de gelo estaria vazio quando ele foi. Daughtry até disse que para jogar um corpo, você teria que conhecer esse caminho aqui. Olhando pelo caminho de terra, eu certamente iria por ali.

Observando seu pé, Avery começou a descer o pequeno morro que segurava o bosque de árvores. Depois de muitos metros, ela passou das árvores. Encontrou uma barreira sob o solo, a última linha de defesa entre o

solo e o reservatório. Ela subiu naquilo e olhou através da água congelada. Eram setenta e cinco metros de diâmetro, e o gelo parecia uma folha branca cintilante.

Enquanto olhava para a esquerda, de volta ao caminho de onde viera, ela viu um homem de pé na borda de concreto. Ele ficou imóvel, olhando através do gelo para o outro lado. Avery não pensou nada a princípio, mas então viu que ele estava com um casaco escuro. Um casaco escuro de nylon com um grande capuz.

Ela pegou seu telefone, pronta para chamar reforço por conta do suspeito a cerca de meio metro de distância da cena do crime. Mas ela queria ter certeza antes de fazer suposições. A última coisa que ela precisava agora – com o prefeito envolvido, a mídia em frenesi, e o FBI de olho no caso – era tomar uma decisão errada. Ela acelerou um pouco, indo para a entrada do terreno, onde havia uma estrada lateral pequena que levava à rodovia principal.

Avery não tinha ideia de como aquela pessoa havia chegado no reservatório. Não havia permissão para carros nos lados das rodovias e no pequeno bosque de árvores entre a parte direita da estrada e o reservatório gelado. Se esse cara havia chegado ali, ele precisava ter caminhado de algum lugar próximo, já que ela não havia visto outros veículos estacionados ao longo da estrada. Isso, ela sabia, era provavelmente uma indicação de que ele era algum funcionário que conhecia o terreno muito mais do que ela.

Ela caminhou para a beirada de concreto e olhou pelo gelo. Estava olhando para a direita, onde estivera alguns dias atrás. Examinou a área e quando olhou para a esquerda, viu a figura novamente. Mais perto dele agora, ela podia ver que a pessoa estava vestida com um casaco preto com o capuz levantado. A altura a fez pensar que era um homem, mas era difícil ter certeza. Ele estava a vinte e cinco metros dela e ainda não tinha a notado. Ele parecia estar distante, olhando pelo gelo, pensativo.

Avery se aproximou lentamente, caminhando pela calçada de concreto que era a borda do reservatório. Ela teve que caminhar com cuidado, já que havia uma boa quantidade de gelo no cimento. Ela quase gritou para ele, mas se ele fosse mesmo alguém perigoso, ela não queria alarmá-lo.

Mas Avery não precisou se preocupar com isso. Em segundos, o homem virou na direção dela. O tecido do capuz a fez lembrar o mesmo das

filmagens das câmeras de segurança. Ela viu a boca baixa e o queixo fino. Dessa vez, no entanto, ela também pode ver os olhos dele.

E aqueles olhos pareciam alarmados.

Mais do que alarmados, ela pensou. *Ele está com medo. Chocado, até mesmo...*

- Um segundo, por favor - Avery disse, ainda caminhando. – Meu nome é Avery Bl—

Antes que ela pudesse falar seu nome, o homem se virou e correu. Ele era incrivelmente rápido, correu para frente e depois para fora da borda e para cima, através do pequeno bosque de árvores. Era evidente que ele estivera ali várias vezes e era acostumado com a paisagem. Ele estava no corrimão antes que Avery pudesse pegar velocidade. Ela se inclinou em direção à extensão de terra onde ficava o corrimão, esperando para-lo. Ela pegou a arma. Não queria atirar, mas estava bem preparada caso precisasse.

Foi quando seu pé direito pisou em um pedaço de gelo na borda de concreto. Ela estava indo muito rápido para conseguir se equilibrar. Seu pé escorregou, seguido do esquerdo. Ela ficou no ar por um momento e antes que pudesse se preocupar onde iria cair, sentiu o gelo fino nas suas costas e então tudo ficou gelado, quando caiu na água gelada do reservatório.

A sensação inicial era de facadas – milhares de pequenas facas a cortando. Sua respiração pareceu congelar seus pulmões, mas seus músculos, por outro lado, estavam trabalhando bastante. Ela começou a nadar para a superfície imediatamente, enquanto a dor inimaginável da água gelada continuava a esfaquea-la.

Avery alcançou a borda de concreto e se arrastou para fora. Ela mal podia sentir as mãos tinha dificuldades para respirar. Olhou para o último lugar em que havia visto o homem, mas ele não estava mais lá. Com o barulho dos seus dentes batendo, Avery se obrigou a ficar em pé. Ela tentou correr, mas tropeçou no início. Levou alguns passos até que ela pudesse arrancar e então correr. Enquanto isso, ela tremia e sentia calafrios, se sentindo mais envergonhada que qualquer outra coisa. Mas, meu Deus, aquele frio era indescritível.

Quando começou a voltar para o bosque de árvores, Avery percebeu que provavelmente não alcançaria o cara. Ela ouviu uma ligeira agitação à frente em algum lugar na floresta, mas não pode identificar onde. Tentou o que podia para seguir aquele som, que notavelmente vinhada terra gelada e

do frio da manhã. Na verdade, seus próprios tremores e o barulho dos seus dentes eram os ruídos mais altos que podia escutar.

Ela atravessou as árvores e subiu o pequeno morro, se perguntando se havia batido a cabeça mais forte do que imaginava. Ela estava tonta e lutando para respirar. Estava tão desorientada que quase esbarrou em uma árvore. Ela tropeçou e caiu de joelhos. Levantou-se na mesma hora e, então, não conseguiu mais ouvir o barulho do homem caminhando pela floresta.

Merda, ela pensou. Ele voltou para a rodovia. Eu tenho que chegar até ele antes dele chegar até o carro dele – se é que ele trouxe um.

Ela lutou contra o frio, abrindo e fechando os punhos e tentando manter as pernas em constante movimento. Enquanto seu corpo recuperava o calor, ela pegou sua arma. Havia puxado a mesma logo que entrou no bosque de árvores, mas fora incapaz de mantê-la firme por causa dos tremores. Ela estava de pé na área ao lado da rodovia e, embora olhasse para os dois lados, aquela figura estava longe de ser encontrada.

Avery levou um momento para pensar em suas opções, plenamente consciente da importância delas. Ela podia ter uma chance e continuar a busca a pé, sem ter certeza da direção que ele foi. Ou poderia voltar para o carro e dirigir nos dois sentidos da rodovia, esperando vê-lo.

Ele tem que ter um carro perto. E ele se alcançar o carro enquanto eu estiver a pé, não vou conseguir pega-lo.

Com essa certeza na cabeça, ela correu de volta para o carro. Pode finalmente respirar normalmente e embora o ar estivesse gelado, o choque de ter caído na água parecia estar passando lentamente. Ela correu de volta para o local onde havia estacionado seu carro e o ligou. Atrapalhou-se com os controles do aquecedor, fazendo sair dali uma rajada forte de vento.

Quando entrou na rodovia, Avery começou a olhar para a direção em que achava que o homem havia corrido. De novo, ela estava na dúvida: deveria dirigir devagar para ter certeza que o veria ou acelerar esperando pega-lo se ele já estivesse mais à frente na rodovia?

Depois de cerca de dois quilômetros e meio na estrada, ela chegou ao fim da rodovia onde estava a pequena estação das bombas. Os dois caminhões que ela havia visto mais cedo estavam ali, mas não havia um terceiro veículo. Ela viu outra pequena estrada nos fundos do terreno, a maior parte escondida por árvores. Já que não havia visto nenhum outro veículo passando por ela, imaginou que o homem poderia ter escapado por essa estrada.

Ela seguiu indo rápido, levantando o cascalho congelado. Quando chegou na estrada, pegou seu telefone, agradecendo o fato de que o Al gastara com capas caras a prova d'água. Conseguindo ter um pouco de controle em seus dedos, abriu o GPS. Ela não tinha ideia de onde essa estrada a levaria e queria ter algum tipo de ideia; se o homem que ela estava buscando conhecia tudo, ele estava provavelmente muito à frente dela agora. Enquanto andava na rodovia, viu o mapa na tela do telefone. Dois quilômetros mais ou menos a frente, havia uma intersecção em T. Qualquer uma dessas rotas levava para outras intersecções, uma das quais levava a uma rota principal que era o caminho de volta para Boston.

Ela acelerou pela primeira intersecção, chegando a cento e dez na rodovia desconhecida. Percebeu que não tinha como o cara estar a mais de trinta segundos a frente dela. Mesmo que ele conhecesse bem a rodovia, ainda assim ela tinha chances de alcançá-lo.

Ela chegou na intersecção em T e levou um momento para decidir o próximo passo. O mapa do GPS mostrava que a direita a levaria a uma série de estradas que eventualmente a levariam cerca de seis quilômetros longe da rodovia interestadual. A esquerda a levava a mais rotas que direcionavam de volta para Boston. E esse assassino parecia não ter nenhum local de interesse... então era impossível dizer.

Merda, ela pensou, decidindo virar à direita na esperança de que o cara tivesse pegado rotas de volta tentando enganá-la.

Ela dirigiu pelas estradas por quinze minutos. Passou por apenas dois carros no caminho, um deles sendo um caminhão, provavelmente dirigindo para a estação das bombas. O outro era um carro pequeno dirigido por uma mulher idosa que olhava para fora pelo volante. Quando Avery viu placas apontando para a rodovia interestadual, ela entendeu que o havia perdido.

Ela parou na placa de pare no final da rodovia interestadual por alguns segundos, deixando a frustração invadi-la. Ela teria que ligar para Connelly e contar para ele. E ela não tinha garantias de que o homem que ela perseguira era o assassino. Apenas o casaco era o mesmo e ele havia corrido quando ela tentou se aproximar.

Era ele, ela pensou. *Era o nosso cara*.

Ela bateu a mão no volante com raiva. Uma dor maçante correu por seu braço, a fazendo lembrar do seu tombo no reservatório. Ela se dirigiu para a interestadual e segurou seu telefone, imaginando como explicaria tudo aquilo para Connelly e O'Malley.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Ela estava na rodovia interestadual, voltando para o A1, ouvindo o silêncio pesado no telefone. Ela acabara de contar a Connelly sobre o incidente com gelo no reservatório. Ela lembrou da bondade dele naquela manhã, quando ele não fez o que o prefeito pedira. Ela imaginou se aquele era mesmo Connelly que ela falava naquele momento.

- Mas não há nenhuma garantia de que era ele? – Connelly perguntou.

- Não. Mas o casaco bate com o da filmagem. E se fosse um empregado ou algum cara do estado, ele não iria correr.

Avery já não estava tremendo tanto. O aquecedor estava funcionando, mas ela estava sonhando com uma parada em sua casa, um banho quente e tirar aquela roupa úmida e gelada.

- Você viu o rosto dele... seria o suficiente para reconhecer em uma gravação?

- Talvez - ela disse, trazendo o rosto quase que escondido em sua mente. – Seria um bem difícil.

- Bem difícil é melhor do que impossível - ele disse. – Você está bem?

- Sim - Avery respondeu. Ela não queria admitir o quão sem graça se sentia por ter caído na água gelada. Sua cabeça estava melhor agora e o frio quase paralisante fora embora, mas ela ainda se sentia um pouco fraca. – Olha, pode ser um desperdício de recursos, mas se eu lhe enviar as coordenadas das áreas onde ele pode ter andando, talvez valeria a pena colocar alguns caras para verificar a área.

- Buscar o que? Um homem alto de casaco?

- Você está certo, - ela disse. – É que—

O telefone tocou em sua orelha, indicando outra ligação. Ela checou a tela e viu que era Ramirez.

- Ei, Ramirez está ligando - ela falou para Connelly. – Me deixe atendê-lo. Pode ser alguma potencial pista.

- Claro - Connelly disse. – Qualquer coisa para acabar com esse pesadelo.

Ela terminou a ligação e atendeu Ramirez. Com tudo o que acabara de acontecer, era bom ouvir a voz dele.

- Por favor, me diga que você tem alguma coisa - ela disse.

- Eu tenho, na verdade. Algo que, no mínimo, vale a pena conferir. Então, não há escolas de esculturas no gelo no estado. De fato, pelo que eu vejo, há apenas três escolas no país que são especializadas nisso. É um tipo de curso técnico. Mas eu encontrei um instrutor que deu um curso intensivo de esculturas no gelo algumas vezes numa universidade comunitária na cidade. Eu liguei para ele e ele está nos esperando. Então eu acho que você poderia me pegar aqui na sede e nós podemos ir para lá juntos.

- Você é incrível, Ramirez. Mas espere um pouco. Eu preciso parar no apartamento.

- Por que? O que aconteceu?

Ela suspirou e disse:

- Te conto depois.

Avery encerrou a ligação, se sentindo agitada e cansada ao mesmo tempo. Ela olhou para o relógio e viu que não era nem nove e meia. *Meu Deus*, ela pensou. *Esse vai ser mesmo um dia longo.*

O nome do instrutor era Gene Kirkpatrick e ele trabalhava em um desgastado, mas pequeno e excêntrico estúdio em South End. Depois de Avery tocar a campainha da frente, Kirkpatrick abriu seu escritório. Avery e Ramirez pegaram um velho elevador de carga até a área de trabalho. Enquanto subiam lentamente, Ramirez revirou os olhos e fez um barulho de nojo.

- Alguma coisa errada? – Avery perguntou.

- Pessoas artísticas - ele disse. – Faz sentido que um cara que faz anjos e cisnes de gelo trabalhe em um estúdio com um elevador velho de carga.

- Se sentindo sufocado? – Ela perguntou, tentando brincar e manter as coisas animadas. Mas ela estava cansada. Ter Ramirez ao lado ajudava um pouco, mas não era o suficiente.

O elevador parou e Ramirez abriu a velha porta de madeira, revelando um estúdio espaçoso, cheio de velhas tábuas de madeira, caixotes, várias telas e duas janelas enormes que deixavam a luz natural entrar. Kirkpatrick estava em pé atrás de uma pequena mesa de madeira, servindo uma xícara de café. Ele usava calça jeans e uma camiseta branca manchada. Sua cabeça estava raspada, mas ele tinha uma longa barba que ia até o peito.

- Detetives - ele disse. – Bom dia. Acabei de preparar café fresco. Posso lhes oferecer um pouco?

- Por favor - Avery disse, mal esperando um segundo inteiro para responder. Ela retomou a postura profissional ao se aproximar da mesa.

- Sr. Kirkpatrick, eu sou a detective Avery Black e esse é meu parceiro, detetive Ramirez. Estamos aqui para perguntar sobre as aulas que você deu na universidade comunitária local.

- Sim, foi o que o detetive Ramirez me falou no telefone - Kirkpatrick disse. – Eu ficarei feliz em ajudar no que eu puder.

Não havia cadeiras naquele espaço, então quando Avery aceitou a xícara de café de Kirkpatrick, ela simplesmente se enconstou na mesa e deu uma olhada em volta. Havia esboços em toda parte e o lugar tinha um cheiro de madeira recém serrada e tinta. Aparentemente Kirkpatrick fazia muito mais do que apenas esculturas no gelo.

- Primeiramente, eu acho que devo começar perguntando quantas aulas você dá por ano? – Avery disse.

- Varia - Kirkpatrick respondeu. – Na maioria dos anos eu dou uma ou duas aulas por semestre. Uma dessas aulas é sempre de esculturas no gelo.

- E atualmente você está dando alguma aula? – Avery perguntou.

- Não, mas vou começar outra em duas semanas.

- Quantos alunos você diria que tem nas suas aulas?

- Eu tenho um número grande nas aulas de trabalhos com madeira.

Esses programas de TV mostram pessoas que acham que podem fazer qualquer coisa muito fácil - ele disse, com um estralo nos dedos. – De vez em quando eu tenho aulas de cerâmica também – mais ou menos trinta alunos. Já para as aulas de escultura no gelo, geralmente são turmas pequenas. Oito a dez alunos.

- Então você diria que seria fácil lembrar os alunos da aula de escultura no gelo?

- Claro. Escultura no gelo... eu não sei. É preciso de um tipo de elegância, mas também uma mentalidade corajosa. Cada marca esculpida que você faz é importante. Não tem como apagar, nem remover os erros como com o barro.

- E nos últimos anos, teve algum estudante que você lembra de ser instável? Um estudante problemático ou apenas alguém com quem você não se sentia confortável?

Kirkpatrick riu e acenou com a cabeça. Enquanto soltava um suspiro, Avery engoliu mais um pouco do café. Era bem forte, quase amargo, mas era exatamente o que ela precisava.

- Bem, eu tenho dado essa aula apenas nos últimos três anos. Mas em um desses três anos, eu só tive problemas com um aluno... o que é engraçado porque ele só foi lá em uma aula, tecnicamente. Era um cara que veio e apenas... eu não sei... era *louco* com tudo. Inicialmente, ele mostrou comprometimento – habilidade real. Mas então, do nada, exagerou com a talhadeira e o martelo. Ele destruiu sua escultura. E quando terminou, começou a gritar e atacar o trabalho dos outros também. Eu tive que chamar a segurança do campus para removê-lo. Ele voltou na aula seguinte, mas eu não permiti que ele participasse. Olha, o departamento de admissões olhou os arquivos dele e encontraram um histórico criminal que incluía tentativa de agressão sexual. Então a segurança o mandou embora. Ele nunca voltou, mas enviou uma carta desagradável alguns dias depois. Chegou na minha caixa de correspondência e eu compartilhei com um dos instrutores de pintura da escola.

- Era uma carta ameaçadora? – Avery perguntou. *Uma carta*, ela pensou. *Eu imagino que tipo de caligrafia era. Será que combinaria com as duas cartas que apareceram no AI?*

- Mais ou menos - Kirkpatrick disse. – Na maior parte me chamava de mercenário sem talento e dizia que a verdadeira arte era o caos. Alguma merda desse tipo.

Avery e Ramirez se olharam. *Arte é caos*, Avery pensou. *Um discurso cansado, parecendo clichê, mas também poético sem graça... como o do nosso assassino.*

- Você por acaso lembra o nome dele? – Avery perguntou.

- Eu lembro. E melhor que isso, eu posso te dizer onde ele trabalha. Esse pequeno bastardo é muito bom no que faz e tem roubado negócios de mim faz um ano e meio.

- Aqui em Boston? – Avery perguntou.

- Ah sim. Eu ficarei feliz em informa-los o endereço dele.

Te peguei, Avery pensou enquanto Kirkpatrick anotava a informação em um pedaço de papel em sua mesa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Quando saíram dali, as informações dadas por Kirkpatrick os levaram a apenas seis quadras dali. Eles ainda estavam em South End. A única diferença entre o prédio do professor e o edifício para o qual seguiram era que o segundo ficava no final de um beco, que poderia muito bem passar despercebido.

Avery leu as informações no pedaço de papel que Kirkpatrick os entregou e tentou descobrir porque o nome escrito parecia tão familiar. *Rustin George*, ela pensou. *Eu sei que já ouvi esse nome antes. Mas se ele tem uma acusação de agressão sexual em seu arquivo, faz sentido que eu já tenha lido ou ouvido seu nome de passagem.*

Enquanto Ramirez estacionava no fim do beco, diretamente em frente a uma porta com o número 233, Avery imaginou se seria necessário naquele momento ligar para o A1 e alguém dos registros verificar os arquivos de Rustin George. Mas aquilo iria apenas atrasar as coisas e pela primeira vez nesse caso, ela realmente sentia que estava progredindo.

Ela descartou a ideia e saiu do carro com Ramirez. O fim do beco era estranhamente tranquilo e até um pouco abandonado para aquela parte da cidade. Ela olhou para a única janela que ficava alguns metros acima da porta de número 233 e viu que a luz estava acesa. De acordo com Kirkpatrick, aquele era outro estúdio, mais sofisticado do que o dele apesar das condições do lugar.

Quando foram até a porta, Avery percebeu que não havia campainha. Ela tentou abrir e a porta abriu facilmente. Eles entraram e ela ficou surpresa ao ver que o interior do edifício era muito melhor do que o lado de fora fazia acreditar. Um conjunto de escadas estava a frente deles e um elevador estava localizado na parede do lado direito. À esquerda havia uma grande porta de metal com uma placa pregada que dizia “Não Entre”.

- Escadas - Avery disse. – Não quero que o barulho do elevador o avise que ele tem companhia.

Ramirez assentiu com a cabeça e eles subiram as escadas. No topo, chegaram em um pequeno patamar. A parte em frente mostrava um grande conjunto de portas duplas. Através dos vidros no meio das portas, Avery viu um estúdio do outro lado – muito maior do que o de Kirkpatrick, mas numa desordem semelhante. Uma música alta vinha ali de dentro. Avery teve uma

sensação nostálgica e até certo ponto bacana quando reconheceu a música do Massive Attack.

Havia uma campainha do lado direito da porta. Avery tocou três vezes e depois deu um passo atrás. Em poucos segundos, a música parou e alguns passos se aproximaram da porta. Um homem apareceu na direita. Ele estudou Avery e Ramirez pelos óculos, dando-lhes um olhar estranho e perplexo. Ele parou antes de atender a porta. Quando abriu, Avery sentiu um ligeiro ar gelado sair.

- Posso ajuda-los? – O homem perguntou.

- Sim, você é Rustin George? – Avery disse.

- Sou eu.

- Eu sou Avery Black, da Divisão de Homicídios de Boston A1. Eu espero que você tenha alguns minutos para responder algumas perguntas.

- Sobre o que, exatamente?

De vez em quando, Avery não tinha problemas em mentir para suspeitos em potencial. Ela gostava de fazê-los se sentir a vontade, já que assim poderia obter suas respostas. Foi o que ela fez naquele momento.

- Bem, eu não sei se você tem visto as notícias ultimamente, mas nós recentemente encontramos corpos em água congelada, no rio, por exemplo.

- Sim, eu vi - George disse. Havia um olhar confuso em seu rosto. Ele bloqueava a entrada de seu estúdio.

- Bem, nós buscamos pessoas que trabalham com escultura no gelo. O seu nome apareceu. Você faz esculturas de gelo para casamentos e festas da alta sociedade, certo?

- Isso mesmo.

- Bem, estamos nos inclinando para a teoria que o homem por trás desses assassinatos vê isso como uma forma de arte. Gostaríamos de falar com você para visualizar a mente de alguém que trabalha com gelo.

- Ah - George disse. Sua postura se desarmou, mas Avery não achava que isso automaticamente o tornava inocente. Ele estava ansioso para mostrar o que sabia, interessado em ajuda-los. Uma mentalidade que poderia ser parecida com a de um assassino egomaniaco.

George se afastou e os deixou entrar. Avery sentiu novamente o frio, uma sensação que, dessa vez, permaneceu. Ela olhou para a direita e viu uma porta de metal ao longo da parede, mais afastada, como a que tinha visto lá embaixo. Havia uma série de ferramentas em um pequeno banco perto da porta – serras, talhadeiras e algumas outras coisas estranhas.

- Primeiramente - Avery disse, - você poderia nos dizer onde alguém que quer aprender sobre a arte com gelo deve começar?

- Além de online, há algumas aulas aqui e nas universidades comunitárias - George disse. – Algumas vezes você poderá encontrar alguém dando *aulas* grátis em bibliotecas públicas ou algo do tipo, mas essas não contam.

- E onde você aprendeu o que você sabe?

- Eu fiz algumas aulas aqui em Boston - ele disse. – Mas isso não me deu tudo que eu precisava, sabe? Então eu fui para uma turma especial em Nova York por alguns meses. Eu aprendi muito lá. E então voltei pra cá e abri meu próprio negócio.

- E isso dá um dinheiro bom? – Ramirez perguntou.

- Sim! – George disse. – Quer dizer, eu tenho que fazer coisas no meu dia para cobrir as despesas, mas duas ou três esculturas no mês fazem uma grande diferença.

Avery apontou para o lado direito da sala, para a porta de metal.

- E ali é onde você guarda o gelo e o seu trabalho?

- É sim - ele disse. – É um congelador modificado.

- E o quão frio é lá dentro? – Avery perguntou.

George agora começou a parecer desconfiado. Ele se aproximou da porta do congelador e parou na frente dela, exatamente como tinha feito na porta alguns momentos antes.

- Eu costumo manter numa faixa de menos cinco. As vezes eu deixo um pouco mais quente, depende do projeto.

Um congelador modificado para guardar corpos, Avery especulou. *Além do histórico de abuso e/ou agressão*. De repente, Rustin George se tornara um possível suspeito.

Antes que ela pudesse formar sua próxima pergunta, George se encostou na porta e balançou a cabeça como se tivesse desapontado.

- Nós podemos parar com a brincadeira, ok?

- O que você quer dizer, exatamente? – Avery perguntou.

- Bem, há corpos aparecendo no gelo, certo? E eu tenho um registro que me torna... o que? Um suspeito?

- Nós deveríamos vê-lo como um suspeito? – Ramirez perguntou. Ele deu dois passos para trás, certificando-se de ficar entre Avery e George.

- Bem, se você está me perguntando se eu matei aquelas mulheres, a resposta é não. Mas eu não sou idiota. Sei porque vocês suspeitariam de

alguém como eu.

- Podemos dar uma olhada no seu congelador? – Avery perguntou.

- Receio que não - George disse. – Eu tenho uma peça muito frágil em andamento agora e eu tenho que o deixar ali por um tempo. Quando você chega nas curvas finas e detalhes, você tem que deixar o frio trabalhar antes de usar a talhadeira em alguns pontos.

- Você entende que a recusa em nos mostrar o congelador é suspeita, certo? – Avery perguntou.

- Não é problema meu - ele disse. – Vocês mentiram para mim e eu os deixei entrar no meu escritório. Então por que eu deveria cooperar?

- Porque é muito mais fácil do que nos fazer ir buscar um mandato de busca e voltar aqui para conseguirmos o que queremos de qualquer forma - Avery disse.

George deu de ombros.

- Façam o que vocês devem fazer.

- Vamos lá, cara - Ramirez disse, dando um passo a frente. – Não torne isso mais difícil do que é. Você disse que não matou aquelas mulheres, e eu acredito em você. Então nos ajude. Vamos em frente e te eliminamos da lista de suspeitos.

Avery viu que George estava se aproximando do banco de ferramentas. Ela também viu todas as ferramentas afiadas. Antes que pudesse falar para ele parar, George estava falando. E quando ele falou dessa vez, ela sabia que havia alguma coisa desagradável nele.

- Cada uma dessas ferramentas - ele disse, - é única do seu jeito. Cada uma quebra o gelo de uma forma diferente. O cara que vocês estão procurando aparentemente aprecia o gelo. É forte e delicado ao mesmo tempo.

Seus dedos passaram pela talhadeira e depois em uma ferramenta que parecia a miniatura de uma foice.

- Sr. George - ela disse. – Por favor, afaste-se da bancada.

Ele a ignorou completamente, seus dedos ainda passando pelas ferramentas. Ele agora estava com um olhar distante e sua voz se tornara monótona.

- Eu sabia que esse dia iria chegar - ele disse e sua voz soou como se ele estivesse quase chorando. – Quando eu bati naquela mulher... eu não queria fazer a outra coisa... aquela coisa que... Deus... aquela pequena garota.

- Sr. George - Avery disse, - eu não tenho ideia do que você está falando, mas podemos descobrir. - Lentamente, ela alcançou sua arma, e de repente a Glock estava em sua mão.

- Eu não queria - ele disse com um suspiro.

Na frente dela, Ramirez estava parado. Suas mãos pairavam sobre sua arma. A frente dele, George ainda deslizava as mãos pelas suas ferramentas. Ele chegou em um velho pedaço de pano que estava amarrado e parou ali.

- Sr. George, considere este seu ultimo aviso - Avery disse. – Se afaste do banco.

Ele se virou para olhar para eles. Lágrimas corriam pelo seu rosto.

- Tão frio - ele disse. – Estava muito frio e eu não sabia... eu não sabia o que eu estava fazendo e eu sinto muito...

Com isso, George jogou o pedaço de pano sujo para eles. Avery quase puxou sua arma, parando quando percebeu que era apenas um pano. No entanto, a estranha forma de ataque deu a George distração suficiente para abrir o congelador. Quando Ramirez avançou até George, a porta se bateu com força.

- Que merda ele está fazendo? – Ramirez perguntou.

- Me irritando, no mínimo - Avery disse.

Ela caminhou até o congelador e tentou abrir, mas percebeu que estava trancado por dentro. Ela bateu com o punho, sentindo a raiva subir.

- Sr. George, saia daí agora mesmo.

Quando Avery parou de bater na porta, pode ouvir pequenos barulhos do lado de dentro. Ela também pensou que ouviu alguma coisa como o rangido de uma porta; era difícil ter certeza devido a espessura da porta.

- Ele está tentando nos enrolar? – Ramirez disse. – Não parece uma ideia muito brilhante. Deve estar muito frio lá dentro, né?

Que estúpido, Avery pensou. Ela bateu na porta mais duas vezes.

- Sr. George, não torne isso mais difícil. Saia, por favor. Nós só precisamos te fazer mais algumas perguntas.

Havia um silêncio absoluto ali dentro. Ela olhou desconcentrada para Ramirez, sem ter certeza do que fazer. Supôs que se George estava realmente os enrolando, ela poderia ligar para o A1 e chamar alguém com ferramentas especiais para remover aquela porta. Ou poderia—

O ruído atrás dela foi tão fraco que ela mal ouviu. Avery virou e no mesmo momento Ramirez a empurrou com força para a esquerda e gritou.

- Abaix-se.

Quando caiu de joelhos, ela ouviu um tiro. Tão inesperado que foi ensurdecador. Seguido daquele som, várias coisas aconteceram num espaço de três segundos, fazendo Avery se sentir tonta.

Primeiro, Ramirez tropeçou para trás e caiu de joelhos. No mesmo momento, alguma coisa quente e úmida atingiu a jaqueta de Avery e sua mão direita. Quando sentiu isso, ela viu Rustin George parado na frente da porta do estúdio. Ele segurava uma arma e havia um olhar de medo e raiva em seu rosto. Ela se perguntou como ele conseguiu aparecer por trás deles – e então percebeu: provavelmente há uma outra porta em algum lugar daquele congelador.

Com o som dos tiros de George ecoando em seus ouvidos, ela levantou sua arma e disparou dois tiros. Atirou, girou e disparou novamente, atingindo George nos dois ombros.

George tropeçou contra a porta de metal e sua arma caiu. No mesmo momento em que sua arma caiu no chão, Ramirez caiu de costas. Avery logo viu o sangue no pescoço e na camisa dele.

Desolado, Avery se afastou de Ramirez e seguiu na direção George. Ela chutou a arma dele, certificou-se de que nenhum dos tiros havia sido fatal e então voltou até Ramirez. Ele estava piscando os olhos, olhando ao redor, sem rumo. Ele tossiu e parecia muito ferido.

- Ramirez... – ela disse, tentando não perder o controle.

Avery colocou sua arma no chão e procurou seu telefone. Com as mãos tremendo, fez uma ligação.

- Oficial e suspeito atingidos. Oficial em estado crítico.

Ela olhou para trás e para frente, para Rustin George e Ramirez. O clima do local era terrível, com possíveis mortes se aproximando. Avery esperava apenas que a morte não chegasse para o homem que estava em seus braços, enquanto ela estava sentada no chão ensanguentado.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Avery permaneceu com Ramirez o tempo todo, desde o momento em que o embalou no chão no estúdio de Rustin George até o momento em que ele foi conduzido pelas portas duplas do hospital, indo para a cirurgia. Ela não fazia ideia de quanto tempo tinha passado desde que entraram no estúdio. Os últimos eventos por lá pareciam obscuros, como se ela estivesse assistindo tudo em uma tela de televisão distante.

No entanto, ao ouvir as portas duplas se fechando e dobrando lentamente, ela saiu dali. Respirou fundo e se encostou na parede. Uma enfermeira foi até ela e colocou uma mão tranquilizadora em seu ombro.

- Você está bem? – A enfermeira perguntou.

Avery não conseguia falar uma palavra. Ela apenas assentiu com a cabeça.

- Talvez você deva ir ao banheiro - a enfermeira sugeriu. – Você tem sangue nas suas roupas, seu pescoço e suas mãos.

Avery sabia disso – ela tinha muita consciência disso quando estava na ambulância, levando Ramirez ao hospital – mas não se dado conta de que teria que se limpar. De novo, ela balançou a cabeça e se desencostou da parede.

- Me deixe te ajudar - a enfermeira disse. – Vou pegar alguma roupa limpa.

Avery não discutiu. Em estado de choque, ela deixou a enfermeira levá-la ao banheiro. Com a ajuda da mulher, Avery limpou o sangue em seu pescoço, queixo e mão direita. Ela viu o sangue descer pela pia em uma mistura vermelho claro enquanto a enfermeira enxaguava o pano. Avery pensou sobre o que os outros agentes na cena haviam falado para ela. George havia escapado pelo congelador e ido para as escadas, no andar de baixo, pela parte de trás. Ele tinha então dado a volta por eles e aberto fogo.

- Você quer que eu te leve para a sala de espera? – A enfermeira perguntou.

A água em seu rosto havia a acordado. Avery agora estava conseguindo compreender melhor as coisas, o choque estava passando.

- Não, acho que estou bem. Mesmo assim, obrigada pela ajuda.

A enfermeira saiu do banheiro com ela e as duas foram para lados separados.

- Vou mandar uma enfermeira ou médico falar com você quando tiver novidades - a enfermeira disse enquanto saía.

Avery assentiu com a cabeça e se encaminhou pelo corredor para a sala de espera. Ela podia sentir o cheiro de café sendo passado em algum lugar e sabia que precisaria de um pouco se planejasse passar o resto do dia ali. Olhou para o relógio e ficou deprimida ao descobrir que ainda não era nem meio dia.

Na sala de espera, ela viu Finley e O'Malley sentados em duas cadeiras encostadas na parede. Finley se levantou imediatamente e se aproximou dela antes que Avery tivesse chance de se sentar. E, graças a Deus, ele tinha uma xícara de café na mão e a ofereceu para ela. Ela pegou com gratidão e começou a tomar na hora. Era suave e sem sabor – como café de hospital – mas ela estava feliz em toma-lo mesmo assim.

- Como ele está? – Finley perguntou enquanto voltava a sua cadeira.

Avery sentou perto dele e tomou outro gole do café. Finley e O'Malley esperavam ansiosos por ouvir alguma coisa dela. Ela ficou surpresa ao descobrir que era difícil formar as palavras para realmente falar aquilo em voz alta.

- Eles não sabem ainda - ela disse. – Mas o tiro... parecia que tinha atingido o coração dele. Pode ter sido um pouco mais acima, mas tinha muito sangue para se ter certeza. Os médicos da ambulância não pareciam otimistas.

Eu estou realmente falando essas coisas? Ela imaginou. *Isso está realmente acontecendo?*

Doía perceber que estava... e que aquela história havia terminado daquela maneira. Ela estava preocupada e agonizando silenciosamente, mas ainda assim com forças.

O que isso diz sobre mim?

- Merda - O'Malley disse. A voz era fina e por um momento, Avery podia ver o homem honesto e atencioso que ele era fora do trabalho. – Olha - O'Malley continuou, - a última coisa que eu quero é você pensando em trabalho agora, mas eu acho que deveria ao menos te atualizar sobre o que descobrimos sobre esse tal de Rustin George. Ele foi preso por agressão sexual agravada de uma garota de dezoito anos quando tinha vinte e três anos. Um ano e meio depois, ele foi preso por abuso doméstico e agressão sexual em sua esposa. Acredita-se, mas não foi provado, que ele também batia na filha da esposa dele – de outro casamento. Mas a esposa nunca

esclareceu a história mesmo com os médicos dizendo que as fraturas no ombro e no pulso da menina de oito anos foram causadas por agressão.

Vagamente, Avery podia lembrar algumas palavras sem sentido que George resmungara antes de escapar pelo congelador. *“Quando eu bati naquela mulher... eu não queria ter feito a outra coisa... aquela coisa que... Deus... a garotinha dela...”*

- O que tinha dentro do congelador? – Avery perguntou.

- Duas esculturas de gelo inacabadas - O'Malley disse. – Mas havia um andar embaixo daquela coisa. Nós encontramos três fotos lá... fotos de mulheres nuas. Mas pelo que pudemos dizer das fotos e das esculturas, ele estava apenas tentando recriar as fotos nas esculturas.

- Nós olhamos os contatos no telefone dele - Finley disse. – Achamos estranho que ele tinha o contato de Carolyn Rodgers. Temos alguns agentes tentando encontrar alguma conexão. Parece que George fez algumas esculturas para um evento no ano passado para a Sociedade Histórica, e isso é tudo.

- Obrigada - ela disse. Ela relaxou as costas na cadeira e tentou ignorar o fato de que estava tremendo.

- Escute - O'Malley disse. – Um de nós pode ficar aqui com você se quiser. Mas pelo menos um precisa voltar para descobrir tudo sobre esse cara. E se ele não for o nosso assassino...

Ele nem chegou a terminar a frase. A mente de Avery estava confusa, e só agora conseguia pensar em Ramirez. Ela estava chocada e percebeu que, naquele momento, não se importava com o caso.

- Eu ficarei bem aqui sozinha - ela disse. – Vocês dois devem ir. Eu não preciso de babá.

- Tem certeza? – Finley perguntou.

- Positivo. Obrigada por ficarem aqui.

Os dois se levantaram e ela pode perceber que Finley não achava certo deixá-la ali. Com um último olhar estranho, ele começou a se afastar.

- Me ligue se você precisar de alguma coisa - ele disse.

Avery observou eles saindo e quando eles desapareceram na esquina, ela encostou a cabeça na parede e se permitiu chorar. A cena continuava passando em sua cabeça, e ela imaginava o que poderia ter feito diferente. Ela havia sido muito calma quando pediu para George parar de se mexer? Deveria ter pego a arma um pouco antes, antes mesmo dele ter a chance de distraí-los com o pano?

Essas e outras perguntas rodeavam sua cabeça como mosquitos. Ela manteve os olhos fechados, dizendo a si mesma que só estava descansando os olhos. Mas se ela adormecesse, também seria bom. Ela abriu os olhos quando ouviu passos vindo em sua direção. Um médico estava vindo. Avery rapidamente olhou para o relógio e viu que talvez tivesse cochilado por alguns momentos, já que eram 12:20.

- Detetive Black... eu sou o Doutor Chambers, um dos cirurgiões que estará cuidando do seu parceiro. Uma verificação inicial não nos deu muitas esperanças, infelizmente. O fato dele ainda estar vivo é, na verdade, um milagre. A bala não ficou alojada, o que é bom. E por *pouco* não alcançou o coração, o que é ainda melhor. Mas quando saiu, receio que tenha feito um dano significativo. Detetive Ramirez perdeu muito sangue e o coração dele está trabalhando muito devido ao trauma, o que torna tudo muito pior. O coração parou por cerca de dez segundos, mas conseguimos trazê-lo de volta. Nós estamos trabalhando muito duro para salva-lo, mas por favor entenda que nós ainda não estamos fora de perigo. E eu temo que não saberemos nada por pelo menos mais uma hora ou mais. Vamos tentar fazer a cirurgia para reparar o dano.

Avery assentiu, recebendo as informações e processando com seu cérebro lógico de detetive. *Não estamos fora de perigo ainda. Parou por dez segundos. Não nos dá muita esperança.*

Palavras como aquelas a faziam se sentir confiante sobre as chances de Ramirez. Ainda assim, ela não disse nada, permanecendo quieta enquanto o médico a olhava com simpatia.

- Eu preciso voltar - Dr. Chambers disse. – Mas por favor, chame qualquer enfermeiro ou funcionário da sala de espera se você precisar de alguma coisa. Eu farei o possível para manter você atualizada com a maior frequência possível. Você tem alguma pergunta?

Ela pensou em várias, mas nenhuma que pudesse colocar em palavras adequadas. Nenhuma que ela fosse corajosa o suficiente para perguntar. Dr. Chambers saiu com pressa da sala de espera. Assim que saiu, uma enfermeira entrou na sala. Ela estava com as mãos enfiadas nos bolsos de seu jaleco e alguma coisa nela a fazia parecer uma criança nervosa.

- Detetive Black, eu fui uma das enfermeiras que ajudou a preparar o Detetive Ramirez. Como você sabe, a jaqueta e camiseta dele foram tiradas ainda na ambulância. Nós acabamos de recuperar alguns itens e... bem,

encontramos outra coisa. Eu não sei o que fazer com isso exatamente, mas já que você é a única aqui com ele, eu pensei que poderia entregar a você.

- Claro - Avery disse. – O que é?

A enfermeira tirou as mãos do bolso e estendeu a mão direita para Avery. Ela viu o item claramente, mas não conseguiu entender. Seu cérebro simplesmente não era capaz de fazer a conexão.

Avery estendeu a mão e o pegou.

- Obrigada - ela disse.

A enfermeira assentiu com a cabeça e saiu da sala de espera, deixando Avery olhar o item que havia sido recuperado do casaco de Ramirez.

Era uma pequena caixa preta. O exterior era suave, quase como veludo. Quando ela abriu, a parte de cima abriu com uma dobradiça na parte de trás da caixa.

Ela olhou para o anel de noivado ali dentro por algum tempo, sem nem mesmo perceber que começou a chorar novamente.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Avery estava respondendo mensagens de Finley enquanto Ramirez estava em cirurgia. Isso a ajudou a distanciar-se um pouco do tumulto pelo qual estava passando. Finley a atualizou constantemente sobre Rustin George enquanto ela também enviava mensagens para Rose, que estava insistindo para ir ao hospital a fazer companhia.

Ela estava no meio de uma mensagem para Rose quando o Dr. Chambers se aproximou. Ela tentou ler seu rosto, não conseguiu. Supôs que médico era outra profissão onde era preciso manter uma expressão neutra o tempo todo.

- A cirurgia foi tão bem quanto poderia ser - ele disse. – Ele está sendo levado para a UTI. Em mais cinco minutos você poderá vê-lo.

- Obrigada - ela guardou o telefone no bolso e fez o que pode para segurar as lágrimas.

Avery esperou a autorização e foi diretamente para o quarto de Ramirez. Naquele momento, Finley e Rustin George não existiam para ela. Até mesmo os pensamentos em Rose se escureceram por um momento quando ela viu Ramirez. Ver o estado dele depois da cirurgia pela primeira vez foi quase como um soco no estômago. O homem que ela sempre via como uma constante fonte de força e carisma praticamente desde quando se conheceram estava agora deitado em uma cama de hospital com várias máquinas ligadas a ele. Ele estava inconsciente e parecia incrivelmente frágil. Enquanto ela absorvia aquilo, Dr. Chambers estava atrás dela, falando com sua voz melancólica.

- A cirurgia correu bem - Chambers disse, entrando por trás dela no quarto. – Nossa preocupação agora é que ele perdeu muito sangue, mas conseguimos manter o nível. As chances de sobrevivência dele parecem melhor agora do que duas horas atrás, mas ainda não temos garantias. As próximas horas serão decisivas.

- Obrigada - Avery disse, com uma voz fraca. Ela caminhou até a cadeira ao lado da cama e sentou-se lentamente. Ela queria muito tirar os olhos das condições de Ramirez, mas ela não podia. Ela colocou a mão no bolso da jaqueta e sentiu a caixa do anel. Seu coração doeu ao sentir.

Há quanto tempo ele está com isso? Ela imaginou. Ele estava planejando me pedir em casamento hoje? Ou ele estava carregando com

ele, esperando pelo momento certo? É por isso que ele compartilhou comigo sobre o primeiro noivado?

Ela estendeu o braço e pegou a mão dele.

- Me avise se tiver alguma pergunta - Dr. Chambers disse. – Eu volto daqui a pouco para vê-lo.

Ele saiu da sala, fechando a porta, deixando Avery sozinha com o barulho de máquinas que mantinham Ramirez vivo.

Alguns minutos depois, alguém a cutucou. Antes mesmo de olhar para o rosto da pessoa que havia entrado na sala lhe acordado - *mas quando foi que eu caí no sono?* Ela imaginou - Avery olhou para seu relógio e viu que eram três e doze. Ela então olhou para cima e viu Rose de pé ali. Ela olhou tímida e incerta, obviamente desconfortável.

- Rose, o que você está fazendo aqui? – Ela perguntou.

- Tentando ser uma boa filha. – Ela olhou para Ramirez e franziu a testa.
– Ele vai ficar bem?

- Os médicos ainda não estão garantindo nada. Mas eu acho que o fato dele ter aguentado até agora é um bom sinal.

- Deus, mãe... você estava com ele quando aconteceu?

Avery assentiu.

- Bem atrás dele.

- Então... poderia ter sido você? Poucos metros foram o que separaram você de ser baleada?

Provavelmente uns trinta centímetros, Avery pensou, mas não falou nada.

- Rose, você não precisava vir aqui.

- Eu quis - ela disse. – Eu gosto dele também... você sabe?

- Obrigada por vir, querida. Eu fico muito feliz.

- Eles pegaram o cara que fez isso?

Avery sentou-se e lentamente começou a contar para Rose tudo que ela sabia sobre o que havia acontecido com Rustin George depois dela ter atirado nele duas vezes. Ela então contou para Rose sobre sua manhã. Falar em voz alta, na verdade, pareceu a trazer para a realidade. A história se tornou mais real, e Ramirez parecia agora quase um herói. Quando George

começou a mudar de atitude, Ramirez havia dado um passo a frente... não apenas como um parceiro, mas como seu protetor.

Quando ela terminou, dez minutos depois, Rose começou a brincar com o cabelo da mãe – amassando e enrolando em seus dedos, num gesto reconfortante. O coração de Avery amoleceu; foi o momento mais emocionante que as duas haviam compartilhado desde que Rose tinha uns oito ou nove anos.

- Posso fazer alguma coisa por você? – Rose perguntou.

- Não, você não precisa–

- Para, mãe. Do que você precisa?

Avery deu uma risada. Sua filha se parecia muito com ela.

– Eu queria comer um pouco. E talvez tomar um refrigerante.

– Beleza. Me manda uma mensagem se você quiser mais alguma coisa.

Rose saiu do quarto, deixando Avery com o zumbido das máquinas novamente. Ela estimou que havia cochilado por pelo menos uma hora dessa vez – tempo suficiente para sua boca ficar com gosto de velho e seu pescoço ficar rígido. Ela viu duas mensagens de texto de Finley, a mantendo atualizada sobre as coisas de Rustin George. A primeira era: Ele está chorando pelos últimos vinte minutos. Confessou ter batido na filha da ex-mulher. Outra veio vinte minutos depois. Conexão com Carolyn Rodgers confirmada, mas sem más intenções. Provavelmente não é o nosso cara. Me ligue.

Ela ligou para Finley. Havia algo surreal em ouvir o barulho do telefone enquanto via o corpo imóvel de Ramirez na cama de hospital, com aqueles fios e a roupa do hospital. Finley atendeu no segundo toque. Houve um barulho de comoção do outro lado da linha.

- Eu acabei de ver suas mensagens - Avery disse. – Então parece que George não é o nosso cara?

- Eu receio que não. Ele dá trabalho, com certeza. Mas parece que ele não é quem estamos procurando. Tenho certeza que você já sabe disso, mas parece que ele tem conexões com Carolyn Rodgers simplesmente porque fez um trabalho para a sociedade histórica na última primavera. E também, ele tem um álibi para a noite passada. Desculpe, Avery.

- Tudo bem.

- Como está Ramirez? – Ele perguntou.

- Eu não tenho certeza. O médico parecia mais esperançoso quando eles o colocaram na UTI, mas não falaram nada claro sobre ele ainda.

- E como você está?

- Eu estou bem. Rose está aqui comigo.

- Bom - ele disse. – De novo, é só você nos avisar se tiver algo que possamos fazer por você, ok?

- Eu aviso Finley. Obrigada.

Com a ligação encerrada, Avery pegou o anel de noivado. Ela abriu a caixa e olhou. Sendo sincera consigo mesma, ela não tinha certeza de qual seria a resposta se ele a pedisse em casamento. Ela o amava... ela tinha certeza disso, mesmo que nenhum deles havia falado aquelas palavras para o outro ainda. E ela estava mais do que animada estar morando com ele. Mas casamento... bem, essa era uma história completamente diferente.

Então novamente, olhando para Ramirez naquela cama de hospital e sabendo que ele estava ali porque ele tinha, de fato, levado o tiro para protegê-la, Avery sentiu algo no coração que não soube explicar.

Ela segurou o anel na mão por alguns minutos, olhando para o diamante e para Ramirez. Quando ouviu a porta se abrir atrás dela, Avery empurrou o anel de volta em seu bolso. Essa não era uma conversa que ela estava pronta para ter com Rose... não naquele momento. Merda, ela não sabia nem se estava pronta para ter aquela conversa com Ramirez. Isso, claro, se ela tivesse ainda uma chance de ter uma conversa com ele.

Rose entregou uma caixa e uma lata de Coca.

- Poucas opções na lanchonete - Rose disse. – E eu tive que adivinhar o que você queria.

Avery abriu a caixa e ficou encantada ao encontrar um cheeseburger. Tinha gosto de comida de hospital, mas ela devorou a metade rapidamente. Ela não comia nada desde o café da manhã, que havia sido um lanche rápido na sala de descanso do A1.

- Você já terminou as aulas de hoje? – Avery perguntou, fazendo o que podia para manter a mente longe da realidade da cama a sua frente.

- Tenho uma às seis da tarde - Rose disse. – Uma daquelas aulas chatas que eu *tenho* que fazer. Comunicação Empresarial. Acho que prefiro ficar aqui.

- Não. Vá para sua aula. Não tem muita coisa que você possa fazer, querida. Mas eu vou gostar muito da sua companhia enquanto você ficar.

Rose puxou a segunda cadeira do quarto – do outro lado da cama de Ramirez – e sentou-se ao lado de Avery. Elas ficaram em silêncio enquanto Avery terminou o lanche e tomou um gole de sua Coca. Ela apreciava o

silêncio e sabia que Rose sabia disso também. E, melhor ainda, ela não ficou no telefone. Não... ela estava simplesmente *ali*.

E quando Avery pegou a mão de Rose, ela deixou. Mais do que isso, ela deu um aperto reconfortante na mão de sua mãe.

Quando Rose saiu às cinco e quinze para sua aula das seis, o estado de Ramirez não havia mudado. Dr. Charmbers havia aparecido duas vezes. Uma para falar para Avery que estava indo embora, mas estava deixando Ramirez em mãos perfeitamente capazes, e outra para dar uma olhada nele. Em cada uma das vezes, ele permaneceu cautelosamente otimista, mas ainda não deu indicações de que Ramirez estava fora de risco.

Assim que Rose saiu, Avery ligou para Finley novamente. Ele não atendeu e ela tentou O'Malley. Ele atendeu rapidamente e parecia um pouco cansado. Avery podia compreender.

- Alguma novidade de Ramirez? – O'Malley perguntou.
- Na mesma. Recuperando da cirurgia. Não está fora de risco ainda.
- Bem, olha... eu aprecio a sua vontade de estar a par deste caso, mas nós podemos lidar com isso. Se for muito para você agora, nós entendemos.
- Não, eu acho que gostaria de voltar. Você pode talvez me dar só até amanhã?

Um silêncio pairou sobre o telefone, um silêncio que ela sabia que estava cheio de pensamentos de O'Malley: *isso dá a esse assassino mais uma noite para fazer seu trabalho*.

- Claro - O'Malley disse. O tom da sua voz era triste, mas não cruel. Ainda assim, Avery podia ouvir a decepção. Se tudo estivesse bem, ela estaria de volta no A1 agora, examinando todos os detalhes dos arquivos do caso ou na rua procurando por uma outra pista.

- Obrigada, O'Malley.
- De nada. Eu estarei rezando pela recuperação de Ramirez. Todos nós estaremos.

Com isso, ele encerrou a ligação. Avery guardou o telefone no bolso da jaqueta e seus dedos novamente passaram pela pequena caixa com o anel. Ela queria se sentir bem com aquela sensação, mas ao invés disse não sentiu nada. Ela estava estarecida. O dia tinha sido longo e exigido muito dela. O

escorregão no gelo enquanto perseguia um homem que ela achava ser o assassino parecia algo que acontecera há uma semana.

Ela pensou naquela figura usando um casaco, a cabeça levantada e coberta pelo capuz. Foi a última imagem em sua cabeça antes que ela se desligasse novamente. Seu corpo exausto estava desesperado por mais do que as quatro horas de sono que ela tivera nas últimas 36 horas.

Ela viu o homem novamente, de pé na borda do reservatório congelado. Mas agora ele não estava vestindo o casaco preto. Agora era uma capa, cuja ponta vibrava com a brisa gelada. Ele virou e a viu e dessa vez ele não correu. Ao invés disso, veio caminhando na direção dela –*caminhando* não era exatamente o que ele estava fazendo. Ele parecia estar flutuando, vindo pela borda de concreto do reservatório.

Seu rosto inteiro estava revelado agora. Era demoníaco, com um sorriso que parecia muito grande para um ser humano.

- Por que tão fria, Avery? – Ele disse. – Por que você é sempre tão fria?

Ele riu e quando o som saiu pela sua garganta, o gelo rachou sob ele. Avery tentou correr, mas descobriu que não podia. Quando ela olhou para baixo, viu que não estava mais em pé na calçada de concreto, mas sim no gelo. Seus pés estavam todos cobertos, até o tornozelo. Ela tentou gritar, mas não podia; como todo o resto do corpo, sua voz estava congelada.

Quando estava olhando para seus pés, ela viu um rosto escuro no vidro. Era o rosto da primeira vítima, Patty Dearborne. Ela estava gritando ali embaixo, batendo no gelo, tentando quebra-lo sozinha. Mas o gelo não quebrava, mesmo com Avery podendo senti-lo vibrar com os socos de Patty.

- Desculpe - Avery disse, sua voz literalmente congelando no ar e se tornando gelo.

Mais um soco e Patty quebrou o gelo. A água fria veio junto com o braço de Patty. Ao invés de se arrastar para fora do gelo, no entanto, ela agarrou a perna de Avery e a puxou para baixo. O gelo era como facas e a água era algo ainda pior que isso.

Avery gritou. Ela pediu socorro e a única coisa que suas mãos encontraram para puxar foi uma capa preta. Ela olhou para cima e seu corpo lentamente submergiu na água e viu o rosto demoníaco.

Avery não parou de gritar até que a água gelada cobrisse sua boca, a sufocando.

Ela se sentou com um suspiro, sentindo como se estivesse sufocada. Ela quase caiu da cadeira e foi essa sensação de queda que a fez acordar. *Um*

sonho, ela pensou. Não, não era um sonho. Era um pesadelo.

Ela se levantou, surpresa por ter conseguido acordar novamente. Dessa vez, quando olhou para o seu relógio, se espantou. Eram dez e onze. Ela havia cochilado na cadeira por mais de quatro horas. Suas costas estavam gritando, mas ela se sentiu surpreendentemente revigorada.

Avery foi para o lado da cama e cuidadosamente se sentou. As máquinas continuavam a fazer barulho ao lado da cama e Ramirez continuava ignorando tudo aquilo. Ela colocou sua mão junto a dele e olhou para o seu rosto. Se não fosse pelos tubos em seu nariz, Avery poderia facilmente imaginar que ele estava apenas dormindo. Ela se inclinou e beijou o canto da sua boca.

Ela sabia que Rustin George não era quem eles procuravam, mas ao mesmo tempo, sentiu que era o assassino que ainda estava solto que era o responsável pelo que havia acontecido com Ramirez. Ela queria muito que ele acordasse naquela cama de hospital e descobrisse que ela tinha capturado o maníaco que eles estavam procurando quando ele foi baleado. Ela não se importava se aquele fosse um tipo injusto de justiça; ela sentia que precisava encontrar esse babaca mais do que nunca.

Mas ela estava presa – da mesma forma que estava no sonho com o gelo em seus pés. Com Rustin George solto, eles estavam novamente sem pistas. Ela supôs que podia continuar na rota de artistas incompreendidos na esperança de encontrar algo a mais, mas sentiu que o caminho não era aquele. Imaginou estar perdendo alguma coisa, algum detalhe mínimo que poderia abrir novos caminhos para aquele caso.

Sua mente deu uma volta escura quando ela se deu conta disso. Havia um lugar que ela costumava ir quando se sentia presa. Era um lugar que a desafiava, um lugar que abrigava um homem que, ela admitindo ou não, tinha permanecido de um jeito estranho e constante em sua vida nos últimos anos.

Ela apertou a mão de Ramirez e tomou a decisão.

Na manhã seguinte, iria visitar Howard Randall.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Depois de mais algumas horas de sono desconfortável, ouvindo o zumbido da televisão noturna do hospital, Avery deu mais um beijo em Ramirez, deixando um pedido com as enfermeiras, para avisá-la sobre qualquer novidade sobre o seu parceiro, e chamou um táxi. Ela pediu para o motorista levá-la para o seu apartamento, onde tomou um banho, escovou os dentes e trocou de roupa. O banho a renovou e quando ela entrou no carro, às sete e quarenta da manhã, começou a sentir o nervosismo habitual que sempre sentia quando sabia que iria ver Howard.

Ela chegou na prisão às oito e dez e teve que brigar com os guardas para que eles a deixassem ver Howard tão cedo. Eles acabaram concordando, devido ao nome e reputação que ela havia conquistado durante suas visitas nos últimos dois anos. Eles a guiaram para a mesma sala básica que ela já havia visitado inúmeras vezes e quando se sentou, lembrou-se de como aquele lugar era familiar.

Estou confiando demais nele, ela pensou. Isso realmente tem que parar – especialmente quando eu me tornar sargento.

Avery colocou a mão no bolso e pegou a caixa do anel. Ela esperava que Ramirez a perdoasse por fazer aquela visita. Ele odiava o fato que ela algumas vezes procurava Randall para ter uma visão melhor da mente e motivos de um assassino. Ela entendia isso. Deveria ser psicologicamente ruim voltar a vê-lo depois do passado sórdido que eles tinham juntos.

Momentos desesperadores, Avery pensou.

Depois de alguns minutos, a mesma porta pela qual ela havia entrado se abriu. Dois guardas acompanhavam Howard. Ele sorriu, genuinamente feliz em vê-la.

- Você está bem? – Um dos guardas perguntou para ela.

- Sim, estou bem - ela disse. – Obrigada.

Eles a deixaram com Howard, saindo da sala e trancando a porta. Ela sabia que eles estariam de prontidão no lado de fora.

- Tão bom ver você - Howard disse. – E tão cedo, pela manhã! Presumo que esteja aqui por um favor... já que é só para isso que você aparece. Eu estou começando a pensar que a Polícia de Boston deveria me pagar um salário ou algo do tipo.

- Você tem que acreditar em mim quando eu digo que você é sempre o último recurso - ela disse, com uma voz baixa e sombria. Meu Deus, ele era bom em fazê-la se sentir mal.

- Presumo que você esteja aqui por causa das mulheres que foram encontradas no gelo - Howard disse. – A mídia está em cima disso. E aquela pobre mulher que foi colocada como uma estátua...

Quando ele parou, soltou uma pequena risada. Isso a fez querer atravessar a mesa e socar a cara dele.

- Meu parceiro foi baleado ontem - ela disse. – Ele foi quase morto. Então se você não se importa, você poderia não ser tão sádico como de costume?

Ele a olhou com um olhar irritado, que permaneceu em seu rosto por apenas alguns segundos.

- Sinto muito por isso - ele disse. – Eu ouvi sobre isso nas notícias, claro. Foi enquanto vocês perseguiram o assassino, certo?

- Sim. Estávamos com um escultor de gelo com histórico violento. Do nada, ele puxou uma arma... não era o que nós esperávamos, obviamente.

- Ah, mas foi um erro - ele disse. – De qualquer forma, antes que você agite minha mente brilhante buscando alguma dica ou algo do tipo que eu tenho certeza que você espera que lhe ajude, me fale sobre esse parceiro.

- Acho que não - ela cuspiu.

- E por que não? Você me procura em busca de ideias para capturar seu assassino... e tudo que estou pedindo é uma conversa educada. Há muita conversa aqui, mas nenhuma conversa estimulante. Então me satisfaça ou volte para os seus colegas de trabalho despreocupados.

Ela quase se levantou e saiu. *Vá pro inferno*, ela pensou, agarrando as bordas da mesa. Mas permaneceu sentada, imaginando que deveria tirar o melhor proveito daquilo, já que já estava ali.

- Ele é um bom detetive. Ele tem bons instintos e é muito bom em caçar informações.

- E como são as habilidades dele com pessoas?

- Básicas - ela disse. – Ele não é do tipo que você mandaria falar com uma família de luto, mas ele se relaciona fácil com outras pessoas.

- Você está dormindo com ele?

Ela queria bater em Randall. No entanto, sabia que a expressão de susto em seu rosto havia dado a ele a resposta.

- *Vá pro inferno* - ela disse.

- Eu só perguntei porque você pareceu muito protetora quando eu te perguntei sobre ele. Eu não quero que impulsos humanos interfiram na sua carreira, detetive Black.

- Isso é tudo que você vai saber de mim hoje - ela disse.

- Bem justo - Randall disse. Ele olhou pela sala, pensando muito em alguma coisa. Finalmente, prosseguiu. – Agora, eu acho que você está procurando um artista rejeitado ou algo do tipo. Mas eu tenho dúvidas se seria um artista que estudou alguma vez ou realmente pensa que é um artista.

- O que você quer dizer? – Avery perguntou, odiando como era entendê-lo.

- Bem, pense em Hitler. Ele era um artista rejeitado, você sabia? Alguns dizem que Manson também. Ele era um tipo de compositor pelo que eu soube. Então eu quero dizer que esse cara é um artista no sentido literal da palavra. Há vários tipos de artistas por aí. Vários os tipos de pessoas que consideram eles mesmos como artistas e seus trabalhos um tipo de arte. E eu acho que esse cara que colocou Carolyn Rodger num jardim de esculturas por isso. Não é tanto sobre a criação, mas sobre ter alguém para vê-la... acho que isso acontece com todos os artistas. Mas quando você entra na mentalidade de alguém que lida com morte e acha que isso é um tipo de arte, você tem que descer para um nível quase metafísico.

Howard Randall, falando sobre metafísica, ela pensou. Pode existir algo mais absurdo?

- Espiritual? – ela disse com ceticismo.

- Tipo isso - Howard disse, encolhendo os ombros.

- Bem, tenho certeza que você leu as cartas - ela disse. – Estiveram em todas as notícias. Não falava nada sobre alguém com impulso espiritual para matar.

- Claro que sim - ele disse. Não seja tão rápida para definir que alguém não é louco.

- Você está dizendo que este cara tem uma mente sã?

Randall soltou uma gargalhada.

- Minha querida, desde que o primeiro homem criou a primeira arma de osso e madeira, nenhum homem jamais teve a mente sã. Não neste planeta podre. Me conte... havia alguma coisa particular nessas cartas? Algo alarmante?

- Elas eram quase como poemas pela forma que foram feitos.

Ele sorriu e assentiu.

- Excelente observação. Está correto. Foi uma das primeiras coisas que eu notei também. E se ele estiver usando essa abordagem para esfregar o nariz da polícia na sua aptidão, então—

- Então talvez todas as outras partes dos seus rituais também sejam poéticas - Avery interrompeu.

- Esse seria meu palpite - Howard disse. – Acho que você está lidando com alguém que não está matando por esporte ou, francamente, nem pela arte, embora eu ache que se você o interrogar, ele iria alegar que a arte tinha a ver com isso. Não... há algo mais profundo nisso. As cartas apontam para isso, assim como o uso do gelo e frio. Ele quase as preserva.

- Ele está focado na beleza, mas não de uma forma sexual.

Howard riu novamente, mais alto dessa vez. Avery se encolheu um pouco. Ela estava realmente odiando aquele som.

- Olha... você já tem tudo resolvido. Embora eu tenha minha mente sã argumentando aqui. Eu aposto que, no fundo, qualquer homem com vestígios violentos também tem um tipo de problema sexual.

- Talvez - Avery considerou.

- Eu não tenho certeza do porquê você veio aqui. Talvez não seja pela ajuda. Você pode fazer tudo isso sozinha. Eu acho que talvez, de vez em quando, você sente minha falta.

- Não exatamente - Avery disse, se levantando. – Você sabe, é legal ver que você está num humor melhor. A última vez que nos falamos, você foi muito babaca.

- Ah, eu sei. Mas as coisas mudaram desde então. Estou envolvido em um pequeno clube de xadrez aqui. Tem um guarda novo aqui também. Ele é um leitor ávido. Nós conversamos muito.

- É bom ver que você está fazendo novos amigos - Avery disse. – Vou embora agora.

- Fico feliz em ajudar - Howard disse com sarcasmo. – Ah... e uma última coisa sobre o seu assassino.

- O que é?

- Eu acho que você está ignorando alguma coisa que pode ser vital para o perfil dele.

- Tipo?

Ele revirou os olhos brincando, como se chateado, mas não realmente.

- Por que inverno? Por que o gelo? Para um homem capaz disso tudo, posso te garantir que isso é muito mais do que só um tipo de simbolismo com o frio.

- Cuidado ao elaborar? – Avery perguntou.

- Não - ele disse com uma risadinha. – Eu não posso fazer *todo* o seu trabalho. Qual seria a graça disso?

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Ele brincava com a ideia de enviar uma outra carta. Quase tinha deixado uma com o corpo no jardim de esculturas, mas sentiu que poderia prejudicar a apresentação. Sentou-se à mesa da cozinha, imaginando o que poderia escrever em outra carta. Sorriu enquanto pensava naquilo.

Policiais não são patinadores de gelo. Eles não entendem o gelo. Um tropeço no gelo e os ratos foram embora.

Ou alguma coisa desse tipo.

A imagem da mulher que havia vindo atrás dele no reservatório permanecia constante em sua mente. E o fato de que a mulher havia escorregado provava que ele estava destinado a fazer esse trabalho. Até mesmo a natureza o estava ajudando, o gelo finalmente percebeu a afeição dele por isso.

Mas ele também sabia que aquela mulher policial ter o encontrado no reservatório significava que eles o encontrariam logo. E estava tudo bem por ele. Quando começara tudo aquilo, ele queria terminar nas mãos da polícia. Já tinha conseguido a atenção da mídia. Então quando chegasse ao fim, haveria câmeras e repórteres. E ele poderia fazer saber que ele finalmente havia aprendido como enganar a morte – como recuperar o que tinha perdido.

Claro, ainda haveria nós a ser emdesatados no processo. Com mais alguns ajustes e experimentos, ele achava que poderia se aperfeiçoar. Ajustes que eram, em partes, sobre o tempo, mas também sobre força e a resistência do corpo. Para recuperar a beleza, o frio e o gelo faziam o trabalho. Mas para aproveitá-la... havia algo a mais – algo que ele ainda não havia aprendido a dominar.

Ele saiu da cozinha e entrou no banheiro. Olhou a si mesmo no espelho e o estudou. Havia algo muito feminino nele, algo com o qual aprendera a viver. No entanto, sempre que se via atraído por essas características femininas, isso o fazia pensar em sua mãe. E quando pensava em sua mãe, seu coração parecia se tornar cinzas e ele começava a temer tudo. Havia aprendido a afastá-la de sua mente há muito tempo, mas agora, próximo do fim de seu trabalho, voltara a enfrentar aqueles fantasmas.

Ele ficou confuso com sua sexualidade pela primeira vez quando tinha seis anos. Tinha muita certeza que ele era realmente *ela*. Ele podia lembrar

de vinslumbres fulgazes da garota que tinha sido uma vez (a garota que ele ainda era, supunha) e sentia falta dela. O longo cabelo loiro, os laços no cabelo, o sorriso de menina.

Mas por razões que ele nunca tinha entendido, sua mãe queria desesperadamente um garoto. E por qualquer coisa que ele fizesse que fosse de menina, ele era ridicularizado e punido. Lembrou de sua mãe o olhando enquanto tomava banho, apontando para área entre as pernas dele e dizendo que Deus havia errado – que ela tinha pedido um menino... que o mundo lhe *devia* um menino.

Foram os psicólogos e policiais que o fizeram perceber que embora sua mãe tivesse tentado controlar sua mente, a natureza não dizia o mesmo. Ele era uma garota que havia sido criada como um garoto por uma mãe com graves problemas mentais e emocionais.

Entretanto, por ser tão jovem, ele não tinha percebido os problemas dela. Certa vez, quando sua mãe ficou louca por ele ter pedido uma boneca de Natal, ele achara a cena normal. Quando apontou para alguns vestidos bonitos em uma loja e foi repreendido por isso, achara apenas que sua mãe não queria que ele os comprasse. E quando, em uma noite fria de inverno, sua mãe pressionou seu rosto na boca do fogão porque ele finalmente criou coragem para dizer pra ela que era uma menina e não queria ser um garoto, achara que aquela fora uma forma normal de punição.

Ele, ele pensou, olhando para si mesmo no espelho. *Ele. Dele.*

Correu seus dedos pelas cicatrizes daquela queimadura de tanto tempo atrás e estremeceu. *Mas você é ela*, ele pensou. *Ela. Dela. Tudo bem aceitar isso agora.*

- Não – resmungou.

Não só você é uma mulher, como também era uma mulher muito bonita.

Era uma verdade que doía. Quando a primeira família adotiva o pegou, eles o deixaram viver como uma menina. Eles aceitavam que ele tinha que fazer xixi sentado. Eles compraram um vestido para ele. Quando ele começou a ter sentimentos por garotos, eles aceitavam.

Então por que eu ainda me vejo como um garoto?

As perguntas eram como vespas, sempre rodando na cabeça dele (dela).

Quando eu for bonito de novo, vai ficar tudo certo. Quando eu roubar a beleza e juventude delas e congelar a morte... eu poderei finalmente ser livre.

Ele levantou a camiseta. Não tinha sutiã porque nunca usara um, nem mesmo a família adotiva que tinha o criado durante sua terrível adolescência havia comprado um para ele. Alguns homens haviam tocado os seios que ele via no espelho e a sensação fora boa na maior parte do tempo. Mas quando ele os via, tudo que sentia era vergonha. E, bem no fundo, um desejo de poder aceita-los, assim como o resto de sua forma feminina.

Quase, ele pensou. Quase...

Ele já tinha decidido que iria passar o resto do dia procurando sua próxima vítima... duas ou três mais.... é tudo que ele precisava. Ele tinha certeza disso.

Havia trabalho árduo a sua frente – um trabalho que nunca era fácil. Ele não gostava de tirar vidas, mas isso sempre parecia acontecer.

Ele foi para o quarto e olhou pela janela. Tudo estava congelado e sombrio lá fora, fresco e frio. Uma paisagem que era bonita do seu próprio jeito. E falava com ele. Chamava-o.

Caminhou para a cozinha e pegou as chaves no prego na porta da frente. O frio o chamava, e ele não tinha outra opção além de escutá-lo.

Se fosse honesto consigo mesmo, chegava a ser triste o quão fácil era pegar suas vítimas. Ele pensou nisso porque as mulheres se sentiam mais seguras com outras mulheres. E embora ele ainda se visse como um homem, as mulheres que ele atacava não o viam assim. Elas viam o cabelo comprido, a altura feminina e acima de tudo, a cicatriz no lado do rosto.

Ele estava estacionado no fim de um estacionamento de uma loja da Whole Foods, de pé na parte de trás da van. As portas estavam abertas e ele fez o que pode para agir – para desempenhar o papel. Ficou entre dois postes de luz dentro do estacionamento, levemente iluminado, mas não completamente aberto. O brilho das luzes era intenso na escuridão das primeiras horas da manhã. Eram seis e vinte e dois. Ainda não havia muitas pessoas na rua, o que tornava o momento perfeito. A loja abrira às seis e, entre as pessoas que haviam entrado e saído, ele não tinha visto nenhuma mulher do padrão que queria; algumas chegavam perto, mas não eram perfeitas.

Ele estava prestes de desistir de sua caçada naquele local e mudar para outro lugar quando viu uma mulher sair rapidamente de seu pequeno carro híbrido prata no início do estacionamento. A primeira coisa que ele notou nela, é que ela era alta. A segunda coisa foi que, mesmo no frio que fazia, ela estava vestindo shorts de academia que mostravam suas belas pernas. Ele olhou para o resto do corpo dela, que parecia ser muito promissor vestido com a camiseta apertada que ela usava. Ele sabia que provavelmente ela estava usando um sutiã esportivo também, então aquilo estava apertando o que havia por baixo.

Quando percebeu que havia definido sua vítima, um surto familiar de adrenalina e preocupação o tomou. Ele se sentiu tonto por um momento, apoiando-se na van e fazendo um esforço para se concentrar. Queria pegar essa vítima viva, e isso significava fazer papel de ator. Ele tinha que fazer a mulher acreditar dele e não ter medo quando ele falasse com ela.

Ele tinha chegando com um plano no caminho para o estacionamento. Era simples, mas ele achava que era por isso mesmo que poderia funcionar. E tudo que precisava era de uma chave de fenda e uma lâmpada de ré velha que de alguma forma aparecera em seu porta luvas alguns meses atrás. Quando viu a mulher que havia acabado de vir da academia para a loja, ele foi até o porta luvas e pegou a lâmpada de ré e a chave de fenda. Com isso em mãos, foi para a parte traseira da van de novo e fez o que pode para parecer ocupado. Ele se inclinou para que pudesse ver a janela da frente da loja, de olho nos caixas para que pudesse ver quando a mulher se aproximasse dali.

Dois carros entraram no estacionamento e três saíram até a mulher aparecer na janela. Ela foi para o caixa automático mais a direita com alguns poucos intencos na mão. Ele esperou até o momento em que ela passou seu cartão de crédito na máquina e então começou a caminhar para fora da loja. Ele se dirigiu na direção do carro híbrido da mulher e viu que havia cronometrado o tempo certo. Estava quase no carro dela quando ela saiu pelas portas automáticas.

Primeiro, ele fingiu nem a notar. Mas quando estavam quase cruzando seus caminhos, ele agiu como se tivesse a notado pela primeira vez.

- Ah, ei, com licença - ele disse, certificando-se de manter sua voz feminina e suave. Ele também colocou uma medida certa de timidez na voz.

A mulher o olhou e em dois segundos, viu a cicatriz no rosto dele e fez o que pode para esconder o choque – sem sucesso. Estava claro que o susto

a impedira de formar as palavras, então ele falou de novo antes dela ter uma chance.

- Isso é constrangedor, mas um policial acabou de me parar por causa da minha lâmpada traseira. Eu falei para ele que iria arrumar imediatamente. Eu sabia que aquela coisa tinha caído. Eu comprei uma nova três dias atrás e só não coloquei. Mas... bem...

Ele então mostrou seu dedo mindinho da mão esquerda – o que ele havia mergulhado no gelo seco por dez minutos no dia anterior. Não estava tão horrível como no dia anterior, mas ainda assim era feio.

De novo, a mulher teve um trabalho para esconder seu desgosto. Mas havia um tipo de pena na sua expressão também.

- Congelado - ele disse. – Eu fiz isso ontem e não consigo tirar a tampa da lâmpada traseira. Eu mal consigo sentir esse dedo. Não suporto ter que pedir um favor ridículo desse, mas você poderia abrir para mim?

A mulher pensou por um momento, e ele pode ver lentamente o alívio no rosto dela. Ela olhou para a chave de fenda e a lâmpada na mão dele e deu um leve sorriso.

- Claro - ela disse.

- Ah meu Deus, muito obrigada - ele disse, levando-a até a van.

Quando chegaram na parte traseira da van, ele a entregou a chave de fenda. Quando ela começou a tentar abrir a tampa, ele olhou para trás e viu que não havia ninguém no estacionamento. Havia apenas seis carros e nem uma pessoa.

Ele colocou a mão no bolso do casaco e retirou o pano com a mistura caseira. Podia sentir um leve cheiro, forte e adstringente, enquanto o tirava. Ele se aproximou da mulher por trás e colocou no rosto dela.

Mas a mulher foi rápida. Antes que ele pudesse apertar contra seu rosto, ela tinha sentido algo errado. Ela levantou rapidamente e afastou o pano. Ao mesmo tempo, seus braços estavam trabalhando, um se aproximando e quase batendo no rosto dele. Ele deixou o pano cair, bloqueou o soco e sentiu um chute. Ele bateu com força no peito dela e, sentindo que aquilo tudo estava indo longe demais, segurou o queixo dela e empurrou a parte de trás da cabeça contra o lado da van em dois movimentos consecutivos.

Os olhos da mulher viraram para trás e ela caiu contra a van. Ele a pegou antes dela cair no chão e usou a mão livre para abrir a porta lateral do carro.

Ele rapidamente a colocou na van, sendo cuidadoso para a cabeça dela não bater no assoalho enquanto ele colocava o corpo no meio da fila de bancos e atrás dos bancos do motorista e passageiro. Enquanto fechava a porta, o sentimento de excitação diminuía e se transformava em algo mais parecido com ansiedade. Seu estômago fervia como lava.

Ele olhou novamente para o estacionamento. Ainda não havia ninguém ali, mas alguém estava saindo pelas portas automáticas enquanto ele entrava no banco do motorista. Ele havia feito tudo sem ninguém ter visto. Silenciosamente, abençoou a noite por ser tão escura e o frio por manter as pessoas fora dali.

Sem ter ideia de quanto tempo a mulher ficaria desacordada, ele acelerou para casa, que ficava a cinco quadras dali. Ele verificou o espelho retrovisor para verificar se estava sendo seguido. Mas tudo que viu no retrovisor foi seu próprio reflexo e por um momento, ele quase pode admirar e apreciar a mulher que estava deitada atrás dele.

Ele ficou sentado na van no lado de fora de sua casa por cinco minutos, esperando alguns adolescentes que estavam na varanda de suas casas entrarem. Quando entraram, ele não perdeu tempo. Agindo o mais rápido possível, tirou a mulher da van. Fez o que pode para carregá-la como se ela estivesse desmaiada de bêbada caso alguém os visse, mas era muito difícil.

Mesmo assim, ele não estava muito preocupado com isso. Se ele tivesse a aparência física de um homem, poderia parecer suspeito. Mas nenhuma testemunha iria achar estranho duas mulheres tropeçando nos degraus para dentro, provavelmente acharia que eram apenas duas garotas que tinham saído e bebido demais.

Ele entrou pela porta da frente sem ninguém ter visto, fechando e trancando. Colocou a mulher cuidadosamente no sofá. Ela gemeu um pouco e começou a mexer os dedos.

É um bom sinal, ele pensou. Ela estará viva, mas não totalmente consciente quando eu a colocar lá dentro.

Com certeza, não era um hamster congelado... iria ser um pouco mais difícil. Mas talvez, iria funcionar dessa vez.

Ele a pegou e carregou para a soleira da escada. Suas escadas eram divididas em duas sessões, uma indo para cima e outra para baixo, sendo

que o encontro delas era no fim da sala de estar. Ele a carregou para baixo cuidadosamente. A mulher era mais pesada do que ele imaginava. Quando chegaram ao fim da escada, os braços dele estavam queimando.

Ainda assim, ele estava firme. Abriu o quarto que tinha sido seu escritório uma vez quando havia trabalhado em casa como editor. Mas a mesa e o computador não estavam mais ali. A única coisa que havia no quarto era um congelador de armazenagem velho. Ele comprara na internet um ano atrás e havia trabalhado nele desde então.

O banheiro ficava à direita e foi para lá que ele levou a mulher. Ele a colocou cuidadosamente na banheira e seus braços agradeceram pelo alívio. Ele então começou a coloca-la gentilmente em uma posição que o permitisse tirar as roupas dela facilmente. Sendo roupas de academia, elas saíram sem dificuldade. Ele as colocou em uma pilha no chão. Quando ela estava completamente nua, ele a estudou por um momento. Tinha que raspar as pernas dela; não estava feio, mas os pelos era notáveis. Ele também precisaria fazer algo na região pubiana.

Ele tinha uma pequena garrafa de spray na pia com sua mistura de clorofórmio. Apertou o spray uma única vez na toalha e segurou no nariz da mulher por alguns segundos. Observou o peito subir e descer enquanto ela respirava aquilo, sabendo mesmo uma pequena dose seria o suficiente para mantê-la imóvel por pelo menos outra hora e meia mais ou menos.

Ele então colocou água morna na banheira, enchendo cerca de quinze centímetros de água. Nos quinze minutos seguintes, lavou-a e raspou os pelos. Fez tudo com um grande cuidado, como se ela fosse uma pessoa valiosa de sua família que estava doente. Quando terminou, ele a secou e tirou a água da banheira. Terminou de secar com uma toalha e em seguida colocou várias toalhas no chão do banheiro. Ele a tirou da banheira e a colocou sobre as toalhas.

Olhando para ela, ele viu que estava certo. Ela era linda... até mais do que as primeiras mulheres que ele tinha usado em seu trabalho. Olhou para ela por um momento, na maior parte do tempo admirando seu rosto.

Impecável... que coisa linda.

Recuperando sua força novamente, ele a levantou do chão do banheiro e caminhou para o escritório. Apoiou o corpo da mulher contra o congelador e abriu a tampa. Na extremidade do congelador, onde ficariam os pés da mulher, havia um respiradouro onde o nitrogênio líquido iria entrar. Outro

respiradouro na parte superior, onde ficaria a cabeça, circularia o ar respirável para que ela não se sufocasse.

Ele olhou para o galão de dez litros de nitrogênio líquido na ponta do congelador. Havia tentado usar aquilo com as duas primeiras mulheres e o efeito não teve tempo de acontecer antes delas morrerem. Ele achava que elas tinham morrido por causa da inalação exagerada da sua mistura de clorofórmio. Era isso ou elas simplesmente tinham congelado até a morte e ele, em sua inexperiência, não conseguiu revivê-las.

Mas essa mulher... ela estava claramente ainda viva e ele havia usado muito pouco clorofórmio. Se ele pudesse checa-la – o que era difícil pela dificuldade dele em abrir a porta enquanto o nitrogênio trabalhava – ela poderia ser a escolhida.

Ele olhou para o relógio. Eram oito e cinco. Ele ajustou o alarme para sete horas depois. Ele teria que ter saído com ela até aquele horário. Era um jogo complicado, realmente. E se não funcionasse com essa mulher, ele teria que tentar com outra... e outra, e outra, até que funcionasse.

Ele estava sorrindo quando levantou a mulher e cuidadosamente a colocou no freezer. A tampa estava a oito centímetros do tapete, então era difícil coloca-la no fundo, mas com muito esforço, ele conseguiu. Ela era mais alta que as outras, então ele teve que dobrar seus joelhos para que pudesse caber naquele espaço.

Ele fechou a porta devagar e com cuidado, fechando os olhos e saboreando o som que ela fazia ao fechar. Um cadeado aberto pendia em uma dobradiça que ele mesmo instalara, uma no topo da tampa e outra no corpo do congelador para mantê-lo fechado.

Ele então ligou o interruptor de ar e esperou pelo barulho do vento circulando ali dentro. Aquele interruptor tinha sido o mais difícil de criar, já que ele teve que contratar um mecânico supeito para fazer o serviço. Quanto a válvula de nitrogênio líquido, alguns vídeos e um pouco de estudo em mecânica haviam dado a ele tudo que era necessário. Claro, tudo era ainda incrivelmente perigoso, mas ele não havia tido problemas até então.

Por fim, ele ligou o nitrogênio líquido. Ouviu um ligeiro ruído enquanto o nitrogênio passava do tanque para o congelador.

Antes de sair, ele trancou a fechadura. O som daquilo fechando era, de alguma forma, mágico para ele.

Ele olhou para o freezer por um longo tempo. Com as outras mulheres, ele havia colocado os corpos dela em forma que achava apropriado. A

última ele tinha colocado no parque de esculturas, principalmente para provocar a polícia. Para chamar atenção. Mas principalmente porque ela era *muito* bonita; ela merecia um lugar artístico.

Ele finalmente se afastou do congelador e subiu as escadas. Estava indo ligar para o trabalho e dizer que estava doente hoje, mas estava tudo bem com ele. Eventualmente, ele seria descoberto e até quando pudesse provar seu trabalho – que era possível capturar a beleza e aproveitá-la – ele seria visto como um mostro. Ele sabia e entendia aquilo... mas tudo valeria a pena no final.

Como se fizesse uma promessa para si mesmo, ele passou a mão pela cicatriz no seu rosto e começou a chorar silenciosamente.

CAPÍTULO TRINTA

Avery estava estudando as duas cartas do assassino e tomando uma xícara de café para iniciar o dia. O café de sua casa era como champanhe comparado ao café fraco do hospital. Ele fez o que pode para focar no que estava fazendo e deixar o trauma das últimas vinte e quatro horas para trás. Mesmo que seu coração ainda estivesse no hospital com Ramirez, ela também tinha trabalho a fazer. Enquanto olhava para as cartas, relendo várias vezes buscando algum tipo de pista, deu-se conta de algo.

O homem que eu persegui no reservatório... era definitivamente o assassino. Ele não estava esperando que ninguém o encontrasse ali. Não havia nenhuma nota para provocar os policiais ou para se gabar sobre o que tinha feito com Carolyn Rodgers. Isso provavelmente porque quando eu apareci no reservatório, desarmeí o jogo dele. E isso pode significar que ele vai agir mais rápido agora – e isso significa que as chances dele cometer erros são muito maiores.

Ou talvez usar Carolyn também foi um tipo de carta, ela pensou.

Os últimos comentários de Howard Randall pairavam sobre sua cabeça: *Para um homem capaz disso tudo, posso te garantir que isso é muito mais do que só um tipo de simbolismo com o frio.*

Enquanto tentava decifrar aquilo tudo, Avery ligou para Finley para saber se havia perdido algum detalhe ou novidade enquanto descansava. Ele parecia satisfeito em ouvi-la, mas ela podia sentir que ele estava desconfortável para falar sobre Ramirez.

- Bem - Finley disse, - a mídia está oficialmente chamando esse cara de Assassino do Gelo.

- Que agradável - Avery disse.

- De qualquer forma... Rustin George ainda está em uma cela. Ele ficará lá por um tempo. Ele admitiu algumas coisas desagradáveis, confessando crimes dos quais ele não tinha sido acusado no passado. Se ele não for nosso assassino, ele vai acabar ficando ali um tempo de um jeito ou de outro pelo que fez com Ramirez, claro.

- E sobre a foto que conseguimos na biblioteca? – Ela perguntou.

- Está nos arquivos, mas está granulada e é quase inútil. Assim que colocamos nos arquivos, recebemos ligações do FBI. É basicamente um jogo de espera agora; O'Malley espera a ligação final a qualquer momento

para eles assumirem o controle. Ele está na Prefeitura, falando com o prefeito para fazer com que isso não aconteça.

- Obrigada, Finley.

Ela desligou o telefone antes dele ter tempo de perguntar como ela estava. Olhou para os arquivos e para o quadro branco, tentando amarrar as pontas soltas com teorias vagas que ela havia começado a montar depois de ter falado com Harold Randall.

Ao enxergar os assassinatos pelo ponto de vista de alguém que talvez pudesse estar vendo o ato da morte e a apresentação dos corpos mais como um ato metafísico do que um mero ato violento, trazia novas opiniões. E também apresentava novos motivos. Talvez o homem tinha algum problema com as mulheres que ainda não tinha sido descoberto. Talvez ele via as mulheres como imorais.

Havia muitas maneiras aterrorizantes de enxergar aquilo tudo.

Avery de novo foi até o quadro branco e fez novas notas, olhando para as fotos e relatórios aleatórios que ela tinha colocado no quadro com imãs. Na verdade, o que ela escreveu não era novidade. Ela havia escrito várias vezes nos últimos dias, mas com uma nova perspectiva, elas *pareciam* novas.

Duas jovens garotas. Uma de mais ou menos trinta.

Beleza. Perfeição. Sem falhas (exceto a tatuagem, fortemente esfregada).

Gelo = corações congelados? Tempo congelado? Pureza?

Ela se viu traçando uma linha para conectar *Perfeição* e *Tempo congelado*.

Alguma coisa naquilo parecia se conectar. Ela tinha se perguntado há dois dias se o assassino estava tentando preservar a beleza. Mas se fosse congelando essas mulheres por causa da sua beleza e se houvesse, de fato, algum tipo de metafísica por trás disso tudo, talvez o que ele queria não era simplesmente preservar a beleza.

Talvez ele está tentando captura-la, ela pensou. *Talvez ele está tentando congelar essas mulheres na esperança de pegar a beleza delas.*

Era estranho como ela podia ver sentido essas teorias psicóticas tão facilmente. Mas para entender um assassino, era preciso aprender a pensar como um assassino. E assim, outra ideia apareceu em sua mente. Era uma ideia tão óbvia que ela imaginou como não tinha pensado nisso antes.

Porque é absurdamente incerto, ela disse a si mesma.

Mas ela não tinha outras opções e de uma maneira estranha, essa ideia parecia fazer sentido. Com a ideia tomando forma em sua cabeça, ela pegou o telefone na mesa e ligou para Finley novamente. Ele atendeu rapidamente com um simples:

- Sim?
- Finley, eu tenho um pedido estranho pra você.
- Bom. Quanto mais estranho melhor.
- Você consegue juntar algumas informações do A1 sobre laboratórios ou centros de pesquisa de criogenia?
- Crio o que? Avery, você está brincando?
- Não.
- Isso não é só umas porcarias de ficção científica?
- Eu não sei - ela disse. – Espero que nós possamos descobrir.

A pesquisa não demorou muito para ser feita porque havia apenas um lugar na área metropolitana de Boston que batia com o que eles estavam procurando. A Crioterapia Parceiros e Soluções ficava na área de Back Bay e, mesmo que Avery estivesse esperando algo muito parecido com Esben Tecnologias, ela encontrou uma coisa totalmente diferente. O local se vendia como um spa de luxo que, de acordo com o site, “oferecia soluções de crioterapia de ponta para evitar sinais e dores que apareciam com a idade.”

Quando ela leu a palavra *spa*, quase desistiu, mas quando leu o slogan, ele a chamou a atenção. Se seu novo palpite estivesse correto e esse cara estivesse realmente tentando de algum jeito capturar e preservar a beleza com o uso de temperaturas extremamente frias, as chances eram boas de que os interesses dele tinham relação com o que a Crioterapia Parceiros e Soluções oferecia.

Ela telefonou no caminho, marcando uma reunião com a gerente. Avery não disse que era detetive, simplesmente marcou uma reunião para entender mais sobre o que a empresa fazia e como suas atividades ocorriam. Por isso, a gerente ficou mais do que feliz em agendar o encontro.

Depois disso, ela ligou para o hospital. Depois de ser transferida de mesa em mesa, finalmente conseguiu falar com uma enfermeira sobre Ramirez. Suas condições não haviam mudado, o que, de acordo com a

enfermeira, poderia ser visto tanto como algo positivo quanto como negativo. Avery então recebeu a garantia de que seria a primeira pessoa a ser chamada a qualquer sinal de mudança, para o bem ou para o mal.

Ela estacionou em frente ao prédio, que tinha um design luxuoso. Era a parte da cidade onde o aluguel para um lugar daquele deveria ser astronômico. Isso a fez assumir que os preços dos serviços que eles ofereciam eram igualmente ultrajantes.

Ela caminhou para dentro e conversou rapidamente com a recepcionista que parecia ter sido tirada de uma revista *Maxim*. Depois de ser avisada que a gerente estaria com ela em breve, Avery sentou na pequena sala de espera. Um jazz suave tocava nos autofalantes e as luzes eram bem baixas, fazendo com que o local parecesse mais com um café do que um spa de ponta. Ela pegou um folheto de uma pequena estante na parede e começou a folhear.

Todas as informações ali haviam sido tiradas do site. Era bem vago, o que fazia sentido. Ela imaginou que a parte científica daquilo cansaria o leitor. Ela achou as figuras do folheto interessantes. Uma das três imagens mostrava uma mulher que parecia ser feita de plástico em algo que parecia uma câmara de bronzeamento futurística que havia sido inclinada para frente de modo a se levantar na vertical. A mulher estava usando um tipo de roupa branca grossa que parecia com os aventais de chumbo que se utiliza para fazer raio-x. Uma névoa branca saía da máquina, envolvendo a mulher de uma forma quase sensual pelas pernas.

A atenção de Avery foi atraída para longe daquela máquina estranha quando alguém entrou na sala por trás da área de recepção. Ela olhou para cima e viu uma mulher que parecia ter uns quarenta anos. Ela usava óculos de estilo bibliotecária e seu cabelo estava amarrado em um coque. Ela parecia quase que irritantemente alegre... o que Rose chamaria de *efusiva*.

- Você é Avery? – A mulher perguntou.

- Sou.

A mulher estendeu sua delicada mão para cumprimentar e disse:

- Eu sou Leslie Deacon, a gerente aqui da Crioterapia Parceiros e Soluções. Venha comigo e nós iremos conversar.

- Obrigada - Avery disse, largando o folheto e acompanhando Leslie pela porta ao lado da janela da recepção. Leslie a levou por um salão iluminado onde tudo era branco: a pintura das paredes, as fotos no corredor, até o tapete. Elas passaram por alguns pequenos escritórios antes de chegar

em um maior. Leslie se sentou atrás da mesa e apontou para Avery sentar na outra cadeira, ao lado da mesa.

- Agora - Leslie perguntou, - você está interessada em crioterapia para razões cosméticas básicas ou há alguma doença ou lesão que você gostaria de melhorar?

- Nenhuma delas, na verdade - Avery disse. – Suponho que eu devo ser sincera, na verdade. – Com isso, ela tirou a identidade do bolso da jaqueta e mostrou para Leslie. – Eu sou Avery Black, do setor de Homicídios. Eu preciso saber tudo que eu puder sobre o que vocês fazem aqui.

Os olhos de Leslie se arregalaram. A expressão da mulher era de quem não estava esperando o envolvimento da polícia em seus negócios. *E aquilo significava que ela não era culpada*, Avery pensou.

- Nós estamos... com algum tipo de problema? – Leslie perguntou. – Tenho que dizer, nós nunca tivemos nenhum problema legal antes.

- Não, nada disso. Eu estou trabalhando em um caso onde o suspeito é mais do que obcecado pelo gelo. Suas ações e maneiras indicam que ele tem algum tipo de separação da realidade, pensando que ele pode potencialmente congelar a beleza e talvez até captura-la para si mesmo. Eu só quero ter uma melhor compreensão do trabalho de vocês aqui na esperança de entender um pouco melhor.

- Meu Deus - Leslie disse. – Isso é terrível. Hum... sim, eu posso dizer tudo que você precisar saber.

- Só o básico - Avery disse. – O que vocês fazem aqui e como funciona?

- Bem, crioterapia não é algo realmente novo, mas *só* se tornou popular recentemente em alguns círculos. Começou em Hollywood – uma dessas coisas terapêuticas que é muito caro e obscuro para qualquer pessoa, menos para os de Hollywood. Mas está chamando atenção. Basicamente, crioterapia envolve submeter seu corpo a temperaturas extremamente frias. Seu corpo é essencialmente enganado ao pensar que você vai congelar até a morte. Quando isso acontece, entra em modo sobrevivência. E quando isso acontece, seu sangue é enviado para todos os órgãos vitais, fazendo um tipo de trabalho extra. Isso queima gordura melhor do que qualquer outro método que existe. É incrível. Então quando o processo acaba, todo o sangue oxigenado volta a suas extremidades... e isso é um modo muito eficiente de eliminar toxinas prejudiciais. Portanto, são vários benefícios.

- E esses benefícios foram provados? – Ela perguntou.

- Vários estudos indicam que sim. Mas a Administradora de Comidas e Drogas dos EUA não viu provas o suficiente, então eles fazem questão de dizer que eles nunca viram uma evidência real nos seus estudos e relatórios. Como você pode imaginar, é um procedimento bastante controverso.

- Você já experimentou a crioterapia? – Avery perguntou.

- Sim, várias vezes. Vale a pena notar que os benefícios anti-idade são muito óbvios de ver. Pergunte a qualquer pessoa que experimentou o tratamento. É uma maneira quase infalível de estimular o metabolismo, estimular a produção de colágeno, e reduzir todos os tipos de inflamações, mais visíveis em torno nas articulações.

- E quanto frio exatamente faz ali?

- Nós programamos nossa criosauna a menos cento e quarenta.

O número foi surpreendente para Avery – tanto que ela achou que Leslie estava brincando no início.

- Desculpe - Avery disse. – Você disse cento e quarenta negativos?

- Sim.

- E por quanto tempo a pessoa fica na câmara?

- Eles ficam na criosauna – não é uma câmara – por mais ou menos dois e meio a três minutos.

- E eles saem bem?

- Sim. Há um ligeiro processo de recuperação, claro. E há algumas precauções de segurança a serem tomadas. Nós nos certificamos que cada cliente não esteja suado. E se eles estiverem suados antes de entrar, nós o fazemos esperar. Vamos o incentivar a secar o suor com uma toalha.

- E o que há de errado com o suor? – Avery perguntou.

- Fica frio o suficiente lá dentro ao ponto de que uma simples gota de suor pode causar queimaduras

Meu Deus, Avery pensou. As coisas que as pessoas fazem para parecer jovens...

- E o que você usa para ficar tão frio lá dentro?

- Nós usamos nitrogênio líquido que é cuidadosamente regulado por um sistema altamente avançado. Despejamos na criosauna até alcançar a temperatura desejada. É tudo controlado por um termostato altamente sensível no computador.

Mesmo que Avery achasse tudo aquilo fascinante e igualmente difícil de entender, ela sentiu que a conversa estava indo para longe de onde precisava ir.

- Quais tipos de requisitos são necessários para trabalhar aqui? – Ela perguntou.

- Depende da posição, claro - Leslie disse. – A maioria de nós tem experiência terapêutica em algum grau, com exceção de Anna, a recepcionista.

- E quantas pessoas são autorizadas a operar a criosauna?

- Bem, tem eu e um outro que supervisiona cada sessão, mas os controles são bem simples. É tudo bem automatizado. Literalmente basta apenas apertar três botões e a sessão acaba.

- E como funciona o processo de contratação?

Leslie pareceu verdadeiramente perturbada pela primeira vez desde que entrou na sala de espera cerca de quinze minutos antes. Havia um brilho de irritação em seu rosto.

- Me perdoe - ela disse, - mas isso é um jeito de me perguntar se eu acho que algum empregado da Crioterapia Parceiros e Soluções pode ser seu assassino?

- Sim, é aí que eu quero chegar - Avery respondeu. – Pelas informações que temos, pelo menos vale a pena verificar.

Ela vai contestar mas vai ceder, Avery pensou. Ela é muito educada e muito profissional para causar confusão.

- Bem, isso é ridículo.

- Ok, vamos mudar um pouco de assunto - Avery disse, querendo manter as coisas o mais civilizado possível. – E os clientes? Tem algum que venha aqui e com o qual você não se sente segura? Algum fora do normal?

Leslie pensou naquilo por um momento e então balançou a cabeça.

- Nenhum que eu possa lembrar.

- Ok. Então eu terei certeza que você não vai se importar quando eu falar com seus funcionários - ela disse. Ela não perguntou... ela *disse*. Era o que ela iria fazer.

- Bem, somos em apenas sete. Cinco estão aqui hoje. O sexto está de férias em Maui. O sétimo ligou dizendo que estava doente ontem e ainda não está se sentindo muito bem.

- Por quanto tempo esse sexto está em Maui?

- Uma semana. Ela volta em dois dias.

- E sobre o empregado que está doente?

Por um rápido momento, Avery viu um olhar inquieto no rosto de Leslie. Era claro que Leslie sabia que Avery havia notado porque ela olhou

para a mesa.

- Ela teve alguns problemas ultimamente. Do tipo comportamental. Ela foi rude com alguns clientes e reclamou de dores de cabeça. Eu gostaria de demiti-la... mas eu me sinto mal por ela.

Ela, Avery pensou. Muito provavelmente não é o assassino.

- E por que você se sente tão mal por ela?

- Parece superficial, eu sei... mas ela tem uma cicatriz no rosto – alguma coisa que ela tem desde que nasceu. Eu acho que é importante ter alguém como ela aqui para que as pessoas que vem não acharem que temos uma empresa cheia de Barbies, sabe? Eu acho que é importante entender que algumas vezes a vida nos trata assim e isso é normal.

Você está certa, não parece superficial, Avery pensou. Contratar alguém para cobrir algum tipo de cota para que as pessoas não pensem que você está discriminando. Elegante.

Avery pensou naquilo tudo e mesmo que alarmes não tivessem soado em sua cabeça, havia sim algumas coisas que não pareciam estar certas.

Problemas de comportamento. Dores de cabeça. Doente por dois dias...

E ela aparentemente tinha algum tipo de cicatriz física. Isso pode desencadear alguma tentativa de capturar e aproveitar a beleza.

- Eu gostaria do nome e endereço dessa empregada doente, por favor. – Avery disse.

- Eu não acho que é necessário. E também seria uma violação da segurança.

- Alguns podem ver dessa forma. Entretanto, você sabe quem *não* vai ver assim? O prefeito. Ele quer isso resolvido o mais rápido possível antes dele ter um desastre público em suas mãos. Então, se eu ligar para ele e dizer que você está segurando a investigação—

- Tudo bem, tudo bem - Leslie disse amargamente. – Eu posso passar para você agora.

Boa garota, Avery pensou.

- Obrigada. E nesse meio tempo, eu gostaria de falar um pouco com seus outros funcionários também.

- Fique à vontade - Leslie disse, agora sem sequer se esforçar para esconder o fato que estava ficando irritada.

Avery saiu do escritório e assim o fez. Ela falou com os outros quatro funcionários que estavam lá. Eles foram úteis, querendo ajudar como pudessem. Todos pareciam acreditar nos benefícios da crioterapia, mesmo

que ela não tivesse perguntado sobre isso. Os diálogos pareceram inúteis até que ela falasse com a quinta empregada – Ana, a recepcionista.

Quando Avery a perguntou sobre a empregada doente que tinha constantes dores de cabeça e recentemente teria sido rude e desagradável com alguns clientes, Anna virou os olhos.

- Essa é Erin. Ela é... bem, ela é interessante.

- E por que você diz isso?

Anna mordeu o lábio e desviou o olhar por um momento.

- Eu realmente não quero fazer fofoca ou falar mal de ninguém.

- Até mesmo quando você pode ajudar a polícia a responder algumas questões?

Anna deu um suspiro e encolheu os ombros.

- Ela me olha de uma forma bem estranha as vezes. Não é um olhar *sexual*, mas eu sinto que ela está me avaliando para alguma coisa. Não é o mesmo quando você sabe que um cara está tipo te tirando a roupa com os olhos, mas é perto. Como uma versão obscura disso.

Avery acenou com a cabeça e começou a ter aquela excitação familiar no estômago – a excitação que vinha quando ela sabia que as coisas a levariam a algum lugar. Ela olhou para Anna e a viu muito bonita e impecável, como as três mulheres que o assassino tinha pego até agora. Ela era pequena, como as outras, o rosto bonito, comportamento e brilho que sugeriam que tudo embaixo de suas roupas era perfeito.

- Ela alguma vez te incomodou fisicamente? – Avery perguntou.

- Não. De fato, agora pensando nisso, é como se ela me evitasse.

- E a cicatriz... ela nunca chamou atenção para isso?

- Não de propósito - Anna disse. – Mas algumas vezes eu vi ela tipo passando os dedos ao longo da cicatriz como um tipo de hábito. Bem aqui, no lado do rosto e na parte inferior dos lábios. – Anna passou os próprios dedos pelo rosto para mostrar para Avery.

Foi quando Leslie entrou na área da recepção. Ela tinha uma folha com algumas básicas informações ali.

- Erin DeVoss, Leslie disse, entregando o papel para Avery. – Eu realmente gostaria que você não falasse para ela que eu dei o endereço. Honestamente eu não sinto que deveria. Erin tem seus problemas, claro. Mas ela não é uma assassina. Essa ideia é ridícula.

- Tenho certeza - Avery disse, sem ter certeza. – Mas eu preciso verificar.

Quando saiu do escritório, ela pode perceber os olhos de Leslie Deacon a acompanhando enquanto passava pela porta. Mas Avery não se importou. Isso a instigava porque embora Leslie insistisse que Erin DeVoss não era capaz de ser uma assassina, Avery sabia reconhecer preocupação em um olhar.

E naquele último olhar entre elas, foi exatamente isso o que ela viu em Leslie Deacon.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Avery estacionou seu carro em frente a casa de Erin DeVoss, bem atrás de uma van vermelha. Ela marcou a van em um checklist mental. *Uma van... perfeita para transportar corpos.* Ela olhou para a casa por um minuto e pegou o telefone. Seu coração ficou despedaçado quando ela, por instinto, buscou direto para o número de Ramirez. Com um nó na garganta, procurou o número de Finley. Ele atendeu rapidamente, ansioso para agradar no novo papel que Connelly o colocara ou realmente preocupado com ela.

- Olha,- ela disse. – Eu tenho algo que pode ser uma pista forte. Eu só queria te passar o endereço do local caso eu precise de ajuda.

- Quer que eu vá agora? Acho que O'Malley poderia ir comigo.

- Não, ainda não. Deixe eu dar uma olhada no suspeito primeiro. – Ela então passou para Finley o nome e endereço de Erin, assim ele o teria em mãos se ela precisasse de ajuda por algum motivo.

Feito isso, ela finalmente saiu do carro. Antes de ir para a casa de Erin, ela verificou a van. Estava um pouco irregular no exterior e definitivamente parecia fora de lugar em frente à casa onde Erin morava. Aquela era uma parte boa da cidade, onde Avery tinha certeza que o aluguel por uma casa nesse condomínio era pelo menos o dobro do aluguel do apartamento dela. Era o tipo de lugar que pessoas que gastavam com coisas como crioterapia viviam.

A van parecia limpa, embora ela tenha reparado que o banco de trás havia sido dobrado para abrir mais espaço. Ela se afastou da van e foi até a porta da frente. Bateu, ainda sem ter certeza de como iria começar a questionar Erin DeVoss. Ela teria que ser astuta já que iria jogar com os delírios de Erin.

A porta não foi atendida e Avery bateu pela segunda vez. Ela ficou de pé na varanda por quase um minuto antes de ouvir passos se aproximando do outro lado da porta. Quando foi atendida, a porta se abriu cerca de dois centímetros, apenas o suficiente para ver com olho para fora.

- Posso ajudar? – A mulher do outro lado falou. Avery notou na hora que a mulher havia se posicionado de maneira que o lado esquerdo do rosto ficara escondido.

- Acho que você pode - Avery disse. – Eu sou a detetive Black e estou investigando um assunto muito sério sobre as pessoas com quem você trabalha. Você trabalha na Crioterapia Parceiros e Soluções, certo?

Erin ficou quieta por um momento, mas Avery estava com dificuldade de ler suas expressões. Ela parecia alarmada, claro, mas Avery não via medo em seu rosto.

- Isso mesmo - ela finalmente disse. – Tem alguma coisa errada? – Ela perguntou.

- É o que eu estou tentando descobrir - Avery disse. – Por favor... você pode me deixar entrar? Eu tenho apenas algumas questões básicas para você.

E ali estava: medo. Brilhando nos olhos de Erin por uma fração de segundos. Como se sentindo que estava se entregando, Erin recuou e olhou para o chão. Ela abriu a porta e permitiu que Avery entrasse.

Ela olhou o lugar de uma vez, estudando e observando. Uma sala de estar muito bem decorada estava à esquerda. Era bem cuidada e arrumada, com um carpete azul claro. À esquerda, havia escadas que levavam tanto para cima quanto para baixo.

Mas o lugar não foi o que a alarmou. Foi a *sensação*. O lugar era absolutamente frígido. Ela podia ouvir o aquecedor elétrico fazendo barulho na casa, mas tinha certeza de que o aparelho não havia sido ligado recentemente.

Erin a levou para a sala de estar como uma boa anfitriã. Avery sentou na ponta de um pequeno sofá enquanto Erin permaneceu em pé.

- Obrigada, - Avery disse. – Leslie me falou que você estava doente. Você está melhor?

- Acho que sim - Erin disse. – Acho que era apenas um desses terríveis resfriados, sabe?

- Esses são os piores - Avery disse.

- Então... de que tipo de problema nós estamos falando? – Erin perguntou.

Direto ao ponto... e gosta de conversar. Além disso, se ela estivesse realmente doente, por que estaria tão frio aqui?

Destemida, Avery continuou, tentando agir como se não estivesse com frio além do normal.

- Bem, existe um relatório por aí sobre alguns criospas usando temperaturas extremas. Como eu tenho certeza que você sabe, isso pode ser

fatal. O departamento de polícia de Nova York já fechou alguns lugares lá por baixarem a temperatura em cerca de seis graus abaixo do recomendado de cento e quarenta negativos. Um cliente chegou a entrar em choque e teve danos cerebrais.

- Meu Deus - Erin disse. Pela primeira vez, ela olhou Avery de frente. Avery viu a cicatriz ao lado do seu rosto. Ela já tinha visto piores em seu trabalho e era capaz de estudá-la sem olhar fixamente.

- De qualquer forma, nós falamos com Leslie hoje e tudo que ela disse parecia estar correto - Avery disse. – Mas quando eu fiquei sabendo que havia um empregado fora por estar doente, eu tive que arriscar. Eu percebi que poderia ter uma resposta mais honesta de um empregado que não estava cercado pelos seus colegas de trabalho no momento. Tenha certeza, Leslie não tem ideia que estou aqui. Assim, qualquer coisa que você puder revelar, ela não vai saber que veio de você. Você tem minha palavra.

- Entendi - Erin disse.

No meio de sua explicação, Avery viu um alívio onde tinha visto medo alguns momentos antes. Isso significava culpa na maioria dos casos. Erin estava com medo quando ela percebeu que estava recebendo uma visita de um detetive, mas então teve um alívio quando ficou sabendo da razão tosca da visita.

Então ela começou a falar e o quando fez, sua mão esquerda foi para o lado do seu rosto. Anna havia mencionado aquilo – um tic nervoso que Erin tinha. Avery a viu fazendo aquilo e notou o dedo mindinho descolorido em sua mão. Ela não tinha certeza do que significava no início, mas poderia muito bem ser de congelamento.

É ela, Avery pensou. Mas então o assassino era uma mulher o tempo todo?

Ela estava se sentindo tão certa que quase parou de prestar atenção enquanto Erin respondia as perguntas falsas de Avery da melhor maneira possível. Ela pegou o final da frase, ouvindo o suficiente para permanecer confiante de que Erin não suspeitava de nada. Ela *parecia* estar nervosa, mas seu comportamento sugeriu que ela ainda estava aliviada – quase como se estivesse desviado de uma bala.

- ... e Leslie realmente tem os melhores interesses no coração - Erin estava dizendo. – Ela é uma mulher verdadeiramente profissional e se *tem* alguma coisa desonesta, alguma coisa *insegura*, então eu não sei de nada sobre isso. Entretanto, isso me surpreenderia.

- Bem, bom saber isso - Avery disse, se levantando. – Senhorita DeVoss, eu te agradeço muito por seu tempo. Acho que isso é tudo.

Erin se levantou rapidamente, claramente ansiosa para mostrar a saída para Avery. Avery parou por um momento, sem sequer olhar em direção da porta.

- Ah, tem uma coisa a mais - Avery disse. Ela não se moveu, ficando em pé entre Erin e a sala de estar. Atrás de Erin, um pequeno corredor conduzia à cozinha. Antes da cozinha, estavam as escadas que conduziam para cima e para baixo.

- Sim? – Erin perguntou.

- Você por acaso conhece uma mulher chamada Carolyn Rodgers?

- Acho que não - Erin disse, muito rapidamente para Avery.

- E Patty Dearborne ou Sophie Lentz?

- Creio que não - Erin disse. Avery não pode perceber se ela estava sendo honesta ou não. Pelo que Avery sabia, Erin não sabia os nomes das mulheres que havia matado.

- E você poderia me dizer o que aconteceu com seu dedo mindinho da mão esquerda? Parece que foi um congelamento.

A última palavra – *congelamento* – foi o que bastava. Os olhos de Erin se arregalaram, mas ainda assim, o medo era apenas fulgaz. O que Avery viu era quase desafiador.

Você me pegou, aqueles olhos pareciam dizer. E então?

Avery puxou a arma. Ela não levantou para aponta-la para Erin, mas ela a mostrou.

- Erin... por que você não me leva para um tour em sua casa?

Erin não disse nada de primeira. De fato, ela pareceu se divertir.

Claramente algum tipo de pausa mental... ela não estava pensando claramente. Ou, ao contrário, ela está, mas seus pensamentos não são claramente lógicos. Isso pode ser ruim. Eu deveria ter falado para Finley mandar reforços naquela hora.

- Você não precisa de um mandado? – Erin disse.

- Provavelmente - Avery disse, afastando sua preocupação. – Mas com as coisas que eu acredito que você fez, eu tenho certeza que a falta de um mandato será desnecessária quando tudo estiver terminado. Então, vamos poupar tempo e incomodação, certo?

De novo, Erin ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder.

Ela está sentindo... buscando uma saída para isso. Mesmo que ela tenha trabalhado para ser pega, ela queria uma saída. Talvez ela sinta que seu trabalho ainda não está terminado.

- Não tem nada aqui - Erin finalmente disse.

Avery percebeu que o comportamento de Erin não havia mudado nada desde que a arma tinha sido puxada.

- Você tem certeza disso? Julgando pelas cartas que você mandou para a polícia e a mídia, parece que você *queria* ser pega.

Erin soltou um enorme suspiro e então finalmente seus olhos viram a arma. Ela balançou a cabeça e sorriu preguiçosamente. Aquele sorriso era de orgulho. Ela sabia que seu jogo estava acabando, mas ao invés de ficar chateada, ela estava *orgulhosa* do que havia feito.

- Não é que eu queria ser pega... não mesmo - Erin disse. – Mas eu queria que as pessoas soubessem sobre o que eu estava fazendo. Queria que as pessoas compartilhassem meu conhecimento – o conhecimento de que podemos vencer a morte. Podemos engana-la.

Peguei, Avery pensou. Puta merda. Ela é arrogante ou simplesmente não se importa com o que acontece?

- Diga isso para as três mulheres que eu acabei de mencionar - Avery disse.

- Você não entende.

- Eu entendo mais do que você acha - Avery disse. – Não se mexa.

Erin permaneceu imóvel, olhando para a arma. Sem ter escolha, Avery levantou e apontou para o peito dela. Ela pensou na estrutura da casa, imaginando qual seria seu melhor movimento.

Onde posso encontrar evidências? Cozinha? Quarto? Não... provavelmente no andar de baixo. É fora das vistas e provavelmente a parte mais baixa da casa... tornando a saída e limpeza fácil.

- Andar de baixo - Avery disse. – Agora.

Lentamente, Erin se dirigiu para as escadas. Ela estava hesitando em virar as costas pra Avery, mas virou-se enquanto descia as escadas.

- Eu não tinha certeza de quanto tempo levaria para a polícia descobrir isso - Erin disse. – Eu estava esperando que iria mais longe e o FBI talvez se envolvesse. Quanto mais atenção meu trabalho tiver, melhor.

Você estava muito perto, Avery pensou.

Erin chegou ao final da escada e se virou para olhar Avery no mesmo instante. Avery manteve a arma apontada enquanto ela descia. À frente

delas, um corredor conduzia a uma pequena passagem que levava para uma varanda nos fundos. Havia apenas uma porta ao longo do corredor à frente delas. Avery teve certeza de que escutou alguma coisa elétrica trabalhando atrás da porta.

- Aquele quarto - Avery disse, apontando com a cabeça para a porta.

- Bem, eu não posso entrar ali agora - Erin disse. – Estou no meio de algo.

O jeito que ela falou fez Avery ter certeza que Erin DeVoss era mentalmente instável. Ou ela não tinha medo algum da repercussão que aquilo teria ela realmente não achava que estava fazendo algo errado.

Avery foi para mais perto dela, a arma ainda apontada.

- Você vai abrir ou eu vou.

Ela já queria dar voz de prisão para ela ali, mas até então não tinha *visto* na verdade alguma coisa. Ela tinha a confissão, claro. Mas essa mulher estava claramente fora de prumo, e sua confissão poderia não significar muito.

Com os ombros encolhidos, Erin caminhou em direção a porta. Ela girou a maçaneta lentamente, quase como se estivesse provocando Avery, e abriu. Ela entrou lentamente e Avery pode ver as engrenagens girando na cabeça de Erin. Ela estava tentando encontrar um jeito de sair daquilo, um jeito para—

Quando Avery viu o grande congelador na parede mais distante, ela parou. Um tanque de algum tipo estava acoplado em uma ponta. Havia um barulho e um chiasso bem fraco.

- O que tem ali? – Avery disse.

- Não seja estúpida - Erin disse. – Você sabe.

Avery correu para o congelador, mantendo a Glock apontada para Erin. Ela tentou abrir o congelador com a mão livre, tão confusa com tudo aquilo que não notou o cadeado por alguns segundos.

- Onde está a chave? – ela disse.

- Eu não acho que—

- Me dê a chave agora ou eu vou descobrir como desligar essa coisa sozinha.

Erin avançou novamente encolhendo de ombros, sem graça. Ela colocou a mão no bolso da frente da calça jeans e tirou um molho de chaves. Ao passar por Avery, ela as exibiu, balançando na frente dela.

- Tudo bem - ela disse. – Feliz?

As chaves balançando na frente dela causaram o suficiente para uma distração. Com as chaves ainda balançando e fazendo barulho diretamente em seu rosto, Avery não pode ver a tempo outro chave vindo em direção a seu rosto.

Erin tinha prendido a chave entre o dedo anelar e médio, usando como uma espécie de faca enquanto dava um soco no rosto de Avery.

Avery levantou a mão direita, mas não o suficiente. A chave atingiu sua testa. Não só arrancou um pedaço de pele, mas também doeu muito mais do que Avery pensou que podia. Era como ter sido atingida na cabeça por uma bala e aquilo a empurrou para trás.

Erin veio correndo na direção dela e mesmo que a primeira reação de Avery fosse atirar, ela resistiu. Se errasse o tiro e atingisse o congelador, não era preciso dizer o que aconteceria. Tudo que ela podia fazer era se recuperar e lutar.

Mas com um fino traço de sangue descendo da testa direto para seu olho, lutar era quase impossível. Ela se esquivou de um ataque de Erin, mas quando girou e se preparou para atirar uma bala que certamente acertaria a parede, Erin já havia atacando suas costas, a empurrando.

Avery voou para o outro lado do congelador. Quando o atingiu, alguma coisa fez um ruído estridente lá dentro. Ela pode também ouvir Erin vindo em direção dela, mas não podia ver. O mundo ficou vermelho e a dor de cabeça que passava seu crânio era como veneno.

Ela esperou até poder praticamente sentir a presença de Erin perto. Levantou a arma e atirou duas vezes. Ela ouviu um pequeno grito, mas então sentiu um golpe forte no lado direito de sua cabeça.

Avery tentou ficar de pé, mas assim que limpou o sangue em seu rosto, ela sentiu um cheiro. Era forte e poderoso e—

Clorofórmio caseiro, ela pensou, lembrando dos detalhes do relatório da perícia.

Assim que esse registro entrou em sua cabeça dolorida, ela sentiu um braço forte em volta de seu peito. Quando tentou lutar, quase escapou, mas os produtos químicos entraram em seu cérebro e ao invés de lutar para escapar, ela sucumbiu na escuridão.

Foi uma sensação que chegou rapidamente e a levou para longe da dor de cabeça, do sangue nos olhos e de seu amado, gravemente ferido, que ela deixara na esperança de solucionar aquele caso.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Avery sentiu que caiu e então alguma coisa dura atingiu suas costas. Ela tentou abrir os olhos com a dor nas costas e na cabeça. Havia também algo pegajoso em seu rosto que parecia impedir que ela abrisse os olhos. E com aquela sensação grudada, tudo veio à tona.

Ela finalmente conseguiu abrir os olhos. Sentou-se e sentiu como se estivesse bêbada. Ela agarrou a tampa aberta do congelador e tentou empurrar, mas viu que estava muito fraca.

Drogada, ela pensou. Clorofórmio. Tinha que lutar contra isso... ficar ali...

Ela olhou para fora e viu Erin puxando um corpo feminino pelo carpete da sala. Ela foi para o banheiro. A jovem moça era uma sombra clara azul e imóvel.

Ela estava aqui antes de mim, Avery pensou. Erin a tirou e me colocou dentro. Será que ela está viva? Tenho que—

Com a vista embaçada, ela viu Erin colocar a mulher no carpete e voltar correndo em direção a ela.

- Ah, não, não, não - Erin disse. Ela bateu forte no rosto de Avery, a mandando de volta para o fundo do congelador. Avery tentou se segurar, mas não tinha forças. Ela olhou para Erin de novo, bem a tempo de ver alguma coisa cair sobre ela. Algo que não fez sentido a princípio, mas quando ouviu um estalo metálico, ela percebeu o que estava acontecendo.

Ela estava fechada dentro do congelador – um criospa improvisado. Mas Erin não tinha intenção de a fazer parecer melhor ou ajuda-la a se livrar dos sinais de envelhecimento. Ela iria congelar até morrer. Já estava frio ali dentro, provavelmente porque o congelador estava ligado alguns momentos antes. Esse pensamento a levou a outro: ela estava sem roupas. Ela estava apenas com sutiã e calcinha. Contudo, ela estava aliviada de não ter sido limpa e tido os pelos raspados como as outras.

Aquilo a trouxe várias perguntas, que passavam por sua cabeça em um pânico desordenado.

Aquela mulher que Erin estava carregando pelo chão estava aqui. Ela já foi limpa e teve os pelos removidos? Ela está morta? Ela pode ser salva? O que vai acontecer comigo? Vou conseguir sair daqui?

Avery levantou as pernas, esperando conseguir ficar de joelhos e empurrar a tampa do congelador. Ela sabia que o cadeado poderia estar travando a porta, mas ela precisava pelo menos tentar.

No mesmo momento em que percebeu que não seria capaz de mudar de posição para empurrar a tampa, ela ouviu o som de um pequeno motor ligando em algum lugar muito próximo. Um segundo depois, houve um barulho crescendo dentro do congelador e o interior ficou mais frio imediatamente. Estava escuro, então ela não podia ver nada – mas ela sabia o que era. O que quer que tinha dentro do tanque estava sendo jogado para o congelador.

Nitrogênio líquido, ela pensou.

Avery respirou fundo várias vezes e tentou limpar a mente, tentando se livrar dos efeitos dos químicos que havia respirando. Aparentemente, fora uma dose pequena, talvez algo que tinha sobrado da outra mulher e foi usado às pressas.

Ela pensou em Ramirez, preso naquela cama de hospital.

Não pode ter sido a última vez que eu o vi...

Ela segurou um grito de surpresa e choque quando sentiu que o congelador estava ficando cada vez mais frio. Seu corpo começou a tremer. Ela fechou as mãos em punho, tentando se concentrar, tentando manter os pensamentos em ordem. Tinha que haver um jeito de sair dali. Mas como?

O congelador, ela pensou. *Ela fez isso sozinha. O tanque e os tubos que eu vi não eram profissionais, e nem o congelador. Se eu puder danificar isso de algum jeito...*

Era difícil, mas seria sua única chance.

Avery puxou as pernas para trás de novo, colocando os joelhos para cima. Ela deu um pontapé com toda a força que podia. Seus pés bateram na parte de trás do congelador, onde ela tinha visto o tanque acoplado. Seus pés doíam e cada movimento que ela fazia parecia ser impedido por um frio insuportável – um frio que ela nunca sonhou sentir.

Seus dentes tremiam. Ela sentia frio por toda parte, um frio que parecia que estar literalmente se infiltrando em sua pele e enchendo todos as articulações e músculos de seu corpo. Ainda assim, ela estava determinada e buscou forças do fundo do coração para dar outro chute com os dois pés. E depois outro e outro, vendo Ramirez na cama do hospital a cada sacudida.

O congelador tremeu com cada chute. Do lado de fora das paredes do congelador, ela mal podia ouvir a voz de Erin DeVoss. Ela estava gritando

para Avery parar, parar de chutar de dentro do congelador. Avery podia ouvir claramente agora, com a névoa de químicos se reduzindo agora a quase nada.

- Para com essa merda agora! – Erin estava gritando.

Sem chance, Avery pensou.

Ela recuou e chutou de novo, colocando toda a força que podia porque sentia que seu corpo não teria tanta força em breve por conta do nitrogênio.

Com o último chute, o barulho sibilante parou. Houve um breve estrondo e depois silêncio. Depois de alguns segundos, ela pode ouvir a voz de Erin de novo. Parecia muito chateada; irritada, de fato. Houve um ruído alto quando ela bateu na tampa do congelador.

Então Avery ouviu alguma coisa que acelerou seu coração – um barulho que ela não esperava escutar: o barulho das chaves. Ela ouviu uma agitação na frente do congelador. Pode imaginar Erin colocando a chave na fechadura, mas não pode imaginar o por quê.

Enquanto tudo aquilo aconteceu, ela também pode ouvir Erin falando alguma coisa repetidamente, quase como um mantra.

- Sua puta! Sua puta!

Ela me deixou apenas de roupa íntima, Avery pensou. *Ela tem minha arma. Eu quebrei seu congelador. Talvez ela vai me castigar. Talvez—*

Houve um click quando o cadeado foi aberto.

Querendo se mover apesar do frio paralisante, Avery puxou os joelhos uma última vez. Embora ela soubesse que não teria espaço suficiente para ficar agachada, ela tinha certeza de que tudo que precisava era pressão suficiente nos pés para se empurrar com força.

Era fazer isso, na hora certa.

Ainda tremendo e mal conseguindo *sentir* os pés, muito menos usa-los, Avery os empurrou para baixo do chão do congelador o máximo que pode. Ela se ergueu, empurrando os braços do chão. Ela tinha que agir no tempo certo ou iria morrer. Esse pensamento passou por sua cabeça como uma bala, até que Erin abriu a tampa do congelador.

No momento que Avery viu a luz do quarto do andar de baixo, ela saltou o máximo que pode. Erin, claramente não esperando aquilo, não teve tempo de se mover. O golpe de Avery não foi perfeito, mas ainda assim teve um impacto. Ao invés de dar um soco direto no queixo, o soco foi mais para a direita. Cortou o nariz de Erin de uma forma desajeitada, mas de efeito imediato.

Ela colocou as mãos no nariz enquanto o sangue fluía. Deu um passo para trás em choque, permitindo que Avery saísse do congelador. Seus membros ainda estavam chocados pelo frio. No entanto, ao invés de cair no chão, ela caiu numa mistura de braços, pernas e cabelo.

Aparentemente o frio havia estancado o sangramento de sua cabeça e sem sangue nos olhos, ela pode ver claramente Erin correndo em sua direção. Avery notou que ela não estava com a arma, o que provavelmente era sua única salvação. Erin levantou a perna e tentou chutar as costas de Avery. Ela conseguiu rolar, fazendo Erin errar o golpe por poucos centímetros.

Com cada movimento fora do congelador, o corpo de Avery parecia lembrar-se para o que servia. Quando ficou em pé, ela viu que um dos primeiros tiros que havia disparado antes havia atingido o ombro direito de Erin.

Eu tenho que explorar isso, Avery pensou enquanto Erin corria na direção dela novamente.

Avery atacou com a mão direita, atingido Erin diretamente no ferimento da bala no ombro dela.

Erin gritou e caiu de joelhos de dor. Era a oportunidade que Avery precisava.

Ela jogou o joelho para cima, atingindo o queixo de Erin. Antes que ela pudesse cair para trás no chão, Avery colocou o braço em volta do pescoço dela e a empurrou para o chão. Ali, ela aplicou um estrangulamento, um movimento que pareceu mais fácil do que ela pensava que seria fazer sem roupas.

Erin tentou lutar para sair, mas a pressa em tentar se livrar do golpe apenas piorou sua situação. No único momento em que ela se afastou, Avery moveu seu cotovelo para baixo até chegar no ferimento em seu ombro.

Demorou menos de um minuto até elas terminarem a briga e apenas mais dez segundos mais ou menos até Erin ficar inconsciente. Avery a segurou por mais alguns segundos para ter certeza. Com um suspiro e ainda tremendo, ela a soltou. Rolou e lentamente se levantou, apoiando-se no congelador.

Sem ter ideia de quanto tempo Erin DeVoss ficaria desacordada, Avery se alongou, se certificando de que tudo estava em perfeita ordem depois do frio. Quando sentiu-se confiante, procurou suas roupas.

Ela as encontrou no banheiro, ao lado de outra pilha de roupas. Eram roupas femininas de academia – aparentemente pertenciam a mulher da banheira. Quando Avery checkou os sinais vitais, viu que a mulher estava gelada. Avery detectou um pulso muito fraco e imaginou quanto tempo essa pobre mulher tinha ficado no congelador.

Ela estava no congelador quando eu e Erin descemos, ela pensou enquanto colocava as calças. Sentindo-se pelo menos um pouco de volta ao normal em relação à temperatura, ela pegou o telefone no bolso da jaqueta e ligou para O'Malley.

- Sim? – Ele disse. – Teve sorte?

Avery enfiou a camiseta pela cabeça. Ela encontrou sua arma em cima das roupas da outra mulher e a olhou estranhamente, imaginando por que Erin não tinha simplesmente matado ela. Será que ela, Avery, também seria uma peça da arte de Erin?

- Avery? – O'Malley disse do outro lado da linha,

- Desculpe - ela disse, fazendo o que podia para não chorar. – Estou aqui. – Ela finalmente disse. – Eu peguei ela.

- Pegou quem?! – Ele perguntou.

Ela prendeu a respiração.

- A assassina.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Avery se viu de volta no hospital naquela tarde, ironicamente, um andar abaixo de Ramirez. Uma enfermeira estava fazendo seis pontos na testa dela, onde Erin havia a atacado com a chave. Ela tinha sido examinada, mas estava bem.

Finley estava lá com ela, sentado em uma cadeira encostada na parede e olhando fotos de coisas que tinham sido tiradas na lata de lixo de Erin.

- Prato cheio para a imprensa - ele disse, mostrando a ela uma das páginas.

- O que é isso? – Avery perguntou, estremeecendo um pouco enquanto a enfermeira fazia o último ponto.

- O'Malley e alguns dos outros caras encontraram rascunhos de cada nota que Erin DeVoss enviou. Elas estavam amassadas no lixo. Uma delas parecia ter sido escrita depois de matar Patty Dearborne. Nesse rascunho, ela na verdade, até nos conta seus planos. Olha só: *Como capturar a beleza? Como recupera-la... para pegar dos menos favorecidos, aqueles sem cicatrizes, aqueles que não conhecem a dor. E se eu puder capturar a beleza delas, vou utiliza-las até que funcione. Vou domar a beleza e deixar a morte de joelhos.*

- Eles tiraram alguma coisa dela? – Avery perguntou.

- Nada... apenas um monte de coisas sem sentido como essa carta. Ela disse que nunca quis matar ninguém... que as mulheres que encontramos no gelo foram tentativas fracassadas de seu trabalho. Ela afirma que enviou as cartas para chamar atenção da mídia. Ela pensou que seu trabalho seria mal interpretado, mas seria apreciado um dia. Ela queria que todos vissem isso.

A enfermeira estremeceu enquanto finalizava seu trabalho.

- Terminamos aqui - ela disse. – Outro médico irá ver você logo para deixar você ir.

Avery apenas assentiu com a cabeça. Ela olhou para Finley e perguntou:

- Como está a garota que estava na casa de Erin?

- Não está bem. O nome dele é Melissa Carter e ela estava numa situação incerta na primeira hora depois que os paramédicos chegaram. Os médicos estão bastante certos de que ela vai melhorar, mas *estão* preocupados com danos cerebrais – mas só o tempo irá dizer.

- Obrigada, Finley.

- Claro. Agora, se você me dá licença, eu vou ligar para Connelly e atualiza-lo. Você precisa de alguma coisa?

- Não, obrigada. Estou bem.

Finley a deixou sozinha e Avery sentiu-se totalmente ansiosa para subir e ver Ramirez. Ela teve sorte, pois em menos de cinco minutos um médico entrou, a olhou e lhe deu alta.

Avery caminhou pelo corredor em direção ao elevador e viu Finley caminhando de volta para seu quarto.

- Eles te liberaram? – Ele perguntou.

- Sim. Estou subindo para ver Ramirez. Te vejo amanhã no trabalho.

- Ok - Finley disse. – Você sabe... com tudo que você passou, você provavelmente vai precisar ver Sloane.

Ela sabia que ele estava apenas sendo gentil e doce de sua maneira, mas alguma coisa naquele comentário não fazia sentido. Ele estava provavelmente certo, mas com tudo que ela estava passando – com Ramirez e essa promoção para sargento e arrumando as coisas com Rose – visitar uma psiquiatra com frequência era a última coisa que ela precisava.

- Vou pensar nisso - ela disse. – E você pode por favor me manter atualizada sobre o caso DeVoss até eu voltar amanhã?

- Claro. Se cuide, Avery.

Ele lhe deu um breve e estranho abraço antes de se virar e sair. Ela apreciou o gesto. Ele poderia ter entrado no elevador com ela, esperado sua vez para descer depois dela subir para ver Ramirez. Mas ele estava dando espaço a ela e ela dava valor a isso.

Subindo o andar, ela viu Ramirez nas mesmas condições de antes. Ela entrou no quarto lentamente e caminhou em direção ao seu corpo. Ela pegou a mão dele e a beijou.

- Então, eu peguei o assassino – ela disse. – É uma mulher. Eu tenho certeza que você teria me ajudado muito se estivesse lá.

Ela colocou a mão no bolso e tirou a caixa do anel. O pensamento de que ele tinha sido descartado com suas roupas no chão do banheiro de Erin DeVoss a fez arrepiar-se

- Eu não vou mentir - ela disse, balançando com os dedos. – Eu não sei o que eu diria. Mas se você se apressar e voltar logo para mim, nós podemos falar sobre isso. Pode ser?

Ela colocou a mão dele de volta na cama e sentou na mesma cadeira que tinha usado na noite anterior. Mesmo que ainda houvesse algumas horas antes de anoitecer, ela não tinha para onde ir. Ela sentou na cadeira ao lado da cama de Ramirez e pensou sobre tornar-se sargento e, além disso, como seria assumir uma nova posição no trabalho com um anel de noivado na mão.

Um leve sorriso apareceu em seu rosto quando ela percebeu que uma dessas conquistas era, de repente, muito mais atraente que a outra.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Avery estava se deliciando com um chai latte do Starbucks quando recebeu a primeira de três terríveis ligações às cinco para as oito da manhã.

Sua mente estava em outro lugar quando o telefone tocou. Ela estava pensando em como tinham sido as coisas com Erin DeVoss. Uma avaliação psicológica tinha descoberto uma série de problemas, que poderiam ser utilizados no tribunal para diminuir sua pena. Pelo que Avery sabia, no entanto, ela ainda assim ficaria confinada em uma ala psiquiátrica e, para Avery, aquilo já era uma vitória.

Nos interrogatórios, DeVoss havia contado sobre a infância traumática onde sua mãe, que desejava muito um filho homem para mimar depois que o pai dela tinha ido embora, começou a criar Erin como um garoto, indo até o ponto de mudar a escrita do nome dela para Aaron – um nome mais apropriado para um garoto. A cicatriz em seu rosto vinha de uma punição por fazer coisas de menina; sua mãe tinha colocado o rosto dela na boca do fogão ligada. Era uma história trágica, claro... mas muitos assassinos tinham histórias tristes e até onde Avery sabia, não era seu trabalho ser simpática. Era seu trabalho pega-los para evitar que eles causassem mais danos.

E nesse aspecto, Avery sentia que havia cumprido sua missão no caso de Erin DeVoss.

Quando o telefone tocou enquanto ela estava pegando o café com o barista, Avery torceu para que fosse o Dr. Chambers, contando para ela que Ramirez havia acordado e estava chamando por ela. No entanto, quando viu que era Rose, começou a se preocupar, já que a filha não costumava ligar tão cedo.

- Rose? – Ela disse, voltando para o carro com seu latte em uma mão e o telefone na outra. – É cedo. O que aconteceu?

- Desculpe por te ligar. É muito estúpido.

- O que é, Rose?

- É Marcus. Ele... eu não acho que ele quis fazer... mas ele me bateu.

Uma fúria invadiu por Avery como uma ventania quando ela sentou atrás do volante.

- Ele ainda está aí?

- Sim.

Rose começou a reclamar, mas Avery desligou na hora. Ela entrou na estrada como uma mulher possuída. Os pontos em sua cabeça estavam começando a coçar e ela sabia que isso significava que eles estavam cicatrizando. Eles pareciam pulsar ligeiramente enquanto ela dirigia, a lembrando que ela não era invencível e que dois dias atrás, ela estivera em uma situação precária. Talvez ela devesse ir devagar.

Eu vou me acalmar quando eu pegar meu lugar de sargento, ela pensou, já se ressentindo. *Além disso, vida pessoal e trabalho são duas coisas diferentes.*

Ela correu para o apartamento de Rose sem se importar com o limite de velocidade e parou bruscamente em frente ao prédio. Ela não perdeu tempo com o elevador quando chegou na entrada. Foi direto pelas escadas. Quando o telefone tocou de novo, viu se era, dessa vez, o Dr. Chambers. Quando viu que era Rose de novo, ignorou e subiu os três lances de escada até o apartamento da filha.

Ela bateu na porta e foi atendida rapidamente. Rose parecia nervosa e com medo. Mas havia também uma marca vermelha do lado do seu rosto.

Avery olhou com sarcasmo e perguntou:

- Ele ainda está aqui?

- Sim. Eu não falei para ele que você estava vindo porque eu esperava que você repensasse e—

Avery caminhou pela pequena entrada e pela sala de estar, onde viu Marcus sentado no sofá. Ele estava com um notebook nas pernas, assistindo a um vídeo no YouTube.

Ele olhou para cima e aparentemente viu o olhar no rosto de Avery. Ele colocou o notebook de lado e levantou.

- Sra. Black, eu não queria fazer isso. Foi só um—

Ao invés de dar um soco nele e causar um estrago sério, ela deu um tapa com a mão aberta forte em seu rosto. Ele olhou para ela em choque e com ravia por uma fração de segundo, um sentimento que rapidamente se transformou em constrangimento e medo. Ela ficou orgulhosa com o fato de que a parte de baixo dos lábios dele começou a tremer.

- Não se atreve a tentar me dizer que foi um acidente - Avery disse.

- Mãe - Rose disse, correndo para a sala. Mas isso foi tudo que ela pode dizer quando viu o olhar determinado no rosto de sua mãe.

- Bem, não foi de propósito - Marcus disse, com os lábios ainda tremendo. - Eu amo Rose e nunca iria machuca-la. Eu não... eu não sei o

que eu estava pensando.

Ela deu um soco nele e se sentiu muito bem. O golpe foi direto no nariz, que quebrou. Ele rugiu de dor e tropeçou para trás. Antes que pudesse se afastar, ela estendeu a mão e o puxou pelo pescoço. Apertou forte, apertando os nervos e o colocando de joelhos. Ele gritou de dor de novo, mas dessa vez foi um grito abafado, já que as mãos dele estavam no nariz, segurando o sangue.

- Que merda é essa? – Ele gemeu.

- Saia, Marcus,- Avery disse. – E se você pensar em me denunciar por bater em você, saiba que eu tenho amigos em todo lugar. Amigos que você não quer contra você. Agora... peça desculpas para minha filha.

- Eu já pedi! Eu falei para ela que eu estava—

- Eu disse saia, - Avery disse.

- Vai, Marcus - Rose disse. – Saia antes que ela *realmente* te dê um chute na bunda.

Marcus se levantou e fez aquilo. Ele deu uma olhada final para as duas antes de sair.

- Mãe... você não precisava - Rose disse. – Mas eu não vou fingir que eu não gostei de ver aquilo. Foi tipo incrível.

- Rose, nenhum homem tem o direito de colocar as mãos em você assim. Você não pode—

O telefone dela tocou de novo, a interrompendo. Quando ela olhou, viu o número que estava esperando... um número que ela não tinha salvo, mas reconheceu na hora. Era do hospital.

- Alê? – Ela atendeu.

- Detetive Black, é o Dr. Chambers. Houve algumas complicações com o seu parceiro e nós teremos que o levar agora para cirurgia.

- O que? – Avery disse, sentando-se no sofá de Rose.

- Ele teve uma insuficiência cardíaca cerca de vinte minutos atrás. Ele está sendo preparado agora e eu vou operar. É uma cirurgia de risco, mas sem isso, ele não vai durar mais uma hora. Eu pensei que você gostaria de saber.

Avery já estava na metade da sala antes de dizer “Obrigada” e encerrar a ligação.

- Mãe? O que aconteceu? – Rose perguntou.

- Ramirez... ele está—

- Quer que eu vá com você?

Avery balançou a cabeça, lutando para conter as lágrimas, e saiu do apartamento. As escadas não eram nada além de borrões enquanto ela descia. Ela sentiu as lágrimas caindo enquanto saía do saguão em direção ao carro.

Assim que sentou atrás do volante e colocou o cinto de segurança, ela recebeu a terceira ligação ruim da manhã. Ela atendeu o telefone com as mãos tremendo, de número desconhecido. Ela quase não atendeu, mas pensou que podia ser alguém do hospital com alguma novidade.

- Alô? – Ela perguntou, fazendo o que pode para manter a voz normal.

- Sim, é Avery Black? – Uma voz masculina perguntou.

- Sim - ela disse.

- Detetive Black, sou o Nathan Everson da Prisão de South Bay. Nós temos um... bem, estamos com uma tempestade por aqui e achamos que você gostaria de saber.

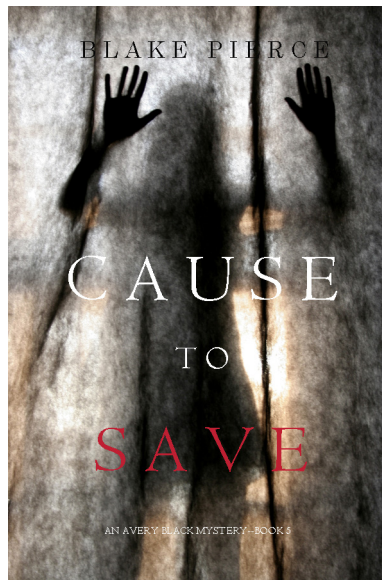
- O que é? – Ela perguntou, com a mente ainda em Ramirez e querendo chegar perto dele o mais rápido possível.

- Bem, é Howard Randall.

- O que aconteceu?

Houve uma pesada pausa na linha antes de Everson responder.

- Não temos ideia de como isso aconteceu - ele disse, - mas Howard Randall escapou.



RAZÃO PARA SALVAR
(Um Mistério de Avery Black – Livro 5)

“Uma história dinâmica que te prende no primeiro capítulo e não te solta mais.”

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Once Gone)

Essa é a nova obra prima de suspense psicológico do autor de *best-sellers* número 1, Blake Pierce: RAZÃO PARA SALVAR (Um Mistério de Avery Black – Livro 5).

Em RAZÃO PARA SALVAR, o assassino Howard Randall escapa, e a cidade inteira de Boston está em perigo. Mulheres estão sendo brutalmente assassinadas, e todo mundo suspeita que Randall está agindo novamente.

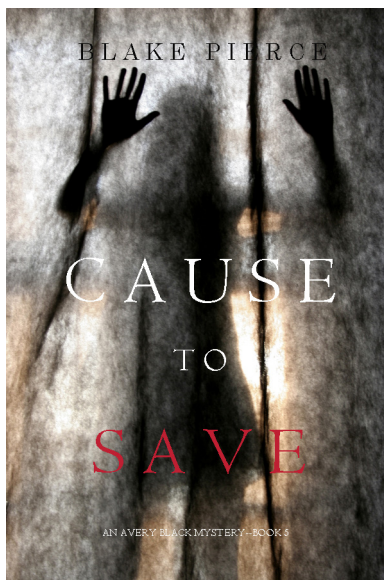
Quando a detetive de homicídios mais brilhante e controversa de Boston—Avery Black—é perseguida, e quando pessoas próximas a ela são brutalmente mortas, uma a uma—parece que o maior medo da cidade está se confirmando.

Mas Avery tem suas dúvidas. Os assassinatos a lembram de algo que ela viu no passado. Fazem com que ela lembre de algo muito próximo de seu coração—algo relacionado com um segredo que ela achou que já tinha enterrado há muito tempo...

O livro mais fascinante e chocante da série, uma história psicológica, um suspense de acelerar o coração, **RAZÃO PARA SALVAR** vai fazer você ler páginas e páginas noite adentro.

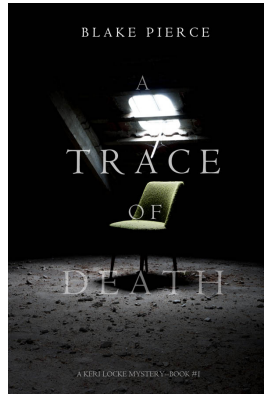
“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)



RAZÃO PARA SALVAR
(Um Mistério de Avery Black – Livro 5)

JÁ DISPONÍVEL!



RASTRO DE MORTE
(Um Mistério de Keri Locke – Livro 1)

“Uma história dinâmica que prende a atenção desde o primeiro capítulo e não te solta mais.”

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Once Gone)

Do autor de suspense número 1, Blake Pierce, a nova obra-prima do suspense psicológico.

Keri Locke, Detetive de Pessoas Desaparecidas da Divisão de Homicídios na Polícia de Los Angeles, continua assombrada pelo desaparecimento de sua filha, anos antes, que nunca foi encontrada. Ainda obcecada em encontrá-la, Keri esconde sua dor da única maneira que consegue: entrando de cabeça em casos de pessoas desaparecidas em Los Angeles.

Uma ligação rotineira de uma mãe assustada de uma estudante do ensino médio, desaparecida há apenas duas horas, deveria ser ignorada. Mesmo assim, algo na voz daquela mãe desperta um sentimento diferente, e Keri decide investigar.

O que ela encontra a deixa chocada. A filha desaparecida—de um senador proeminente—estava escondendo segredos que ninguém sabia. Quando

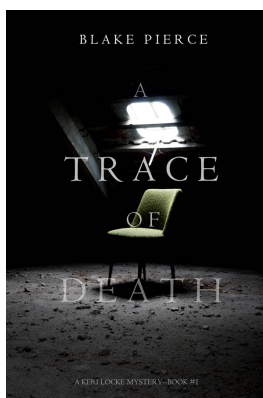
todas as evidências levam a crer que a menina fugiu, Keri é retirada do caso. Mesmo assim, obcecada, ela se recusa a desistir. Ela sabe que tem apenas 48 horas se quiser ter alguma chance de trazer essa garota de volta com vida.

Uma história psicológica obscura com um suspense perturbador, TRACE OF DEATH (Rastro de Morte) marca o início de uma nova série fascinante e de uma nova personagem amada, que o fará ler páginas e páginas noite adentro.

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. A história é muito interessante e vai lhe entreter durante todo o livro. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)

O Livro 2 da Série Keri Locke estará disponível em breve.



RASTRO DE MORTE
(Um Mistério de Keri Locke – Livro 1)

Você sabia que eu já escrevi muitas histórias de mistérios? Se você não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download do primeiro livro de cada uma delas!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)